

SELETA – TEXTOS SOBRE O BRASIL
Euclides da Cunha



SELETA — TEXTOS SOBRE O BRASIL
Euclides da Cunha

Prefácio: Mayara Ribeiro





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

Correios



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.



Apresentação	xi
Prefácio – Mayara Ribeiro	xiii
A nossa vendeia	3
I	3
II	8
Fronteira sul do Amazonas	15
Questão de limites	15
Contrastes e confrontos	22
Conflito inevitável	28
Contra os caucheiros	34
Entre o Madeira e o Javari	39
Plano de uma cruzada	45
I	45
II	51
Solidariedade sul-americana	62
O ideal americano	67
Nativismo provisório	73
Na Amazônia – terra sem história	79
Impressões gerais	79
Rios em abandono	98
Um clima caluniado	114
Os caucheiros	129

Judas-ahsverus	145
“Brasileiros”	153
Transacriana	170
O inferno verde	187
Os trabalhos da comissão brasileira de reconhecimento do Alto Purus	198
Entre os seringais	205

A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

Paulo de F. Ribeiro
Presidente
Fundação Darcy Ribeiro

Em 1896, na região de Canudos, sertão da Bahia, inicia-se a Guerra de Canudos, que vitimou dezenas de milhares de pessoas, entre soldados e civis, e na qual, por três vezes, a força do exército brasileiro foi derrotada por um grupo de indigentes, fanáticos religiosos, seguidores de um líder “delirante” e eloquente que, naquele período, era considerado apenas um monarquista retrógrado, “falso apóstolo”, fruto da “sociedade que o criou”. As palavras de Euclides da Cunha, publicadas em *Os Sertões*, obra que projetou o engenheiro fluminense no cenário brasileiro das Letras, em 1902, ecoam as vozes do cientificismo, do positivismo e dos demais discursos de sua época com a intenção de denunciar o racismo e o reacionarismo da elite dominante explícitos tanto na descrição de Antonio Conselheiro, como na narração da própria guerra.

A crítica literária euclidiana, desde o artigo de Araripe Júnior (1903), aponta as aproximações entre o conteúdo histórico, científico e ficcional na obra de Euclides, estabelecendo conexões com a obra historiográfica de Xenofonte, de um lado, e com as obras literárias de Flaubert e Walter Scott, de outro, para citar alguns exemplos, assinalando a dupla inscrição do texto e a dificuldade de sua classificação entre os gêneros literários. A oscilação entre o papel de escritor e cientista marca profundamente a vida e a carreira deste escritor que incessantemente defendeu e praticou o consórcio entre ciência e arte.

A fortuna crítica euclidiana sempre foi unânime em apontar o extraordinário conhecimento científico acumulado por Euclides da Cunha ao longo de sua vida, sobretudo no estudo da geografia, da geologia e da história brasileiras e na contribuição deixada pelo autor em documentos oficiais encontrados no Itamaraty. É notória a sua participação como membro do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo e do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas e, ainda, como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, em 1905, que demarcou o limite deste rio, nas fronteiras entre o Peru e o Brasil, chegando a pontos da bacia nunca antes atingidos. Nessa expedição, cujo *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus* foi escrito pelo próprio Euclides, o autor de *Os sertões* conseguiu o reconhecimento da comunidade científica ao realizar a descoberta de um novo dado geográfico: a independência da bacia do Rio Purus em relação ao Rio Madre-de-Dios, da bacia do Rio da Prata, e a proximidade das nascentes dos rios Purus, Madre-de-Dios e Ucaiale.

As considerações de Euclides da Cunha sobre o Rio Purus, como apontam estudos críticos euclidianos, mostram, por exemplo, a atualização do autor em relação às teorias hidrográficas mais respeitadas da época, o que levou Roquete Pinto a tecer comentários sobre o caráter de inovação das pesquisas feitas por Euclides. Tais informações registram a importância de sua atuação no cenário científico e cultural da época, além de apontarem para a contribuição oficial dada por Euclides às noções geográficas dos estudos científicos no Brasil.

É no artigo publicado em *O Estado de São Paulo* no dia 14 de março de 1897, intitulado “A Nossa Venda”, presente nesta Seleta, e depois na “Caderneta de Campo” e no “Diário de uma Expedição”, que temos notícia do trabalho de pesquisa antecipada realizada por Euclides, antes mesmo de chegar a presenciar a batalha de

Canudos, o que só ocorreu nos sete últimos dias da guerra. Neste artigo, o autor compara os acontecimentos envolvendo a Guerra de Canudos ao levante de camponeses, opositores da República Francesa, na região da Vendaia, cem anos antes dos episódios no sertão da Bahia. A apresentação detalhada do meio ambiente e a relação entre natureza e homem abordadas no ensaio antecipam as páginas de *Os Sertões*. Solidamente amparado pelas pesquisas científicas a que sempre recorria, por mapas, croquis e tratados que estudou e que ele próprio produziu, demonstrava, ao percorrer as regiões do sertão baiano em sua expedição, um conhecimento bastante vasto sobre seu objeto de pesquisa. Apesar de sua principal obra ser sido publicada somente cinco anos depois da viagem a Canudos, a “Caderneta de Campo” e o “Diário de uma Expedição” indicam o estudo prévio da região e guardam valiosas observações que revelam a base teórica e a sólida formação científica presentes nas ideias de um pensador brasileiro consciente de sua tarefa.

Constante fonte de informação para o autor, viajantes naturalistas como Auguste de Saint-Hilaire, Carl Von Martius, Johann von Spix, e cientistas brasileiros como Joaquim Caminhoá, Teodoro Sampaio, José Carlos de Carvalho, registraram importantes dados sobre a geografia, a botânica, a constituição geológica, o clima das paragens do norte-nordeste do Brasil que Euclides assimilou e incorporou em suas pesquisas científicas. Amigo e interlocutor de grandes personagens da época como o engenheiro Teodoro Sampaio, o geólogo Orville Derby, o botânico Alberto Loefgren, o zoólogo Emílio Goeldi, entre outros, Euclides esteve sempre à frente de seu tempo, tanto como homem de ciência, quanto homem de letras. Se, à época em que viveu e atuou, a literatura florescia em narrativas naturalistas e crônicas de viagem, sua produção, no entanto, encontra-se fora de qualquer margem definidora de gênero. O autor fluminense legou-nos uma obra

que articula múltiplas e diferentes máscaras narrativas, tantas quanto necessárias para explicar o complexo racial e identitário brasileiro – lição certamente aprendida com seu mestre, Machado de Assis – e para mostrar que a batalha histórica que o Brasil inteiro assistia transcendeu o fim desejado por todos e subvertido por Euclides. No conflito entre o Brasil oficial e oligárquico e o Brasil popular, à margem, entre a elite cultural e econômica e conselheiristas revoltosos, o embate real vivido pelo Brasil revelou a luta entre civilização e barbárie, em cujo desfecho os bárbaros saíram vitoriosos.

A complexidade do problema etnológico do Brasil, abordada em *Os Sertões*, pode ser constatada na afirmação que o autor faz a respeito da origem das raças, antecipando o debate posteriormente desenvolvido por sociólogos e etnólogos brasileiros do século XX: “A gênese das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos. Está apenas delineado”. Por esse depoimento, Euclides da Cunha principiará sua exposição sobre a composição do povo brasileiro, formado do entrelaçamento complexo de três elementos, o que lhe conferirá caráter identitário ainda em constituição. E o sertanejo é o representante eleito para configurar essa mistura. A multiperspectivação dos pontos de vista dinamicamente inseridos em *Os Sertões* possibilita a apropriação dos instrumentais da astronomia, da biologia, da geologia, da botânica, da arqueologia para explicar a constituição da terra brasileira associados a linguagens que passam pelo conteúdo bíblico, folclórico, teatral, militar, épico e que Euclides utiliza como forma de articular diferentes linguagens e perspectivas.

Os personagens que figuram em *Os sertões* são apresentados como *dramatis personae* que encenam esse “emocionante drama da nossa história”. Se, na obra, a terra, o solo, a flora, a fauna, o clima, os ventos, as bacias e rios, toda a geografia, o próprio Planalto

Central, revelam-se como os principais agentes que elencam e preparam o palco para o teatro da guerra a se desenrolar nas paragens brasileiras, logo em seguida entra em cena o homem, representado pela figura do sertanejo, de Antônio Conselheiro e dos tenentes, generais e comandantes do exército: Frederico Sólón, Febrônio de Brito, Moreira César, Pedro Nunes Tamarindo, a simular o drama histórico, social e cultural vivido pelo território brasileiro na virada do século.

A mesma complexidade do todo está contida em suas partes. Pela observação da estrutura climática do território brasileiro o autor constata que se o clima é a “tradução fisiológica de uma condição geográfica” e se a estrutura climática brasileira apresenta um “contraste empolgante”, entende-se que o contraste presente também na composição da flora, da fauna, e do relevo, é o mesmo encontrado entre o sertão e a costa, e é o mesmo encontrado na formação de povo e raça brasileiros, seja no sertão baiano, seja na selva amazônica.

Tais reflexões comparecem com a mesma intensidade nos ensaios, artigos e fragmentos deixados por Euclides em seus textos amazônicos. A preocupação com a busca de um princípio de formação na natureza, presente nas narrativas sobre o sertão nordestino, pode ser verificada também nos textos que Euclides da Cunha deixou sobre a Amazônia. A partir de 1904, o autor começa a produzir ensaios sobre esta região esquecida, dispersos em crônicas, jornais, relatórios, cartas e prefácios. Alguns deles foram posteriormente reunidos nas obras *À Margem da História*, *Contrastes e Confrontos*, *À Margem da Geografia*. O propósito que o motivou a escrever *Os Sertões* ampliou-se em um projeto de profunda pesquisa sobre a terra transitória da Amazônia, desconhecida dentro e fora do Brasil, e que Euclides ajudou a compreender e quis retratar em um livro nunca escrito intitulado *Um Paraíso Perdido*. A morte prematura, em 1909, entretanto, não lhe

permitiu concretizar seu projeto. Os artigos aqui selecionados reúnem, em sua maioria, esta “prosa perdida” anunciadora de um paraíso esquecido e revisitado por Euclides. São compostos pelos chamados “ensaios amazônicos”, e pelos textos “Planos de uma Cruzada”, “Solidariedade Sul Americana”, “O ideal americano” e “Nativismo provisório”, ensaios esparsos onde Euclides volta a criticar o alheamento engendrado pelo próprio homem brasileiro em relação à sua terra e a conseqüente cultura de empréstimo, que preza o culto ao estrangeirismo, introduzida nas terras americanas colonizadas.

Dentre os “ensaios amazônicos”, encontra-se o único texto pré-amazônico, publicado em *O Estado de São Paulo*, em 14 de novembro de 1898, intitulado “Fronteira Sul do Amazonas. Questão de Limites”, no qual Euclides comenta o livro homônimo de Manuel Tapajós que trata dos conflitos entre os estado do Amazonas e do Mato Grosso. Os outros artigos selecionados, que envolvem as relações entre Brasil, Peru e Bolívia, são escritos a partir das viagens empreendidas por Euclides junto a comissões de delimitação de fronteiras amazônicas, sobretudo a partir de sua nomeação, por parte do Barão do Rio Branco, para chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, entre 1904 e 1905. Por trás de todo o esforço de investigação do território brasileiro revela-se também a busca das raízes e origens não só da identidade nacional brasileira, mas do homem e continente americanos.

A Natureza que chega pelos ensaios de *Contrastes e Confrontos* representa o lugar do caos, da desordem, da contínua formação e deformação, onde o espaço se reorganiza. Rios, bacias, topografia sofrem processo de transformação de tempos em tempos, tendo a mobilidade como característica inapelavelmente intrínseca. A flora sofre o mesmo processo: o de uma “imperfeita grandeza”. À parte de tudo isso está o Homem, intruso na Amazônia. O desolamento das paragens do norte é tão grande que a presença

humana é tragada pela infinitude da Natureza: “O homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando seu mais vasto e luxuoso salão.”

O mesmo processo pode ser verificado nos sete estudos que compõem a primeira parte de *À Margem da História*. Nestes ensaios, o autor denuncia o descaso e negligência reservados aos sítios e homens do norte; apesar de a Amazônia ser “a paragem mais perlustrada dos sábios” é também “a menos conhecida”. E continua: “A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la, ficará, ao cabo desse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso”.

Euclides, no entanto, deseja enxergar ainda o lado oposto desse mundo maravilhoso, que se constitui também como um “paraíso diabólico”. Denuncia a miséria do indivíduo que, nesse espaço corrompido e profanado pelos donos de seringais – metáfora do homem profano que destitui de significado o espaço, o tempo, a natureza e a própria existência – “trabalha para escravizar-se”. Esse o quadro real que vê. O endividamento antecipado do imigrante, a escravização, a morte em vida são realidades inolvidáveis e que tornam o seringueiro um “lutador excepcional”. Euclides termina seus ensaios reclamando a urgência de se redimensionar e regenerar esse espaço para que o homem que ali forma uma “sociedade obscura e abandonada” possa novamente retomar o seu consórcio definitivo com a terra, interrompendo a dinâmica da escravização do homem e da mortificação da natureza.

A denúncia do abandono de uma sociedade organizada no interior do Brasil e a renúncia ao esquecimento das almas dos mártires da Guerra de Canudos e das vidas escravizadas e exploradas dos seringueiros amazonenses é a mensagem que o Rio Amazonas

leva pelo seu curso afora, metáfora de um paraíso perdido. Marcada em nossa retina permanece a imagem deste rio, descrita por Euclides em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1906, quando afirma: “com os olhos ardidos de insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas... Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira [...] Atentei outra vez nos baixios, indecisos, nas ilhas ou pré-ilhas meio diluídas nas marejadas – e vi a gestação de um mundo”.

MAYARA RIBEIRO É PROFESSORA DE LITERATURA BRASILEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. DOUTORA EM LETRAS PELA UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.

SELETA — TEXTOS SOBRE O BRASIL 
Euclides da Cunha



I¹

O relatório apresentado em 1888 pelo Sr. José C. de Carvalho sobre o transporte do meteorito de Bendegó, os trabalhos do ilustre professor Caminhoá e algumas observações de Martius e Saint-Hilaire fazem com que não seja de todo desconhecida a região do extremo norte da Bahia determinada pelo vale do Irapiranga ou Vaza-Barris, rio em cuja margem se alevanta a povoação que os últimos acontecimentos tornaram histórica – Canudos.

Pertencente ao sistema huroniano ou antes erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano, pela ocorrência simultânea de quartzitos e gnaisses graníticos característicos, o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez mais do que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas.

Embora com a regularidade que lhes é inerente passem sobre ele impregnados de umidade adquirida em longa travessia do Atlântico, na direção de noroeste, os ventos alísios – a ação benéfica destes é em grande parte destruída, simultaneamente, pela disposição topográfica e pela estrutura geognóstica da região.

1 *O Estado de São Paulo*, 14 mar. 1897.

Assim é que falta a esta, talvez, correndo em direção paralela à costa, uma alta cadeia de montanhas – destinadas na física do globo a individualizar os climas, segundo a expressão sempre elegante de Humboldt – na qual refletindo ascendem aquelas correntes às altas regiões aonde um brusco abaixamento de temperatura, determinado pela dilatação num meio rarefeito, origine a condensação dos vapores e a chuva.

A observação do relevo da nossa costa justifica em grande parte esta hipótese despreziosamente formulada. De fato, terminada a majestosa escharpa oriental do planalto central do Brasil, a Serra do Mar, que desaparece na Bahia, diferenciada em serras secundárias, acentua-se de modo notável para o norte a depressão geral do solo de ondulações suaves, patenteando num ou noutro ponto apenas, sem continuidade, as massas elevadas do interior.

Por outro lado, a estrutura geognóstica daquela região, composta em grande parte de rochas dotadas de alto poder absorvente para o calor, determina naturalmente a ascensão quase persistente de grandes colunas de ar, ardentíssimas, que dissipam os vapores ou afastam as nuvens que encontram.

Da concorrência de tais fatos, acreditamo-lo, resulta provavelmente a causa predominante das secas que periodicamente assolam aquelas paragens, estendendo-se com maior intensidade aos estados limítrofes do interior.

Daí a aridez característica, em certos meses, dos sertões do Norte.

Nessas quadras a relva requeimada, através da qual, como única vegetação resistente, coleiam cactos flageliformes reptantes e ásperos, dá aos campos revestidos de uma cor parda intensa, a nota lúgubre da máxima desolação; o solo fende-se profundamente, como se suportasse a vibração interior de um terremoto; as árvores desnudam-se, despidas das folhagens, com exceção do juazeiro de folhas elípticas e coriáceas, – e os galhos que morreram ficam

por tal modo secos que, em algumas espécies, basta o atrito de um sobre outro para produzir-se o fogo e o incêndio subsequente de grandes áreas.

E sobre as chapadas desertas e desoladas alevantam-se quase que exclusivamente os mandacarus (*cereus*) silentes e majestosos; árvores providenciais em cujos galhos e raízes armazenam-se os últimos recursos para a satisfação da sede e da fome ao viajante retardatário – cactáceas gigantes que, revestidas de grandes frutos de um vermelho rutilante e subdividindo-se com admirável simetria em galhos ascendentes, igualmente afastados, patenteiam a conformação típica e bizarra de grandes candelabros firmados sobre o solo... “Então”, diz Saint-Hilaire, “um calor irritante acabrunha o viajante, uma poeira incômoda alevanta-se sob seus passos e algumas vezes mesmo não se encontra água para mitigar a sede. Há toda a tristeza de nossos invernos com um céu brilhante e os calores do verão”.

Sem transição apreciável, entretanto, a estas secas intensas e nefastas, sucedem, bruscamente às vezes, as quadras chuvosas e benéficas: impetuosas correntes rolam sobre o leito de rios que dias antes ainda completam secos davam ideia de largas estradas tortuosas, lastradas de quartzo fragmentado e grés duríssimo, conduzindo a lugares remotos do sertão.

E sobre os campos, em cujo solo depauperado vingavam apenas bromélias resistentes e cactos esguios e desnudos, florescem o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) de saboroso fruto e folhas dispostas em palmas; a jurema (*acacia*) predileta dos caboclos e os mulungus interessantíssimos em cujos ramos tostados e sem folhas desdobram-se como flâmulas festivas grandes flores de um escarlate vivíssimo e deslumbrante.

“O ar que então se respira”, diz o ilustre professor Caminhoá, “tem um dos mais agradáveis e esquisitos. Uma temperatura de 16° a 18° à noite e pela manhã obriga a procurar agasalho aos que

poucos dias antes dormiam ao relento e com calor. As aves que tinham emigrado para as margens e lugares próximos dos rios e mananciais voltam a suas habitações. Foi ali que compreendemos quanto é bem dado aos papagaios o nome específico de *festivus*. Com efeito, quando chegam os bandos destas aves a gritarem alegremente, acompanhadas de um sem-número de outras, começam logo a se animar aquelas paragens e como que a natureza desperta.

“Então, o sertanejo é feliz e não inveja nem mesmo os reis da terra!”

Como se vê naquela região, intermitentemente, a natureza parece oscilar entre os dois extremos – da maravilhosa exuberância à completa esterilidade. Este último aspecto, porém, infelizmente, parece predominar.

A este inconveniente alia-se um outro, derivado da disposição geral do terreno. Assim é que de todo contraposta à topografia habitual dos nossos campos do Sul — ligeiramente ondulados e descambando em suaves declives para os inúmeros vales que os rendilham, caracterizam-se aqueles pelas linhas duras e incisivas das fundas depressões, terminando os tabuleiros bruscamente em escarpas abruptas, separando-se os cerros por desfiladeiros estreitos, flanqueados de gretas cavadas a pique...

Com muito maior intensidade que no Sul observa-se ali a ação modificadora dos elementos sobre a terra.

Nos lugares em que a ação mecânica das águas determinando uma erosão mais enérgica faz despontar a rocha granítica subjacente, observa-se quase sempre um fenômeno interessante. Esta última apruma-se, largamente fendida em direções quase perpendiculares dando a ilusão de lanços colossais e semiderruídos de ciclópica muralha, nos quais as lajes enormes dispõem-se às vezes umas sobre outras, com admirável regularidade. Este fato, largamente observado por Livingstone nas baixas latitudes africanas, traduz a inclemência do meio.

Patenteia a alternativa persistente do calor dos dias ardentíssimos e o frio da irradiação noturna de onde resulta a disjunção da rocha em virtude deste jogo perene de dilatações e contrações.

Estes rudes momentos, aos quais não se equiparam talvez os dolmens da Bretanha, quebram em grande parte a monotonia da paisagem avultando, solenes, sobre o plano das chapadas...

É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão, que se agitam nos tempos de paz e durante as estações das águas, na azáfama ruidosa e áacre das vaquejadas os rudes sertanejos completamente vestido de couro curtido – das amplas perneiras ao chapéu de abas largas – tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rés alevantada, e pendente, à cinta, a comprida faca de arrasto, com que investe e rompe intrincados cipóais.

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam.

O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendeia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império.

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O *chouan* fervorosamente crente ou o tabaréu fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.

A justeza do paralelo estende-se aos próprios reveses sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa,

quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendaia – heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas...

Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins.

Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova.

II²

Sob este título, há tempos, ao chegar a notícia de lamentável desastre, descrevemos palidamente a região onde nesta hora, com extraordinário devoramento, batem-se as forças republicanas.

Adotemo-lo de novo.

Infelizmente prevíamos os perigos futuros e aquela aproximação histórica, então apenas esboçada, acentua-se definitivamente.

A situação não pode, entretanto, surpreender a ninguém.

Os tropeços que se antolham às forças da República, a morosidade das operações de guerra e os combates mortíferos realizados, surgem naturalmente das próprias condições da luta, como um corolário inevitável.

O nosso otimismo impenitente, porém, que preestabelecera às marchas das colunas do General Artur Oscar, a celeridade e o destino feliz das legiões de César, mal sofria uma nova desilusão e caracteriza como um insucesso, como um prenúncio inequívoco de derrota, o que nada mais é do que um lento para a vitória.

Esquecemo-nos de exemplos modernos eloquentíssimos. A Inglaterra enfrentando os zulus e os afgãs, a França em Madagáscar e a Itália recentemente, às arrancadas com os abissínios,

2 *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 jul. 1897.

patenteiam-nos entretanto reveses notáveis de exércitos regulares aguerridos e bravos e subordinados a uma disciplina incoercível, ante os guerrilheiros inexpertos e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desaparecendo, intangíveis quase, num dédalo impenetrável de emboscadas.

A profunda estratégia europeia naquelas paragens desconhecidas é abalada por uma tática rudimentar pior do que a tática russa do deserto.

De fato, nada pode perturbar com maior intensidade o mais seguro plano de campanha do que esse sistema de guerra que sem exagero de frase se pode denominar – a tática da fuga – na qual, adaptadas de um modo singular ao terreno e invisíveis como misteriosas falanges de duendes, as forças antagonistas irrompem inopinadamente de todas as quebradas, surgem de modo inesperado nas anfractuosidades das serras, nas orlas ou nas clareiras das matas e, fugindo sistematicamente à batalha decisiva, diferenciam e prolongam a sucessão ininterrupta de combates rápidos e indecisos.

A organização mais potente de um exército, que é um organismo superior com órgãos e funções perfeitamente especializadas, vai-se, assim, em sucessivas sangrias, deperecendo até a adinamia completa, ante as hostes adversárias, de uma organização rudimentar, cuja força está na própria inconsistência, cujas vantagens estão na própria inferioridade e que, desbaratados hoje, revivem amanhã, dos próprios destroços, como pólipos.

Ora, quem observa, esclarecido embora por escassas informações, a disposição topográfica desse trecho dos sertões da Bahia, para o qual se dirige agora toda a atenção do nosso país, reconhece de pronto, que ele se presta de modo notável à guerra de recursos com todo o seu cortejo de reveses.

Sem um sistema orográfico definido, na significação rigorosa do termo, a região caracteriza-se, de um modo geral, pela feição

caótica e acidentada que lhe imprimiu o tumulto das águas nas épocas remotas em que a ação violenta destas, arrastando as camadas de grés que a revestiam, desnudou-a em muitos pontos, aprofundando-se em outros segundo a resistência variável das rochas até aos terrenos mais antigos.

Daí o seu aspecto bizarro e selvagem.

Em que pese à sua imobilidade aparente, a natureza, ali, nas linhas vivas dos *plateaux* que terminam bruscamente em paredões a prumo, separadas pelos vales profundos a que ladeiam escarpas abruptas e a pique, cindida pelas quebradas ou pelos desfiladeiros que recortam as serras, aprumando-se mais longe em afloramentos imensos de gnaisses “cujas formas fantásticas recordam ruínas ciclópicas” – parece haver estereografado toda a desordem, toda a ação violenta e atumultuada dos elementos que a assaltaram.

A Serra do Aracati, agremiação incoerente de serrotes contornando as caatingas que se desdobram até o Irapiranga, na direção média de NE, inflete vivamente antes de chegar a Monte Santo, numa direção perpendicular à anterior e subdividindo-se em morros isolados, mas próximos, determina entre aquela localidade e a de Canudos a linha mais acidentada, talvez, de toda a zona.

Prolongando-se para o norte, ao atingir o morro da Favela, eixo das operações do nosso exército, os grandes acidentes de terreno derivam para leste e depois para o norte e subseqüentemente para noroeste, como que estabelecendo em torno de Canudos um círculo de cumeadas, cortado pelo Vaza-Barris em Cocorobó.

A marcha do exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas.

Não é difícil aquilatar-se a imensa série de obstáculos que a perturba.

Por outro lado, na quadra atual, sob o influxo das chuvas, revestem-se os amplos tabuleiros, as encostas das serras e o fundo dos vales, de uma vegetação exuberante e forte, vegetação

intensamente tropical, cerrados extensos impenetráveis, em cujo seio a trama inextrincável das lianas se alia aos acúleos longos e dilacerantes dos cactos agrestes.

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o *jagunço* traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais.

Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem – bárbaro, impetuoso e abrupto.

Caindo inopinadamente numa emboscada, ao atravessarem uma garganta estreita ou um capão de mato, os batalhões sentem a morte rarear-lhes as fileiras e não veem o inimigo – fulminando-os do recesso das brenhas ou abrigados pelos imensos blocos de granito que dão a certos trechos daquelas paragens uma feição pitoresca e bizarra, amontoado no alto dos cerros alcantilados, como formas evanescentes de antigas fortalezas derruídas...

Compreende[m]-se as dificuldades da luta nesse solo impraticável quase.

A Espanha não o teve melhor para abalar o exército napoleônico que nela se exauriu e depois de atravessar numa marcha triunfal quase que a Europa inteira; não o tem mais apropriado a Ilha de Cuba, hoje, revivendo, um século depois, numa inversão completa de papéis, contra a Espanha, o mesmo processo de guerra perigosíssimo e formidável.

Ora, a estes obstáculos de ordem física aliam-se outros igualmente sérios.

O *jagunço* é uma tradução justalinear quase do iluminado da Idade Média. O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo.

Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias.

Por outro lado, as próprias armas inferiores que usam, na maioria, constituem um recurso extraordinário: não lhes falta nunca a munição para os bacamartes grosseiros ou para as rudes espingardas de pederneira. A natureza que lhes levantou trincheiras na movimentação irregular do solo – estranhos baluartes para cuja expugnação Vauban não traçou regras – fornece-lhes ainda a carga para as armas: as cavernas numerosas que se abrem nas camadas calcárias dão-lhes o salitre para a composição da pólvora e os leitões dos córregos, lastrados de grãos de quartzo duríssimos e rolados, são depósitos inexauríveis de balas.

A marcha do exército nacional, a partir de Jeremoabo e Monte Santo até Canudos, já constitui por isto um fato proeminente na nossa história militar.

É uma página vibrante de abnegação e heroísmo.

E se considerarmos que, a partir daqueles pontos, convergindo para o objetivo da campanha, as colunas, nesse investir impávido para o desconhecido, como se levassem a certeza de uma vitória infalível e pronta, não se ligaram por intermédio de pontos geográficos estratégicos, à longínqua base de operações em Monte Santo, deixando, portanto, que entre elas e esta última se interpusesse extensa região crivada de inimigos, somos forçados a admitir que a arte, esta sombria arte da guerra que obedece a leis inexoráveis, foi ofuscada num admirável lance de coragem.

As suas regras, entretanto, devem prevalecer.

Um exército não pode dispensar uma linha de operações, segura e francamente praticável, ligando-o à base principal afastada, através de pontos de refúgio intermediários ou bases de operações secundárias, para as quais refluem as forças em casos de revés ou seguem facilmente os recursos que se tornam necessários.

A viagem recente de Canudos a Monte Santo das forças sob o comando do Coronel Medeiros é um exemplo frisante.

Toda a campanha ficou em função daquela força expedicionária; a sorte de um exército ficou entregue a uma brigada diminuta. Entretanto tal não sucederia se a linha de operações tivesse como pontos determinantes duas três posições estratégicas, aonde forças em número relativamente diminuto se firmem, auxiliando eficazmente as comunicações entre a base de operações e o exército.

As forças auxiliares que partem hoje do Rio de Janeiro irão, certo, iniciar estas medidas urgentes, corrigindo uma situação anormalíssima.

Não basta garantir Monte Santo – é indispensável ligá-lo o mais estreitamente possível ao exército, cujo eixo de operações alevanta-se neste momento, em frente de Canudos.

Tomadas estas providências, a campanha que pode terminar amanhã repentinamente por um golpe de audácia, mas que pode também prolongar-se ainda, será inevitavelmente coroada de sucesso.

A morosidade das operações é inevitável, pelos motivos rapidamente expostos.

As tropas da República seguem lentamente, mas com segurança, para a vitória. Fora um absurdo exigir-lhes mais presteza.

Quem, ainda hoje, observa essas monumentais estradas romanas, largas e sólidas, inacessíveis à ação do tempo, lembrando ainda a época gloriosa em que sobre elas ressoava a marcha das legiões invencíveis, irradiando pelos quatro pontos do horizonte, para a Gália, para a Ibéria, para a Germânia, compreende a tática fulminante de César...

Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões baianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas

impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as vereda estreitas por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação – os soldados da República.

FRONTEIRA SUL DO AMAZONAS QUESTÃO DE LIMITES³

A antiga capitania de São José do Rio Negro destacou-se em 1755 do governo do Grão-Pará e Maranhão, precisamente em fase inicial do nosso desenvolvimento autônomo. E aquela resolução de metrópole acompanhando, embora com intervalos de poucos anos, a que separa o Mato Grosso e Goiás do governo de São Paulo, parece haver obedecido a estímulos mais elevados.

A nova capitania não se erigia centralizada por uma mina de ouro. Nenhum sertanista enérgico – como Pascoal de Araújo, nas cabeceiras do Tocantins, Miguel Subtil em Cuiabá ou Bartolomeu Bueno em Meia-Ponte – havia desvendado o seu seio opulento, mostrando um desses tesouros de atração irresistível, cujo influxo é preponderante em nossa história pelo impulso dado à expansão colonizadora, levando impetuosamente para o recesso dos sertões, transmigrando em massa a gente do litoral. Em que pese a todo o desassombro sempre manifestado, os bandeirantes que os encaçaram haviam embatido e parado nos últimos contrafortes da Serra dos Parecis ou, descambando mais para o levante, nas orlas setentrionais de Camapuam.

As riquezas incalculáveis daquelas paragens, satisfaziam-lhes à larga a vertigem minéria.

³ Comentário ao livro, do mesmo título, de Manuel Tapajós. *O Estado de S. Paulo*, 14 nov. 1898.

Além disto, como uma barreira mais forte que os acidentes orográficos, as novas tribos, despertadas pelo tropear das *entradas* aventureiras, afiguravam-se-lhes mais indomáveis e cruéis do que as até então conhecidas: os gaicurus dispartindo velozes, como centauros montando em cavalos, selvagens pelas chapadas desmedidas e as flotilhas de canoas dos paiaguás bravios, derivando, à voga arrancada por todos os rios, à feição ou no arpejo das correntes – eram obstáculo sério sofrendo o passo a todos os cometimentos.

Deste modo, o extremo norte, a região desconhecida para onde avançavam, promanando de um *divortum aquarum* quase imperceptível, todos os rios, permanecia inacessível a marcha das bandeiras do sul, embora estivessem naquele rumo o *Eldorado* deslumbrante criado pela fantasia de Raleigh e as paragens lendárias perlustradas por Acuna e atravessadas pelos companheiros de Orellana.

Apenas os jesuítas, partindo do Pará, investiam com as suas grandes matas, varando para o sul até o Tocantins ou para o poente até a confluência do Rio Negro. Mas aqueles cujo antagonismo nascente com a metrópole agravara a luta irreconciliável com os sertanistas seguiam surdamente, tornando secretos os maiores descobrimentos.

Coube, então, a um viajante ilustre, em 1742, desdobrar ante o velho mundo deslumbrado a opulência da Amazônia.

O que não fizeram as ousadias de *Mandu-assu* ou as arremetidas revoltantes do Anhanguera, conseguiu-o a coragem tranquila de La Condamine. A sua viagem memorável feita ao rumo do leste, através de trinta graus de longitude, da baía de Tumbes, no Pacífico, à de Belém no Atlântico, dá-lhe a feição nobilitadora de um precursor de Humboldt.

Naturalista e astrônomo, ao mesmo tempo que, registrando as distâncias zenitais das estrelas e culminações lunares, firmava nas

cartas que traçava as coordenadas dos pontos principais atravessados, voltava-se para a terra assombradora que o rodeava. Vinha, à mercê das correntes, numa canoa de voga.

Storio, imperturbável, o investigador tranquilo venceu afinal a rota perigosa que não puderam balancear a ganância e o heroísmo selvagem de três gerações de aventureiros – ao revelar, na Europa, os resultados da travessia, foi como se notificasse a aparição de um novo mundo.

E, sem o querer, sem o saber, ampliara singularmente sua missão; o invejável esforço feito em prol da ciência teve um prolongamento inesperado na história.

O arruído de suas descobertas precedera de perto a ascensão de Pombal ao governo supremo da metrópole e esta circunstância feliz transformou-o num colaborador dos nossos destinos. O grande ministro, a que devemos o ter desfechado o golpe de misericórdia num feudalismo tacanho e anulado, na política colonial, o dualismo pernicioso originado pela preponderância exagerada das capitânicas meridionais, foi, certo, na atenção constante dispensada às regiões do norte, em grande parte, inspirado pelas investigações do notável membro da Academia de França.

Desfeita então, de todo, a miragem da Índia portentosa, as notícias que daquele modo lhe chegavam das possessões incontestadas, do ocidente, deram-lhe alento para, partindo o molde rotineiro em que se delineavam as deliberações do conselho ultramarino, generalizar, extremando-o ao equador, o movimento progressista que no sul tinha a garantia da tenacidade e tino admiráveis de Gomes Freire de Andrade.

Datam desta quadra as primeiras explorações sistemáticas do vale do Amazonas, de que se podem erigir modelo as investigações preciosas, sumariadas, mais tarde, nos trabalhos brilhantes e ainda inéditos de Alexandre Rodrigues Ferreira – um grande homem sacrificado a uma obscuridade iníqua.

As correntes colonizadoras que largavam do sul compuseram-se, assim com as que pelo norte, irradiando para os galhos do grande rio, demandavam em cheio o poente ou as terras ainda ignoradas que lhe demoravam anexas.

E estas últimas transmigrações, ao revés do que sucedera com as primeiras não avançavam rastejando as ruínarias das tabas ou despertando o alarido confuso das tribos apavoradas.

Mudavam-se os tempos. Fechavam-se a pouco e pouco o ciclo brutalmente heroico das monteiras, selvagens das *bandeiras* e, alumando as estradas aos novos povoadores, novos *pioners*, haviam substituído ao mesmo tempo o bandeirante e o Padre.

A capitania do Rio Negro apareceu em 1755, como uma resultante forçada daquelas forças civilizadoras.

A sede do governo, muito afastada, em Belém, impunha à recente população, em suas relações com aquele, longas e penosíssimas viagens, de modo que a cisão se operou não mais por um motivo local e secundário, mas, logicamente, revelando uma diferenciação de funções, inevitável e indicadora de um movimento evolutivo.

Foi, então pela carta régia de 3 de março daquele ano, incumbido o capitão-general do Pará, Francisco Xavier Furtado de Mendonça, de fixar as fronteiras do novo território. E, ao inverso do que era de esperar – considerando, principalmente, a escassez de indicações geográficas precisas – a demarcação realizada foi clara, lucidamente exposta, traçada de modo a evitar o mais possível futuras controvérsias.

É o que demonstra o belo trabalho do Dr. Manuel Tapajós sobre a fronteira Sul do Amazonas, em litígio com o Mato Grosso.

Eu não acredito que haja nas questões de limites, ora emergentes entre quase todos os estados, alguma tão simples e menos fatigante. As que surgiram entre a Bahia e Pernambuco, baseadas na posse da antiga comarca do São Francisco, brilhantemente

discutida por Pereira da Costa: as que se debatem entre Sergipe, Bahia e Alagoas, esclarecidas pelas pesquisas do Dr. Felisbello Freire; as que existem entre São Paulo e Minas, e outras; todas estas controvérsias, travadas em torno de seguimentos indecisos de fronteiras – velhas rixas de capitães-mores que, latentes na estagnação monárquica, irrompem inopinadamente agora – são quase inabordáveis rodeadas de documentos numerosos e não raro contraditórios, passíveis das mais opostas interpretações e desafiando, muitas vezes, vitoriosamente, a paciência provada dos mais tenazes respingadores de velharias históricas.

Obrigam a um esforço exaustivo e estéril; sai-se, em geral, absolutamente desfibrado depois da penitência rude imposta ao espírito, pela leitura incômoda desses velhos documentos amarelados, em que as ideias cambeteiam, claudicantes, mal firmes nos períodos frouxos de uma redação bárbara, e onde, como se fossem adrede preparados para futuras questões, avultam, quase sempre, linhas geográficas incorretas e truncadas.

Ora, isto não se verifica na questão de limites do Amazonas com o Mato Grosso. Ao contrário de todas as outras, repousa afinal sobre um documento único – a carta de 10 de maio de 1758 de Furtado Mendonça ao primeiro governador da capitania recém-formada. Melo Povoas, expondo-lhe em observância à carta régia de (...) de março, as raiais do seu governo.

Demarcada no quadrante de noroeste pelos domínios da Espanha, a leste pelo Pará, segundo o *thalweg* do Ianundá, linha de cumeadas das serranias de Maraca-Açu, pelas bandas do sul atingiu a borda extrema do governo do Mato Grosso ao qual se divide pelo Rio da Madeira pela grande cachoeira chamada de São João ou de Araguaia.

Como se vê, as fronteiras bem definidas em três pontos cardeais faziam apenas no último, ao sul, aparentemente indecisas, presas por um ponto único. Mas, defluindo o Madeira e seus tributários,

embora em obediência rigorosa aos meridianos, para o norte e sendo, pelo próprio sentido da demarcação, a linha limítrofe orientada ao rumo de EO, aquele ponto único definia o paralelo da latitude correspondente.

Esta conclusão é irrefutável.

Nem outro processo era, as mais das vezes, exequível naqueles tempos quando a carência das divisas naturais dos rios ou dos visos das montanhas obrigava o traçado de grandes retas imaginárias que, lançadas através de sertões desconhecidos, não poderiam, certo, passar por qualquer verificação ulterior se não correspondessem as linhas astronômicas inalteráveis.

Naquele recanto mesmo da América do Sul (para só indicar os exemplos mais próximos) despontam vários casos desta delimitação cartográfica substituindo a falta de recursos para a geográfica. A nossa fronteira com a Venezuela, um largo trato de muitas léguas, é um traço do paralelo 130', o Equador separa-se, ao norte, da Colômbia e, ao sul, do Peru, por duas extensíssimas retas ligeiramente convergentes; e esta última república da Bolívia por outra baliza ideal, extensíssima, riscada à régua, caprichosamente, interferindo perpendicularmente os cursos de água e arremetendo com todos os acidentes do terreno.

Além disto, muito pouco tempo antes dos trabalhos de Furtado Mendonça, dera-se um exemplo expressivo que ele não podia desconhecer. Pelo tratado de Madri (1750) a linha demarcadora entre o Brasil e a Bolívia, partindo de um único ponto definido, que se devia fixar no Madeira, desdobrava-se deste até a borda oriental do Yavaz seguindo uma reta, independente como ainda hoje está, do fácies topográfico daquela enorme região.

Nada mais natural, portanto, que houvesse sido inspirado o primitivo demarcador da fronteira sul do Amazonas, pelo processo corrente, que ademais correspondia admiravelmente aos intuitos da metrópole porque, seguindo aquele rumo, a linha divisória

progredia pelas cabeceiras dos afluentes e escorrendo para o norte facilitariam as comunicações com a sede do novo governo.

A eloquência dos próprios documentos que apresenta dispensava o Dr. M. Tapajós do largo desenvolvimento que deu ao assunto, completado ainda pela contraprova da citação de numerosos atos administrativos que, do século passado aos nossos dias, evidenciam a posse e jurisdição do Amazonas na região contestada.

Contribuíram, porém, para dar ao seu livro maior valor.

A transcrição das notáveis instruções régias de 19 de janeiro a Rolim Moura e as considerações feitas a propósito da fronteira boliviana, destacam-se sobre todas, formando páginas atraentes e valiosas.

Assim fez mais do que prestar um serviço ao seu estado, prestou um bom serviço a nossa terra.

Quem vai com Humboldt através das serras e das gentes do Peru observa um paralelismo interessante.

Copiam-se, refletem-se. A história, ali, parece um escandaloso plágio da natureza física. Busquemo-la em todos os tempos e em todas as datas – com o arqueólogo nos baixos-relevos dos templos desabados, com o geólogo nas páginas unidas dos estratos que se dobram nas vertentes abruptas, ou com os cronistas coloniais nas emocionantes narrativas dos “conquistadores”, e veremos um baralhamento de contrastes em que os fatos sociais recordam um decalque dos fatos inorgânicos, repontando, reproduzindo-se e traduzindo-se entre dois extremos: os Andes e a civilização dos incas, os terremotos e o Peru dos “pronunciamentos”.

Vai-se da terra que se retalha e se esboroa presa nas redes vibrantes das curvas sísmicas que rudemente a sacodem à impotência imóvel da cordilheira equilibrada numa ossatura rígida de dolerito; do império patriarcal, e esteado numa teocracia inflexível e no regímen das castas, à república revolta e doudejante, intermitentemente abalada pela fraqueza irritável dos caudilhos.

Não se disfarçam estes contrastes e estas identidades. Eles lá estão na faixa litorânea amaninhada pelas dunas e na *montaña* feracíssima, que as matas ajardinam. Numa e noutra se fronteiam um passado imemorial quase maravilhoso e um presente indefinido e deplorável. Fronteiam-se e repelem-se. Destacam-se tão

incompatíveis que o viajante, sem que o perturbem os agrupamentos incaracterísticos que hoje ali se agitam, pode reconstruir nos seus aspectos dominantes toda a idade de ouro dos aimaras.

Segue a princípio pelo deserto salpintado de oásis, que se desata de Arica a Tumbez, e encontra para logo, nas *huacas* subterrâneas, a própria sociedade antiga: múmias ressequidas, abertos no escuro das colônias tumulares os olhos de esmalte, num protesto eloquentíssimo contra a destruição.

Mais longe, nas cercanias de Pachacamac, as ruínas dos primeiros santuários do Sol: longas galerias de muros derruídos culminando as serranias, e os primeiros baluartes arremessados na altura, nos cimos que sobranceiam o Pacífico, denunciando um tino incomparável nos dispositivos para a defesa do território.

Prosegue até Trujillo e desponta-lhe um traço superior de caráter utilitário da administração incásica; as acéquias e os diques que canalizavam ou abarreiravam os rios, alastrando em largas superfícies as redes irrigadoras, permitindo culturas opulentas em lugares onde jamais chove, ou um trecho muitas vezes secular, de estrada incomparável, estimando-se em lajedos planos para o levante, investindo com os primeiros esporões da cordilheira... Subindo-a, vai num crescendo a imagem retrospectiva do passado.

A paisagem torturada da serra, em que a luz crua do trópico não anima as cores apagadas da flora rarefeita, e os horizontes se abreviam no escarpado dos pendores, não impressiona. Suplanta-a a ruïnaria da civilização lendária. É a princípio a mesma estrada que se pisa: uma avenida do Equador ao Chile, torneando as encostas em cortes na rocha viva, transpondo despenhadeiros em pontes suspensas que precederam de séculos às da nossa engenharia pretensiosa, e evocando nos traços remanescentes dos postos militares, nas estações intervaladas, nos parques escalonados em que se encerravam os lhamas velocíssimos, os tempos gloriosos em que

lhe batiam no calçamento de silhares o tropear dos exércitos, o galope dos correios céleres e a marcha das longas caravanas dos mercados tranquilos.

Ladeiam-na fortalezas e templos.

De Cajamarca a Cuzco não há talvez um quilômetro onde uma pirâmide truncada, um obelisco, um pilar, um pedaço de muro, um pórtico desabado, um bloco de granito polido com desenhos em relevo, e um renque de monólitos, e uma cariátide monstruosa de pórfiro azulado – não recordem a raça extraordinária que, sem conhecer o ferro, se afoitou a cinzelar a pedra, e com uma frágil ferramenta de bronze criou uma escultura monumental em blocos de montanhas.

Em Ollaitaitambo os santuários talharam-se na rocha viva.

Pisace é um contraforte de cordilheira e uma fortaleza; coroam-na sete píncaros, sete baluartes; ninguém lhe marca o ponto em que as ousadias do homem cederam às grandezas naturais, porque, com lhe derivarem as encostas em taludes fortes, as plataformas circulantes que lhas dominam em sucessivos patamares multiplicaram-se, cobrindo-as inteiramente com a imagem exata de uma assombrosa escadaria de gigantes.

A estas brutalidades da força aliaram-se, maiores, os prodígios da inteligência. À natureza que lhe negava as chuvas, o inca contrapôs a preocupação científica do estudo persistente do clima, ainda hoje tão bem denunciado no *aquarium* de pedra do observatório higrométrico de Quenco.

Foi buscar os mananciais eternos dos *nevados*; captou-os; dirigiu-os em aquedutos, ora ajustados às vertentes, ora subteraneamente varando serranias; ou então – pormenor que é um recuo considerável das origens da hidráulica moderna – lançados de uma à outra serra em vasos comunicantes desmedidos. Por fim, nos lugares onde não encontrou o cerne rijo da terra para erigir os

seus monumentos, inventou os aparelhos poligonais ciclópicos: uma arquitetura para desafiar o cataclismo...

•••

Mas não previu o espanhol do século XVI.

A raça forte e pacífica, que dava os primeiros lugares aos inspetores agrícolas, aos engenheiros, que lhe abriam as estradas e os canais, e aos arquitetos que lhe alteavam os templos, foi colhida à traição pela brutalidade militar da Espanha.

Fez-se na história a cópia servil de um daqueles terremotos que no Peru subvertem cidades em minutos.

À unidade da raça autóctone, disciplinada e íntegra, marchando com um método tão seguro que lhe permitiu tão altos cometimentos, contrapuseram-se a desordem de uma exploração em larga escala e o dispersivo dos caracteres de imigrantes atraídos de todos os países.

Porque o peruano é, ainda mais do que nós, uma ficção etnográfica.

Em 1873, Charles Wiener contemplou, numa das ruas de Lima, uma galeria de quase todas as raças – o branco, o negro, o amarelo e o bronzeado e todos os cambiantes destas cores, do zambo ao cholo, do mulato ao chino-cholo – completada por uma separação absoluta de classes, do *coolí*, que aluga a liberdade, substituindo o negro, ao estrangeiro que ali chega, explora adoidadamente a terra e vai-se embora, ao quíchua, espalhando na tristeza incurável a doença de sua *gens* que está morrendo... No alto o neto dos conquistadores, o quase *hidalgo*, em que pesem a mestiçagem, o condutício dos caudilhos, o irrequieto industrial das revoluções, o que se diz peruano, guardando, intacta, a velha altivez espanhola, quer a estadeie entre as opulências das *haciendas*, ou a levante, mais impressionadora, revestido de andrajos, e mendigando intimativamente como se fosse um gentil-homem da miséria...

Ora toda essa gente – à parte as culturas nos pontos em que se desenterram as acéguas dos antigos – de um modo geral se aplica aferradamente, numa agitação ansiosa, aos únicos trabalhos que lhe não implicam as disparidades de um temperamento e as divergências de esforços: saqueia a terra e o passado. Arrebata-lhes o ouro, e a prata, e os nitratos, e o guano, e as múmias, e as pedras dos templos.

Desbastam-se as costas e as ilhas, degradam-se os flancos das serranias, profanam-se as pirâmides funerárias, e revolvem-se as *huacas*, que, às vezes, valem pelas melhores minas, bastando notar-se que com um quinto de ouro de uma delas se construiu Trujillo...

Não se define o repulsivo dessas pesquisas lúgubres e dessa indústria macabra, que tem como matéria-prima arcabouços disjuntados e profanados, ou velhos sudários em pedaços.

Nada caracteriza melhor o parasitismo, o desapego às tradições, a falta de solidariedade e o desequilíbrio da energia das gentes que abarracaram por aquelas bandas.

O passado é um despojo.

Aproveitam-no na sua forma estreitamente utilitária. E neste apropriar-se a esmo, a sociedade revolucionária e frágil vai dando uma expressão tangível ao contraste que a apequena ante a sociedade morta: veem-se então mesquinhos pardieiros desequilibradamente eretos sobre embasamentos ciclópicos; ou cidades, e citemos apenas o Huamachuco, construídas com os blocos arrancados dos templos; uma triste projeção horizontal de velhas fachadas, um acaçapado estiramento de grandezas repartidas em casas de tetos deprimidos e paredes espessas, e uma melancólica arquitetura de ruínas...

...

Ora esta atividade, que um sem-número de causas físicas e sociais tornou impulsiva, agitadíssima e estéril, derivando em

desfalecimentos e arrancos, rebate-se na existência política do Peru. Daí a monotonia irritante dos pronunciamentos, os desastres das guerras infelizes e o tumultuário das perigosas sucessões presidenciais, que ora se fazem, progressivamente, à americana, a revólver, ora com o requinte feroz daquele suplício dos dois usurpadores Gutierres – expostos, oscilantes, nas torres da Catedral de Lima, e despenhados depois, do alto daquelas duas Tarpeias barrocas para as fogueiras vingadoras acesas na *Plaza de Armas*...

• • •

Confrontados estes contrastes, acredita-se quase que as incursões peruanas, neste momento exercitadas nas fronteiras remotas do Alto Juruá, se traduzam como uma retirada, uma tendência para abandonar a estreita e alongada região onde uma nacionalidade, cujos antecedentes étnicos prefiguram mais elevados destinos, jaz bloqueada entre o maior dos mares e a maior das cordilheiras, sobre um solo batido pelo desequilíbrio dos agentes físicos e em contato com um passado que tanto tem influído na sua desfortuna.

Realmente, no levante, transmontada a segunda cadeia dos Andes, desdobra-se a natureza estável – sem catástrofes e sem ruínas – guardando intatas as forças criadoras, à espera da componente prodigiosa do trabalho, e oferecendo, no remanso das culturas, na disciplina da atividade, adstrita a longos esforços conscientes, e na sugestão permanente da própria harmonia natural, a situação de parada que sempre faltou aos peruanos para que se lhes despertassem os notáveis atributos, até hoje suplantados por uma combatividade, que é uma fraqueza e é um anacronismo. Mas esta só poderá engravescer, criando-lhes maiores desditas, se, ressurgindo sob um novo aspecto, for encontrar novos alentos nas arrancadas dos caucheiros que estão prolongando, na devastação das grandes matas, um longo, um antiquíssimo tirocínio de tropelias.

As incursões peruanas não denunciam apenas a avidez de alguns aventureiros doidamente ferretoados da ambição que os arrebatava às paragens riquíssimas dos seringais. São mais sérias; são quase um expressivo movimento histórico, desencadeado com uma finalidade irresistível. Não as determinam apenas as energias sociais instáveis e dispersivas da república sul-americana mais malignada pela caudilhagem, senão as mesmas leis físicas invioláveis de toda aquela zona.

Realmente, quem quer que contemple através da visão prodigiosa de Humboldt, ou da clara inteligência de C. Wiener, todo o trato de terras que vai de Arica a Trujillo, constricto entre o Pacífico e os Andes, compreende que os destinos do Peru oscilam entre dois extremos invariáveis: ou a extinção completa da nacionalidade suplantada por uma numerosa população adventícia, que assume todas as modalidades do alemão industrial ao *coolí* quase escravo – ou um desdobramento heroico para o futuro, uma entrada atrevida na Amazônia, um *rush* salvador às cabeceiras do Purus, visando do mesmo passo uma saída para o Atlântico e um cenário mais e mais fecundo às atividades. Não há escapar às aperturas do dilema.

A posição prejudicial dos Andes cria ao Peru, como à Bolívia, regimens que se combatem: um litoral estéril que mal se alarga em dunas ondeantes, separado, por uma cordilheira, da porção

mais vasta e mais exuberante do país. Na estreita faixa da costa, onde se adensou o povoamento e se erigiu a capital, e pulsa toda a existência política da república, estira-se um esboço de deserto; na *montaña* alpestre do levante e mais longe nas planícies amplas, cobertas de florestas estupendas, por onde derivam, remansados, os últimos galhos dos tributários do Amazonas – pervagam, errantes, as tribos dos quíchuas inúteis.

Deste modo a natureza criadora e forte do oriente se desentranha em riquezas incalculáveis diante das vistas incuriosas do selvagem – enquanto no ocidente as praias e vales areentos, mal revestidos de uma flora tolhiça onde rebrilham os cristais nitrosos e se derrama em largas superfícies a lava endurecida, vão a pouco e pouco molificando o temperamento dos descendentes diretos dos “conquistadores”.

Realmente, ali, naquela tira litorânea e primeiros recostos andinos, que formam, afinal, toda a geografia política do Peru, a sociedade não se irmana à terra, desatando-lhe as energia recônditas e nobilitando-a pelas culturas. Faz uma aliança com os terremotos: devasta-a.

Enquanto estes lhe devoram as cidades, e lhe desviam os rios, e a retalham de fendas em que se enredam, baralhadas, as curvas sísmas dos cataclismos – ela despedaça os flancos das montanhas em procura de ouro e de prata; perfura, escava e esquadrinha as dunas onduladas onde repousa há séculos, nas *huacas* subterrâneas, a sociedade espectral dos incas mumificados com as suas incalculáveis riquezas, perquire e tala os descampados na faina estonteadora da exploração dos nitratos de sódio; e desbasta as costas e as ilhas na pesquisa do guano, que exporta para o estrangeiro sem notar que a natureza providente lhe oferece ao lado da esterilidade do solo os adubos preexcelentes que a destroem.

Mas ainda nesta atividade febril e parasitária, desencadeada à ventura, o peruano não está só. Em qualquer rua de Lima, já o

notou um observador, se ostenta a mais numerosa galeria etnográfica da terra: do caucásio puro, ao africano retinto, ou amarelo desfibrado e ao quíchua decaído; e entre estes quatro termos principais, as incontáveis variedades de uma mestiçagem dissímil – do mulato de todos os sangues, aos zambos e cafuzos, aos cholos que lembram os nossos caboclos, e aos interessantíssimos chino-cholos em cujos rostos se fundem as linhas capitais de quase todas as raças. Assim, ao desordenado das atividades se prende o conflito inevitável dos temperamentos. A vida decorre sem continuidade, sem a disciplina resultante de uma harmonia de esforços que extinga o dispersivo indispensável dos ofícios; e a sociedade incaracterística, sem tradições definidas – porque a invade e a perturba, intermitentemente, a grande massa de estrangeiros que a explora e abandona – parece refletir na ordem política o desequilíbrio das forças naturais que lhe convulsionam o território, oscilando, dolorosamente, sacudida pelos terremotos e pelos “pronunciamentos”. Ninguém lhe lobrigou ainda um aspecto estável, um caráter predominante, um traço nacional incisivo. Perenemente em começo, nesse agremiar os tipos adventícios de todos os quadrantes, vai absorvendo-lhes e refletindo-lhes por igual os atributos superiores e os estigmas. Quem lhe deletreia os fastos segue através de uma vertigem, e sofre o constante saltar das emoções mais opostas emergentes num baralhamento de sucessos que se entrec chocam díspares. Depois de sentir o mesmo espanto de Darwin ao ver em 1832, na catedral de Lima, desdobrar-se sobre a tropa genuflexa a lúgubre bandeira negra de uma revolta inesperada, completando um *te-déum* – sente a frívola alegria de Offenbach ao divisar a mantilha rendada da *Perichole* que tanto justificou a ironia popular (*perra e chola!*) pela vida desmandada na corte pretensiosa do antigo Peru dos vice-reis.

Passa do trágico ao repulsivo, do assombroso ao grácil.

Ora, este jogar de contrastes oriundos em grande parte do viver aleatório de uma sociedade, que parece estar apenas abarracada

no território alongado que prolonga o Pacífico, não escapou aos estadistas peruanos. Nascem daquela localização prejudicial sobre um chão maninho encerrando riquezas ocasionais que dia a dia decrescem, que se não reproduzem e dão ao trabalho improdutivo de as descobrir um triste aspecto de pilhagem – confundindo na mesma azáfama tumultuária a aglomeração irrequieta em que há todas as raças e não há um povo...

•••

A salvação está no vingar e transpor a cordilheira. Ali ao menos há a sugestão dominadora da civilização surpreendente dos incas: a estrada de duas milhas distendida de Quito às extremas do Chile, lastrada pelas neves eternas, contorneando encostas abruptas em releixos de rocha viva, alcandorada em pontes pênséis sobre abismos, e estirando nas planuras as calçadas eternas de silhares unidos com cimento betuminoso; e os velhíssimos baluartes pré-incásicos feitos de montanhas inteiras arremessando-se nas alturas em sucessivos patamares ameaçados; e a ruínia dos santuários do Sol com os seus aparelhos ciclópicos de blocos poligonais de pórfiro brunido; e os longos aquedutos do monte Silva, em cujos canais subterrâneos, perfurando as serras, se espe- lham esforços de uma engenharia titânica...

Depois, descidas as vertentes orientais da primeira cadeia dos Andes, transpostas a *montaña* e a segunda cordilheira – a terra exuberante e desmedida, prefigurando nas grandes matas a mesma *hiloé* amazonense.

Nesta região, tão outra, está – pela implantação do trabalhador e pelo equilíbrio da existência agrícola – a redenção daquelas gentes que possuem os melhores fatores para um elevado tirocínio histórico.

Mas, ao mesmo passo que lhes despontam estas esperanças, extingue-lhas a mesma cordilheira com o seu largo tumultuar de píncaros e de pendores impraticáveis num talude vivo de

muralha, que lhes trancam quase por completo as comunicações com o litoral. De fato, o Pacífico, ainda que se rasgue o Canal de Nicarágua, parece que pouco influirá no progresso do Peru. O seu verdadeiro mar é o Atlântico; a sua saída obrigatória, o Purus. Sabem-no há muito os seus melhores estadistas: a expansão para o levante traduz-se-lhes como um dever elementar de luta pela vida. Revelam-no todos os insucessos de numerosas tentativas buscando libertá-los das anomalias físicas que o deprimem. Revelou-as desde 1879 C. Wiener:

Os peruanos aquilatam bem a importância enorme que teriam as estradas ligando os afluentes navegáveis do Amazonas e do Ucayali às cidades do litoral; fizeram todos os esforços para executá-las porque lhes impõem a lógica e o interesse; mas parece que a sua força de vontade é menor que a constituição física dos autóctones.

De feito, contemplando-se diante de um mapa a faixa costeira entre Pachacamas e Tumbes, nota-se um como diagrama daquelas tentativas desesperadas e perdidas.

Foi a princípio, no extremo norte, a linha férrea de Paíta a Piura, procurando os tributários setentrionais do Solimões; depois, próxima e ao sul, uma outra, de Lambayaque a Ferenafe: ambas estacionaram, trilhos imersos nos areais da costa. A terceira, lançada de Pascamayo à estação *terminus* de Cajamarca, e a quarta partindo de Salavery, pouco ao sul de Trujillo – buscavam as linhas de derivação do Ucayali: embateram ambas de encontro às fíldes espessas e aos doleritos e quartzos duríssimos das cordilheiras. A quinta, a admirável estrada de Oroya, dominou parte da serra, mas ficou bem longe do seu objetivo essencial no transmontar as últimas cordas de serras, varar pelas planícies do Sacramento e alcançar o Purus.

Esta é expressiva: mostra como o traçado do grande tributário do Amazonas, em cujas margens contendem agora os flibusteiros, norteia de há muito a administração daquela república.

Por outro lado, desde 1859, com Faustino Maldonado e dez anos depois com o Coronel Latorre, sucessivas expedições se lançam para o oriente impelidas por alguns abnegados caídos todos naqueles lugares remotos, numa extraordinária intuição dos interesses reais do seu país.

Estes antecedentes delatam nas perturbações que lavram em toda aquela zona um significado bem diverso do que lhe podem dar algumas correrias de seringueiros.

A guerra iminente tem uma feição gravíssima.

Se contra o Paraguai, num teatro de operações mais próximo e acessível, aliados às repúblicas platinas, levamos cinco anos para destruir os caprichos de um homem – certo não se podem individuar e prever os sacrifícios que nos imporá a luta com a expansão vigorosa de um povo.

A remessa de sucessivos batalhões para o Alto Purus – movimento de armas recordando um começo de guerra declarada – parece uma medida elementar de previdência.

É um erro. Não implica apenas o desfalecido das nossas finanças, nem se limita a projetar, de golpe, um brilho perturbador de baionetas no meio de um debate diplomático; vai além: prejudica de antemão a campanha provável e torna desde já precária a defesa das circunscrições administrativas criadas pelo tratado de Petrópolis.

Estas afirmativas parecem paradoxais, e vão muito ao arrepio da corrente geral da opinião revoltadíssima contra esse Peru – tão fraco diante da nossa própria fraqueza. Mas são demonstráveis. Está passado o tempo em que a honra e a segurança das nacionalidades se entregavam, exclusivamente, ao rigor das tropas arregimentadas.

A última guerra do Transvaal, à parte os efeitos materiais, teve consequências surpreendentes. Estão ainda vivíssimos em todas as memórias os admiráveis episódios daquela esgrima magistral dos bôeres contra as armas pesadas da Inglaterra; e entre eles, um que, pelo aparecer constante e invariável nos dois campos adversos, se reveste quase do caráter de uma lei, se é que as tem a maneira heroica da brutalidade humana. Indiquemo-lo: em Paardeberg, quando as tropas regulares inglesas recuaram rudemente repelidas

dos entrincheiramentos de Cronje, ampararam-nas os voluntários canadenses num assalto brilhante, que ultimou no assédio; Kimberley, defendida pelos cidadãos armados, reagiu com mais eficácia e diante de mais numerosos sitiados do que Ladsmith guarnecida pela tropa de linha; em Magersfontain o pânico dos soldados teve o corretivo instantâneo de uma ducha, na fria impassibilidade dos *highlanders* escoceses... São fatos expressivos. Não escaparam à visão dos modernos profissionais da guerra. O Coronel Henderson, que os testemunhou de perto, no estado-maior de Lorde Roberts, explica-os pelos terríveis efeitos desmoralizadores do armamento moderno e pelos embaraços criados pela pólvora sem fumaça.

O espírito de classe e a alta responsabilidade que lhe advém do cargo que ocupou junto ao comandante-chefe não lhe tolheram o dizer nuamente que toda a luta sul-africana fora a glorificação dos lutadores improvisados, e a *triumph for the principle of voluntary service*.

De Bloch foi ainda mais incisivo: a preeminência do civil resulta-lhe, iniludível, das mesmas condições do campo das batalhas modernas, onde a virulência e rapidez do tiro impõem uma dispersão de todo oposta aos dispositivos das paradas e das manobras. Em tais circunstâncias os oficiais não podem dirigir efetivamente os soldados, e estes, sem o hábito das deliberações próprias, estonteiam, desunidos e inúteis, porque quanto maiores são a sua disciplina e o *training* da fileira, tanto menor é a aptidão individual de agir.

O argumento é impressionantemente claro: o civil apanhado a laço, o voluntário de pau e corda, o caipira a quem a farda aterroriza – mas cuja capacidade de ação se desenvolveu autônoma nas caçadas, na faina da lavoura, nos múltiplos ofícios, nas viagens e nas várias peripécias de uma existência modesta e livre, surge de improviso desarticulando todas as peças da sinistra entrosagem em que a arte militar tem triturado os povos.

E para que isto sucedesse bastou que esta última se desenvolvesse ao ponto de deslocar todas as velharias da tática, firmando a única garantia dos combates nas faculdades de iniciativa.

A conclusão é tão arrojada, e deforma tanto os moldes do conceito vulgar, que precisamos afastá-la da nossa responsabilidade de latinos sentimentais e exagerados. Deixemo-la aí blindada na rigidez britânica: *“It is this quality which makes the superiority of the Boers over the British. And it is this also which accounts for the superiority of the British civilian over the British regular”*. (De Bloch, *The wars of the future.*)

Assim se esclarecem notáveis anomalias: a glória napoleônica, em que colaborou talvez o precipitado de recrutas colhidos em todos os pontos e que iam aperrar pela primeira vez as espingardas na frente do inimigo; as batalhas estupendas da guerra da Secessão; o *sport* ruidoso e álcacre dos americanos em Cuba; e, neste momento, os desfalecimentos da formidável disciplina russa diante da vibratibilidade japonesa...

Inesperado desfecho: a guerra cresceu para diminuir na guerrilha; e depois de devorar os povos devora os próprios filhos, extinguindo o soldado. Não é Marte, é Saturno.

Reagiu à reprimenda dos filósofos e ao sentimentalismo dos poetas; evoluiu illogicamente apropriando-se dos recursos da ciência, que a repele, e dos da indústria, que é a sua antítese; por fim, se armou com uns dez milhões de baionetas e transformou-as na arma única que a trespassa. Acaba como os velhos facínoras salteados pela fadiga moral dos próprios crimes. Suicida-se.

Ora, um fato que ressalta tão vivo no esmoitado e no desimpedido dos campos mais próprios aos combates e aos seus alinhamentos prescritos naturalmente se ampliará no embaralhado e no revolto do Alto Purus e do Alto Juruá, onde, até materialmente, são impossíveis aqueles dispositivos.

Ali não nos aguardam tropas alinhadas. Esperam-nos os caucheiros solertes e escapantes, mal reunidos nos baleões de voga,

dispersos nas ubás ligeiras, ou derivando velozmente, isolados, à feição das correntes, nos mesmos paus boiantes que os rios acarretam; e repontando, a súbitas, na orla florida dos igapós, e desaparecendo, impalpáveis, no afogado dos paranás-mirins, onde se entrançam as ramagens das árvores que os escondem; ou girando pelas infinitas curvas e pelos incontáveis furos que formam a interessantíssima anastomose hidrográfica dos tributários meridionais do Amazonas.

A imagem material de uma campanha, ali, será o labirinto inextricável dos igarapés. Aos nossos estrategistas não impenderá a tarefa relativamente fácil de bater o inimigo – mas a empresa, talvez insuperável, de lobrigar o inimigo. Iludem-se os que imaginam que o só aparecimento de alguns corpos de tropas regulares no desmarcado trato de terras que demoram entre o Juruá e o Acre baste a policiá-las, e a garantir os povoadores e a impedir a violação de uma fronteira indeterminada. Os batalhões maciços, presos a uns tantos preceitos e ao retilíneo das formaturas, serão tanto mais inúteis quanto mais disciplinados e afeitos à solidariedade de movimentos. O melhor de sua organização militar impecável culminará no péssimo da mais completa inaptidão a se ajustarem ao teatro das operações, e a enfrentarem o torvelinho dos recontros súbitos ou a se subtraírem aos perigos das tocaias.

Não exemplifiquemos recordando lastimáveis sucessos da nossa história recente.

Sobre tudo isto uma consideração capital. Aqueles longínquos lugares do Purus – mais conhecidos hoje, depois da exploração de Chandless, do que muitos pontos do nosso *far-west* paulista – exigem uma aclimação difícil e penosa. Apesar de um rápido povoamento, de cem mil almas em pouco mais de trinta anos, têm ainda o caráter nefasto das paragens virgens onde a copiosa exuberância da vida vegetal parece favorecida por um ambiente impróprio à existência humana. O seu quadro nosológico assombra,

pela vasta série de doenças, que vão das maleitas permanentes à hipoemia intertropical entorpecedora e àquela originalíssima “purupuru” que não mata mas desfigura, embaciando a pele do selvagem e dando-lhe um fácies de cadáver, pondo no rosto do negro, salpintado de manchas brancas, uma espantada máscara demoníaca, e imprimindo no do branco a brancura repulsiva do albinismo...

Vê-se bem quantos agentes, díspares nos aspectos mas convergentes nos efeitos, das conclusões mais recentes da técnica guerreira às mínimas exigências climáticas, concorrerão no invalidar a ocupação estritamente militar daquela zona.

Além disto, as forças para repelir a invasão já ali se acham, destras e aclimadas, nas tropas irregulares do Acre, constituídas pelos destemerosos sertanejos dos Estados do Norte, que há vinte anos estão transfigurando a Amazônia. Eles formam o verdadeiro exército moderno como o preconizam, como o desejam, como o proclamam altamente, dentro dos círculos militares da Europa, os luminares da guerra precitados – não já para o caso especial das guerrilhas, mas para todas as formas das campanhas, quer estas se desenrolem nos campos clássicos da Bélgica, quer na topografia revessa do Transvaal. E confiados naqueles minúsculos titãs de envergadura de aço enrijada na têmpera das soalheiras calcinantes, a um tempo bravos e joviais, afeitos às deliberações rápidas e decisivas de uma tática estonteadora, que improvisam nos combates com a mesma espontaneidade com que lhes saltam das bocas as rimas ressoantes dos folguedos – poderemos permanecer tranquilos.

Para o caucheiro – e diante desta figura nova imaginamos um caso de hibridismo moral: a bravura aparatosa do espanhol difundida na ferocidade mórbida do quíchua –, para o caucheiro um domador único, que o suplantar, o jagunço.

Não há em todo o Brasil região alguma que tenha tido o vertiginoso progresso daquele remotíssimo trecho da Amazônia, onde não vingou entrar o devotamento dos carmelitas nem a absorvente atividade, meio evangelizadora, meio comercial, dos jesuítas. Há pouco mais de trinta anos era o deserto. O que dele se conhecia bem pouco adiantava às linhas desanimadoras do Padre João Daniel no seu imaginoso Tesouro Descoberto: “Entre o Madeira e o Javari, em distância de mais de 200 léguas, não há povoação alguma nem de brancos nem de tapuias mansos ou missões.” O dizer é do século XVIII e podia repetir-se em 1866 na frase de Tavares Bastos: “O Amazonas é uma esperança; deixando as vizinhanças do Pará penetra-se no deserto.”

Entretanto, nada explicava o olvido daquele território.

Compreende-se que os próprios norte-americanos tenham reprimido até 1868 a vaga povoadora impetuosíssima que absorveu a barreira dos Alleghanys e a transmontou, espraiando-se no *far-west*; sopeara-lhe o arremesso a maninhez desalentadora dos terrenos absolutamente estéreis que se desatam a partir das vertentes orientais das Montanhas Rochosas.

Entre nós, não. As nossas duas maiores linhas de penetração, a de São Paulo e a do Pará, convergentes ambas em Cuiabá, nortearam-se desde o começo como à procura de empecilhos de toda a ordem.

Os sertanistas que abalaram de Porto Feliz à feição do Tietê e do Paraná, para vencerem as águas torrenciais do Pardo até alcançarem pelo Taquari e pelo São Lourenço aquele longínquo objetivo depois de uma navegação de cerca de quatro mil quilômetros – e os que demandavam, a partir de Belém, sempre ao arrepio das águas do Amazonas, do Madeira e do Guaporé, numa travessia de mais de setecentas léguas, iam apostados à luta formidável com os baques das catadupas, com o acachoar das itaipavas, com a monotonia inatural das varações remoradas, com o choque das correntes e com os torvelinhos dos peraus. Venceram-nos; e o planalto dos Parecis, expressivo *divortium aquarum*, de onde irradiam caudais para todos os quadrantes, teve, em pleno contraste com este caráter físico dispersivo, uma função histórica unificadora que só será bem compreendida quando o espírito nacional tiver robustez bastante para escrever a epopeia maravilhosa das *Monções*.

Entretanto, demoravam-lhes no ocidente paragens que seriam facilmente percorridas sem aquela extraordinária dissipação de esforços.

A queda do maciço brasileiro, irregular e abrupta noutros pontos e originando regimens fluviais perturbadíssimos, que alguns rios, como o Tocantins e o São Francisco, prolongam quase ao litoral, ali se desafoga na maior expansão em longitude da América do Sul, precisamente na zona em que a viva deflexão dos Andes para o ocidente propiciou uma área à maior bacia hidrográfica da terra. Daí o remansado e o desimpedido dos seus fartos tributários. O Purus e o Juruá são, depois do Paraguai e do Amazonas, os rios mais navegáveis do continente. Descidas as vertentes orientais dos últimos contrafortes andinos, onde lhes abrolham as fontes, e repontam as suas únicas cachoeiras, volvem as águas num declive que o mais rigoroso aparelho às vezes não distingue. Ajustam-se à rara uniformidade dos terrenos tão eloquentemente exposta, à mais breve contemplação de um mapa, no paralelismo

dos grandes cursos de água que correm entre o Madeira e o Javari, drenando lentamente a região desimpedida que prolonga os plainos bolivianos e onde a natureza equilibrada esconde as opulências de uma flora incomparável nos labirintos dos igarapés...

Mas ninguém a procurou. A metrópole que firmara a posse da terra nas cabeceiras do Rio Branco, do Rio Negro, no Solimões e no Guaporé com as paliçadas e os pedreiros de bronze dos velhos fortes de São Joaquim, Marabitanas, Tabatinga e Príncipe da Beira – quatro enormes escudos desafiando a rivalidade tradicional da Espanha – evitara por completo (como se recuasse ante a ferocidade, tão fabulada pelos cronistas, dos muros erradios) aqueles longínquos tratos do território – até que no-las desvendassem, em 1851, Castelnau e o tenente da marinha norte-americana F. Maury.

Foi uma revelação. O descobrimento coincidia com uma renascença da atividade nacional. Na imprensa, o robusto espírito prático de Sousa Franco aliara-se à inteligência fulgurante de Francisco Otaviano nessa propaganda irresistível pela franquia do Amazonas a todas as bandeiras, a que tanto ampararam o lúcido critério de Agassiz, as pesquisas de Bates, as observações de Brunet e os trabalhos de Sousa Coutinho, Costa Azevedo (Ladário) e Soares Pinto, até que ela desfechasse no decreto civilizador de 6 de dezembro de 66.

Tavares Bastos, não lhe bastando, à alma varonil e romântica, o tê-la esclarecido com o fulgor das melhores páginas das *Cartas de um Solitário*, transmudara-se num sertanista genial: perlustrou o grande Rio trazendo-nos de lá um livro, *O Vale do Amazonas*, que é um reflexo virtual da *hiloé* portentosa e é ainda hoje o programa mais avantajado do nosso desenvolvimento.

Ora, neste largo expandir de novos horizontes, um explorador tenaz, Chandless, traçou repentinamente a diretriz de um objetivo definido. Levava-o até lá, no trecho onde os grandes rios misturam as suas águas na anastomose das nascentes, o intento de descobrir

uma passagem do Acre para o Madre-de-Dios – o velho problema da ligação das bacias do Amazonas e do Paraguai. Não o resolveu. Fez mais: sugestionado pelas maravilhas naturais, transformou-se num pioneiro salteado de ambições e fundou ali o primeiro estabelecimento que fixou o homem à terra; enquanto um mateiro destemeroso, Manuel Urbano da Conceição, um quase anônimo, como o é a grande maioria dos nossos verdadeiros heróis, batia longamente o reticulado inextricável dos furos e, desvendando as nascentes de todos os tributários do Purus, preparava a um outro dominador de desertos, o Coronel Rodrigues Labre, grande parte do terreno para um rápido e intensíssimo povoamento.

De feito, foi uma transfiguração. Em pouco, sucessivas vagas de imigrantes reproduziam em nossos dias o tumulto das entradas do século XVIII.

O látex das seringueiras, o cacau, a salsa, a copaíba e toda a espécie de óleos vegetais, substituindo o ouro e os diamantes, alimentavam as mesmas ambições insofregadas.

A terra, até então entregue às tribos erradias, teve em cerca de dez anos (1887) uma população de sessenta mil almas, ligando-se as suas mais remotas paragens de Sepatini e Hyntanahum a Manaus, pela Companhia Fluvial do Amazonas, com um primeiro desenvolvimento de 1014 milhas, logo depois distendidas na navegação dos tributários superiores que vão do Ituxi ao Acre. E por fim uma cidade, uma verdadeira cidade, Lábrea, repontou daquela forte convergência de energias trazendo desde o nascer um caráter destoante do de nossos povoados sertanejos – com o requinte progressista de uma imprensa de dois jornais, o *Purus* e *O Labrense*, e o luxo suntuário de um teatro concorrido, e colégios, e as ruas calçadas e alinhadas: a molécula integrante da civilização aparecendo, repentinamente, nas vastas solidões selvagens...

Ora, estes sucessos, que formam um dos melhores capítulos da nossa história contemporânea, são também o exemplo mais

empolgante da aplicação dos princípios transformistas às sociedades. Realmente, o que ali se realizou, e está realizando-se, é a seleção natural dos fortes. Para esse investir com o desconhecido não basta o simples anelo das riquezas: requerem-se sobretudo uma vontade, uma pertinácia, um destemor estoico e até uma constituição física privilegiada. Aqueles lugares são hoje, no meio dos nossos desfalecimentos, o palco agitadíssimo de um episódio da concorrência vital entre os povos. Alfredo Marc encontrou nas margens do Juruá alguns parisienses, autênticos parisienses, trocando os encantos dos *boulevards* pela exploração trabalhosa de um seringal fartíssimo; e acredita-se que o viajante não exagerou. Lá estão todos os destemerosos convergentes de todos os quadrantes. Mas, sobrepujando-os pelo número, pela robustez, pelo melhor equilíbrio orgânico da aclimação, e pelo garbo no se afoitarem com os perigos, os admiráveis caboclos do Norte que os absorverão, que lhes poderão impor a nossa língua, os nossos usos e, ao cabo, os nossos destinos, estabelecendo naquela dispersão de forças a componente dominante da nossa nacionalidade.

É o que deve acontecer.

Volviendo ao paralelo que, pouco há, indicamos, ao notarmos a súbita parada da expansão norte-americana no *far-west*, levemo-lo às últimas consequências.

Por uma circunstância realmente interessante, os ianques, depois de estacionarem largos anos diante das Rochosas, saltaram-nas, vivamente atraídos pelas minas descobertas na Califórnia, precisamente no momento em que nos avantajávamos até ao Acre. O paralelismo das datas é perfeito. No mesmo ano de 1869, em que nos prendíamos por uma companhia fluvial àquelas esquecidas fronteiras, eles se ligavam ao Pacífico pela linha férrea do Missouri, audaciosamente locada nas cordilheiras e nos desertos.

Emparelhamo-nos, neste episódio da vida nacional, com a grande república.

Aceitemos, por isto mesmo, uma lição de Bryce. Traçando magistralmente o quadro da expansão ianque, o historiador nos demonstra que, diante do exagerado afastamento da costa oriental, as gentes localizadas nas novas terras do Pacífico formariam inevitavelmente uma outra nacionalidade, se os recursos da engenharia atual lhes não houvessem permitido uma intimidade permanente com o resto do país.

O nosso caso é idêntico, ou mais sério.

As novas circunscrições do Alto Purus, do Alto Juruá e do Acre devem refletir a ação persistente do governo em um trabalho de incorporação que na ordem prática exige desde já a facilidade das comunicações e a aliança das ideias, de pronto transmitidas e traçadas na inervação vibrante dos telégrafos.

Sem este objetivo firme e permanente, aquela Amazônia onde se opera agora uma seleção natural de energias e diante da qual o espírito de Humboldt foi empolgado pela visão de um deslumbrante palco, *onde mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo*, a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, naturalmente e irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa – pela expansão centrífuga do seu próprio movimento.

I

As secas do extremo Nordeste delatam, impressionadoramente, a nossa imprevidência, embora sejam o único fato de toda a nossa vida nacional ao qual se possa aplicar o princípio da previsão. Habitua-mo-nos àquelas catástrofes periódicas. Desde a lancinante odisseia de Pero Coelho, no alvorecer do século XVII, até ao presente, elas vêm formando, à margem da nossa história, um tristíssimo apêndice de indescritíveis desastres. A princípio, mercê do próprio despovoamento do território, ninguém as percebeu. Notou-as, apreensivo, o primeiro sertanista que se afoitou, naquelas bandas, com o desconhecido: os flagelos revelados mal rebrilham e repontam, fugacíssimos, rompentes da linguagem perra e nebulosa dos roteiros. Depois, à medida que se povoava a terra, cresceu-lhes a influência, e desvendaram-se-lhes os aspectos, deploráveis todos.

Em 1692, em 1793 e em 1903 – para apontarmos apenas as datas seculares entre as quais se inserem, inflexivelmente, como termos de uma série, outras, sucedendo-se numa razão quase invariável – o seu limbo de fogo abrangendo toda a expansão peninsular que o Cabo de São Roque extrema, abriu, intermitentemente, largos hiatos nas atividades. Outrora, completavam-lhe os efeitos as depredações do tapuia – tribos errantes precipitando-se, estonteadas, para o litoral, e para o sul, refluídas pelos sóis bravios; hoje, as incursões dos jagunços destemerosos – almas varonis,

que a desventura maligna, derrancando-as nas aventuras brutais dos quadrilheiros; e sobre umas e outras, em todas as quadras, o epílogo forçado das epidemias devastadoras rematando as espantosas tragédias que mal se denunciam no apagado de imperfeitas notícias ou inexpressivas memórias.

Há uma estética para as grandes desgraças coletivas. A peste negra na Europa aviventou um renascimento artístico que veio do verso triunfal de Petrarca à fantasia tenebrosa de Albrecht Dürer e ao pincel funéreo de Rembrandt. A dança de São Guido, que sacudiu convulsivamente as populações ribeirinhas do Reno, criou a idealização maravilhosa da Dança Macabra. A morte imortalizou os artistas definidos pelo gênio misterioso de Holbein, e, perdida a aparência lutuosa, o seu espectro hilariante, arrebatado na tarântula infernal, percorreu entre os aplausos de um triunfo doloroso todos os domínios da arte, das páginas de Manzoni às rosáceas rendilhadas das catedrais, às iluminuras dos livros de horas dos crentes e ao caprichoso cinzelado dos copos das espadas gloriosas...

Mas entre nós estes transe tão profundamente dramáticos não deixam traços duradouros. Aparecem, devastam e torturam; extinguem-se e ficam deslembados.

Entretanto, senão pelos seus feitos desastrosos, pela sua insistência, pela impertinência insanável com que se ajustam aos nossos destinos, eles são o mais imperioso desafio às forças do nosso espírito e do nosso sentimento.

Mas criaram sob o ponto de vista artístico raras páginas incolores de um ou outro livro, e alguns alexandrinos resplandecentes de Junqueiro; na ordem administrativa, medidas que apenas paliam os estragos; e no campo das investigações científicas, o conflito estéril de algumas teorias desfalecidas.

É que o fenômeno climático, tão prejudicial a um quinto do Brasil, só nos impressiona quando aparece; é uma eterna e

monótona novidade; estudamo-lo sempre nas aperturas e nos sobressaltos dos períodos certos em que ele se desencadeia.

Então a alma nacional, de chofre comovida, ostenta o seu velho sentimentalismo incorrigível desentranhando-se em subscrições e em sonetos, em manifestos liricamente gongóricos e em telegramas alarmantes; os poderes públicos compram sacos de farinha e organizam comissões, e os cientistas apressados – os nossos adoráveis sábios *à la minute* –, ansiando por salvarem também um pouco a pobre terra, imaginam hipóteses.

Ora, a feição proteiforme destas últimas é expressiva. Dos fatos geométricos mais simples (a forma especial do continente norte-oriental), às circunstâncias orográficas da orientação das serras, à fatalidade astronômica da rotação das manchas solares, às considerações mais sérias relativas à constituição litológica dos terrenos – em todos estes pontos, que formam, afinal, toda a fisiografia do extremo Norte, têm doidejado as indagações com o efeito único de revelarem o traço característico do nosso espírito afeiçoado a um generalizar espetaculoso com o sacrifício da especialização tenaz, mais modesta, mais obscura e mais útil.

Diante da enorme fatalidade cosmológica, temos uma atitude de amadores; e fazemos física para moças. Daí a instabilidade e o baralhamento dos juízos. Acompanhamos o fenômeno escravizados à sua cadência rítmica; não lhe antepomos à intermitência a continuidade dos esforços. Entretanto, o próprio variar das causas precipitadas nos revela a sua feição complexa, exigindo longos e pacientes estudos. É evidente que estes serão sempre estéreis, adstritos aos paroxismos estivais, desdobrando-se na plenitude das catástrofes desencadeadas com o objetivo ilusório de as debelar, quando uma intervenção realmente eficaz só pode consistir no prevenir as secas inevitáveis, do futuro.

Estabelecido de modo iniludível o fatalismo das leis físicas, que estão firmando o regímen desértico em mais de um milhão

de quilômetros quadrados do território e torturando cerca de três milhões de povoadores, impõe-se-nos a resistência permanente, constante, inabalável e tenaz – uma espécie de “guerra dos cem anos” contra o clima – sem mesmo a trégua dos largos períodos benignos, porque será exatamente durante eles que nos aperceberemos de elementos mais positivos para a reação.

As secas do Nordeste interessam a dez estados. Irradiantes do Ceará, vão, pelo levante, ao centro do Piauí, buscando as extremas meridionais do Maranhão, de onde alcançam as do norte de Goiás; alongam-se para o ocidente abarcando com o limbo fulgurante o Rio Grande do Norte, a Paraíba, Pernambuco e Alagoas, lançando as últimas centelhas pelo mar em fora até Fernando de Noronha; e alastram-se pela Bahia e Sergipe, para o sul, até às raiais setentrionais de Minas.

Sendo assim, qualquer que seja o desfalecimento econômico do país, justifica-se a formação de comissões permanentes, de profissionais – modestas embora, mas de uma estrutura inteiriça – que, demoradamente, desvendando com firmeza as leis reais dos fatos inorgânicos observados, possam esclarecer a ação ulterior e decisiva do governo.

Não há mais elevada missão à nossa engenharia. Somente ela, ao cabo de uma longa tarefa (que irá das cartas topográficas, e hipsométricas, aos dados sobre a natureza do solo, às observações meteorológicas sistemáticas e aos conhecimentos relativos à resistência e desenvolvimento da flora), poderá delinear o plano estratégico desta campanha formidável contra o deserto.

Então, poderão concorrer, reciprocamente nas suas influências variáveis, os vários recursos que em geral se sugerem isolados: a açudada largamente disseminada, já pelo abarrear dos vales apropriados, já pela reconstrução dos lanços de montanhas que a erosão secular das torrentes escancelou em boqueirões, o que vale por uma restauração parcial da terra; a arborização em vasta

escala com os tipos vegetais que, a exemplo do juazeiro, mais se afeiçoam à rudeza climática das paragens; as estradas de ferro de traçados adrede dispostos ao deslocamento rápido das gentes flageladas; os poços artesianos, nos pontos em que a estrutura granítica do solo não apresentar dificuldades insuperáveis; e até mesmo uma provável derivação das águas do São Francisco, para os tributários superiores do Jaguaribe e do Piauí, levando perpetuamente à natureza torturada do Nordeste os alentos e a vida da natureza maravilhosa do Sul...

É, por certo, um programa estonteador; mas único, improrrogável, urgente.

Há bem pouco tempo, num artigo notável, Barbosa Rodrigues demonstrou o empobrecimento contínuo das nossas fontes, dos nossos rios e até mesmo das poderosas artérias fluviais da Amazônia.

A palavra austera do naturalista não logrou vingar o reduzido círculo de alguns estudiosos. Vibrou, inutilmente, como o grito de alarma de uma atalaia longínqua, avantajada demais. Entretanto, dela se conclui que, dados a generalidade daquele fato e o seu crescendo desconsolativo, deve engravescê-lo numa escala maior o regímen excessivo dos sertões do Nordeste. O deserto invoca o deserto. Cada aparecimento de uma seca parece atrair outra, maior e menos remorada, dando à terra crescente receptibilidade para o flagelo.

Os intervalos que as separam estreitam-se, acelerando-lhe o ritmo, agravando-lhe o grau termométrico das canículas que são a febre alta daquela estação monstruosa da terra. O interessante paralelismo de datas, que lhes dava um movimento uniforme nos séculos anteriores, parece destruir-se a pouco e pouco; e os seus ciclos, outrora amplíssimos, reproduzem-se, cada vez mais céleres e constrictos, como arrastados nos giros cada vez menores de uma espiral invertida.

Deste modo não há vacilar numa ação decisiva e, sobretudo, permanente.

Os holandeses não se limitaram a construir grande parte da Holanda: ainda hoje, quando tufam as marés e a onda insofregada acachoa ruidosa, chofrando a antemural dos diques, escuta-a da outra banda uma legião tranquila e vigilante de engenheiros hidráulicos, os primeiros do mundo.

A França, no arrancar, transfigurada, a Tunísia do Saara, reata a empresa muitas vezes secular dos romanos.

Porque para esses desastrosos desvios da natureza só vale a resistência organizada, permanente e contínua.

Além disto, para o nosso caso, trata-se de uma velha dívida a saldar.

De feito, por um contraste impressionador, as soalheiras que requeimam o Nordeste são elementos benfazejos ao resto do Brasil. Por um lado os alísios, refertos da umidade captada na travessia do Atlântico, ao tocarem a superfície calcinada dos sertões, superaquecem-se, conservando, no altear o ponto de saturação, as chuvas que conduzem; e repelidos pelas colunas ascensionais dos ares em fogo, que se alevantam das chapadas desnudas, refluem às alturas e vão rolando para o sudoeste, indo condensar, nas vertentes dos rios que derivam para o Amazonas e para o Prata, as águas que originam os seus cursos perenes e a fecundidade das terras.

Por outro lado, aqueles titânicos caboclos, que a desventura expulsa dos lares modestíssimos, têm levado a todos os recantos desta terra o heroísmo de uma atividade incomparável: povoaram a Amazônia; e do Paraguai ao Acre estadearam triunfalmente a sua robustez e a sua esplêndida coragem de rija sub-raça já constituída.

Assim, sob um duplo aspecto nós devemos, em parte, à sua miséria um pouco da nossa opulência relativa, e às suas desgraças a melhor parte da nossa glória.

E esta dívida tem mais de quatrocentos anos...

II

Delineando no artigo anterior um fugitivo esboço da reação contra o clima singular que vitima todo o Norte do Brasil, vimos de relance os vários recursos que, simultaneamente aplicados, poderiam melhorá-lo; mas do mesmo passo verificamos que a ação governamental seria ilusória se não a esclarecessem os elementos e dados positivos adquiridos em um aturado estudo daquelas paragens, sistematicamente executados por um grupo permanente de profissionais que, mercê de uma longa estada sobre o território, estabelecessem com a sua natureza, ainda em grande parte desconhecida, uma estreita intimidade, facultando-lhes o conhecimento de seus variadíssimos aspectos e, ao cabo, a revelação completa dos agentes nefastos que a malignam e devastam.

Não vai nisto a teimosia impertinente de um teórico incorrigível. Esta exploração científica da terra – coisa vulgaríssima hoje em todos os países – é uma preliminar obrigatória do nosso progresso, da qual nos temos esquecido indesculpavelmente, porque neste ponto rompemos com algumas das mais belas tradições do nosso passado. Realmente, a simples contemplação dos últimos dias do regímen colonial, nas vésperas da Independência, revela-nos as figuras esculturais de alguns homens que hoje mal avaliámos, tão apequenadas andam as nossas energias, e tão grandes o descaso e o desamor com que nos voltamos para os interesses reais deste país. Ricardo Franco de Almeida Serra, Silva Pontes e Lacerda e Almeida são hoje uns quase anônimos. Entretanto, os estoicos astrônomos, que os grosseiros agulhões mal norteavam nas espessuras nunca percorridas, sem o arsenal suntuoso dos atuais aparelhos, determinaram as coordenadas dos mais remotos pontos e desvendaram muitos traços proeminentes da nossa natureza. Ao último não lhe bastou o perlustrar o Brasil de extremo a extremo. Transpôs o mar, e foi atravessar a África...

Não se podiam encontrar melhores mestres, nem mais empolgantes exemplos. Mas, precisamente ao adquirirmos a autonomia política – talvez porque com ela illogicamente se deslocasse toda a vida nacional para os litorais agitados – olvidamos a terra; e os esplendores do céu, e os encantos das paisagens, e os deslumbramentos recônditos das minas, e as energias virtuais do solo, e as transfigurações fantásticas da flora, entregamo-los, numa inconsciência de pródigos sem tutela, à contemplação, ao estudo, ao entusiasmo e à glória imperecível de alguns homens de outros climas. Ao nosso nativismo nascente – e já ouriçado com os estilhaços dilaceradores da Noite das Garrafadas, não escandalizaram os ww ensarilhados, os yy sibilantes, e o estalar dos kk, e o ranger emperrado dos rr de alguns nomes arrevesados e estranhos. Koster, John Mawe, Wied-Newied, Langsdorf, Auguste Saint-Hilaire... primeiros termos de uma série, onde aparecem, num constrangimento de intrusos, raros nomes brasileiros – e que veio quase interrompida até Frederico Hartt, e que aí está contínua, imperecível e fecunda com Eugen Hussack, Orville Derby e Emilio Goeldi.

Ora, quaisquer que sejam os inestimáveis serviços desse grupo imortal de abnegados, são desanimadores.

Não lhes admiremos o brilho até à cegueira. Porque afinal é lastimável que ainda hoje procuremos nas velhas páginas de Saint-Hilaire... notícias do Brasil. Alheamo-nos desta terra. Criamos a extravagância de um exílio subjetivo que dela nos afasta, enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido.

Daí, em grande parte, os desfalecimentos da nossa atividade e do nosso espírito. O verdadeiro Brasil nos aterra; trocamos-lo de bom grado pela civilização mirrada que nos acotovela na Rua do Ouvidor; sabemos dos sertões pouco mais além da sua etimologia rebarbativa, *desertus*; e, a exemplo dos cartógrafos medievos, ao idealizarem a África portentosa, podíamos escrever em alguns

trechos dos nossos mapas a nossa ignorância e o nosso espanto: *hic abent liones...*

Não admiram o incolor, o inexpressivo, o incaracterístico, o to-lhiço e o inviável na nossa arte e das nossas iniciativas: falta-lhes a seiva materna. As nossas mesmas descrições naturais recordam artísticos decalques, em que o alpestre da Suíça se mistura, baralhado, ao distendido das landes: nada do arremessado impressionador dos itambés a prumo, do áspero rebrilhante dos cerros de quartzito, do desordenado estonteador das matas, do dilúvio tranquilo e largamente esparso dos enormes rios, ou do misterioso quase bíblico das chapadas amplas... É que a nossa história natural ainda balbucia em seis ou sete línguas estrangeiras, e a nossa geografia física é um livro inédito.

...

Aí está para o demonstrar esta questão gravíssima das secas. Nenhuma outra reclama mais imperativamente conhecimentos positivos acerca da estrutura dos terrenos.

Entre os recursos sugeridos, que se não excluem e cuja simultaneidade é indispensável a uma solução definitiva, aponta-se, preeminente, a açudada em vasta escala.

As mais ligeiras noções climatológicas denotam-lhe o valor: os numerosos e minúsculos lagos largamente espalhados na região terão o efeito moderador de um mediterrâneo subdividido; desaparecerão as colunas ascensionais dos ares adustos, que por ali repulsam vivamente os alísios, e com eles a umidade recolhida nos mares; as irrigações fecundarão a terra, e, a breve trecho, despertadas as suas energias adormecidas, a renascença da flora ultimar-se-á a intervenção humana. Mas este meio, tão decisivo pelos efeitos prefigurados, será ilusório sem a preliminar de investigações complexas, desdobrando-se dos simples trabalhos de nivelamento aos exames relativos à permeabilidade ou inclinação dos estratos, até aos estudos mais sérios e delicados da

fisiologia vegetal. Porque mesmo na passividade inorgânica os fatos naturais se entrelaçam solidários. Vai para meio século que Elie de Beaumont o demonstrou, num dos lances da sua intuição genial. É uma aliança indestrutível em que os incidentes mais díspares se acolchetam, e os vários aspectos naturais se desenrolam numa sequência impecável, lembrando um enredo firme de onde ressaltam as grandes vicissitudes e, diríamos melhor, o drama comovedor da existência indefinida da terra. Jamais o apreenderemos no afogadilho das empreitadas científicas, de todo inaptas a nos facilitarem, numa síntese final, a imagem aproximada desses misteriosos passados geológicos, que tanto esclarecem, às vezes, a nossa situação presente.

Ainda hoje quem contempla, na plenitude do estio, a natureza estranha do Nordeste, sobretudo nos trechos em que se desatam as chapadas intermitentemente cindidas de serros aspérrimos e abruptos – não sabe bem se está sobre o chão recém-emergido de algum mar terciário ou se pisa um velhíssimo afloramento do globo, brutalmente trabalhado pelos elementos; se tudo aquilo é a desordem de um cenário em preparativos para novas maravilhas da criação, ou um país que está morrendo; uma construção prodigiosa, em começo, ou o desabar de uma ruínia imensa...

A drenagem de águas selvagens, que por ali se exercita nas quadras tempestuosas, os seus rios que quando transitariamente cheios volvem as águas num ímpeto de torrentes colossais, tão céleres que mesmo quando eles cansam, no falar dos matutos, prestes a secarem, não dão vau; e o dismantelo das encostas e os pendores arruinados; e aqueles singulares boqueirões, tão lucidamente vistos por I. Joffili, que as águas rasgaram nas montanhas – tudo isto denuncia a segunda hipótese. E para logo nos empolga a imagem retrospectiva de uma terra admirável e farta e feracíssima – um vastíssimo jardim à margem dos grandes lagos – nos velhíssimos tempos fora da órbita da nossa história, antes que

estourassem os seus diques de montanhas e a natureza viesse lentamente definhando – roída pelas torrentes e calcinada pelos sóis, até ao melancólico aspecto que hoje patenteia...

Ora, se uma série suficiente de realidades observadas desse algum valor a esta demasiado imaginosa conjectura e pudéssemos reconstruir este episódio assombrosamente dramático dos nossos fastos geológicos, bastaria, certo, à nossa intervenção o acompanhar, numa marcha invertida, os rastos indeléveis dos estragos. Encadeadas as torrentes e os rios, e restauradas as velhas represas naturais, ligando-se, mesmo sem a primitiva imponência, os muramentos arruinados das serras – todo aquele território volveria à fisionomia antiga, pelo simples jogo equilibrado dos mesmos agentes físicos que hoje tumultuariamente o devastam.

Mas para que isto suceda, para que nos aparelhemos de uma série completa de elementos garantidores de uma ação decisiva, faz-se mister que este problema urgentíssimo das secas seja um motivo para que demos maior impulso a uma tarefa, que é o mais belo ideal da nossa engenharia neste século: a definição exata e o domínio franco da grande base física da nossa nacionalidade.

Aí está a nossa verdadeira missão.

A outros destinos talvez mais altos: a organização das atividades e do régimen geral da riqueza, o doutrinamento filosófico e a direção política, a remoção das dificuldades presentes e o levantamento das tradições históricas; mas todos esses grandes atos exigem antes de tudo um cenário amplíssimo que os abranja e não se reduza como até hoje às bordas alteadas dos planaltos e à estreita faixa de uma costa desmedida. Tudo quanto fizermos fora deste traçado será vão ou efêmero. Será o eterno tatear entre as miragens de um progresso falaz e duvidoso, até agora medido pelos estoques das sacas de café, pelas levas de imigrantes e por umas combinações políticas que ninguém entende.

III

A expansão imperialista das grandes potências é um fato de crescimento, o transbordar naturalíssimo de um excesso de vidas e de uma sobra de riquezas em que a conquista dos povos se torna simples variante da conquista de mercados. As lutas armadas que daí resultam, perdido o encanto antigo, transformam-se, paradoxalmente, na feição ruidosa e acidental da energia pacífica e formidável das indústrias. Nada dos velhos atributos românticos do passado ou da preocupação retrógrada do heroísmo. As próprias vitórias perderam o significado antigo. São até dispensáveis. A Inglaterra suplantou o Transvaal ao cabo de sucessivas derrotas, e amanhã a Rússia, constantemente batida, talvez esmague o Japão. Estão fora dos lances de gênio dos generais felizes e do fortuito dos combates. Vagas humanas desencadeadas pelas forças acumuladas de longas culturas e do próprio gênio da raça, podem golpear-las à vontade os adversários que as combatem e batem debatendo-se, e que se afogam. Não param. Não podem parar. Impele-as o fatalismo da própria força. Diante da fragilidade dos países fracos, ou das raças incompetentes, elas recordam, na história, aquele horror ao vácuo, com que os velhos naturalistas explicavam os movimentos irresistíveis da matéria.

Revelam quase um fenômeno físico.

Por isso mesmo nesta expansão irreprimível, não é do Direito, nem da Moral com os mais imponentes maiúsculos, nem de alguma das maravilhas metafísicas de outrora que lhes despontam obstáculos.

É da própria ordem física.

Realmente, à parte a Rússia seguindo para o levante entre os mesmos paralelos, a Europa e os Estados Unidos abandonam as latitudes onde se formaram; e como, qualquer que seja a flexibilidade do homem para o clima, os limites históricos dos povos se

traçam pelas zonas terrestres onde surgiram, o problema capital do imperialismo está menos no adquirir um pedaço de território que na adaptação do território adquirido. Trata-se de inquirir se a raça branca afeiçãoada às zonas temperadas, que são as das civilizações duradouras, poderá viver e crescer fora do seu deslumbrante habitat.

Porque as disposições geográficas imutáveis lhe oferecem os maiores cenários precisamente na África adusta, na Ásia meridional ardentíssima ou na Austrália desértica, deixando-lhe como únicas paragens, próprias a uma aclimação rápida, um trecho do Brasil do Sul, a Argentina, o Chile, uma faixa do Canadá, a ponta da África e algumas ilhas do Pacífico.

Daí, seguindo de par com a marcha expansionista, industrial e guerreira das potências, um movimento científico adrede disposto a facilitar estas mudanças de povos.

Desbravados os caminhos pelos exércitos, estabelecidas as primeiras levas de colonos e delineados os primeiros entrepostos – os governos entregam aos cientistas de todos os matizes a campanha maior e mais longa contra o clima, e toda a responsabilidade deste transplante das civilizações sem prejuízo do organismo das raças que as representam. Felizmente a empresa coincide com a época em que, dominando a máxima especialidade de ofícios, se entrelaçam, em generalizações admiráveis, todos os resultados das ciências. Profissões ontem distintas fundem-se, vinculadas. À engenharia não lhe bastam os recursos que vão da matemática à química. As próprias exigências da tecnologia sanitária dilatam-se à biologia e às mais altas indagações sobre a vida; enquanto a medicina, deparando na radiologia nascente inesperados elementos, se alonga pela física, ou vai, pela bacteriologia, para a amplitude das ciências naturais.

Médicos ou geômetras, ou geógrafos, todos por igual naturalistas, confundem-se, indistintos, numa tarefa inteiramente nova,

a do saneamento da terra. Passam, sem um desvio na profissão complexa, da geologia maciça à física quase espiritualizada, do radium, ou às indagações biológicas; e, inscrita de todo no quadro dos agentes exteriores, a existência humana vai aparecendo-lhes feita um índice abreviado de toda a vida universal.

Pelo menos hoje a amparam leis naturais tão rigorosas que já não se considera vã a tentativa de bater-se vantajosamente a fatalidade cosmológica dos climas.

Esta empresa belíssima, porém, realiza-se obscuramente. As linhas telegráficas não a espalham, são poucas a irradiarem as notícias e os mínimos pormenores das batalhas. Mal se adivinham no rastro dos exércitos os agrupamentos pacíficos, armados de inofensivos aparelhos, dos que observam, e experimentam, e comparam, e induzem; profissionais e operários, estudando as modalidades climáticas ou corrigindo-as, lucidamente teóricos e maciçamente práticos, passando da análise dos estratos do solos à dinâmica das correntes atmosféricas; aqui, redimindo pelas drenagens uma superfície condenada, mais longe fazendo ressurgir, transfigurado pela irrigação, um trato morto, de deserto – e por toda a parte polindo ou afeiçoando o chão maninho, ou os ares perniciosos, às novas vidas que os procuram.

Obedecem a um programa prescrito e inviolável. Na França e na Inglaterra as escolas de “Medicina Colonial”, onde se matriculam engenheiros oficiais de marinha, denunciam, pelo simples título, a carreira nova destinada a sistematizar todos os dados e a balancear todos os recursos decisivos para esta luta contra os novos meios, desdobrada dos mais simples trabalhos de campo à mais difícil profilaxia das moléstias que lhes são imanes, de modo a auxiliar a adaptação compensadora do organismo europeu a ambientes tão díspares dos que lhe são habituais.

E assim se transfiguraram a Tunísia e o Egito à ourela dos desertos, a Ilha de Cuba, recentemente; e vão-se transfigurando o Sudão, a Índia e as Filipinas...

Ora, inegavelmente, um tal objetivo basta a nobilitar as invasões modernas. Redime-lhe todas as culpas e as grandes brutalidades da força esta empresa maravilhosa, que é uma espécie de reconstrução da terra, aparecendo cada dia maior e oferecendo à história novos cenários no seio das paragens mortas que ressurgem...

•••

Mas para nós, brasileiros, tudo isto é um desapontamento.

Realmente, nesta agitação utilíssima, que fazemos nós?

À parte os estados do Sul, estamos num país que a aclimação, apenas favorecida pela mestiçagem, condena às formas medíocres da humanidade.

A faixa da zona tórrida que entra no litoral do Pacífico ao norte do Peru infilete para o sul, abrange Mato Grosso e vem sair perto de Santos, deixando-se interferir e cortar pela linha tropical. Deste modo o Brasil, na sua maior área, está vinculado pelas condições físicas mais videntes à África Central, à Índia, às ilhas que se salteiam de Madagascar a Bornéu e a Nova Guiné, e ao extremo norte calcinado da Austrália – em plena regio adusta fechada à aristocracia dos povos. É um fato plenamente sabido. Ressalta ao mais breve olhar sobre um mapa. Não há fantasias patrióticas que no-lo escondam.

E quaisquer que sejam as teorias e hipóteses e imaginosas teses que desde Montesquieu se digladiam, irreconciliáveis, acerca do valor das influências externas – não há desconhecer-se que temos aquele perpétuo coeficiente de redução do nosso desenvolvimento, atirando-nos em plano inferior ao da Argentina e do Chile.

Entretanto, não nos impressionamos. Num tempo em que se demonstra a eficácia da ação do homem sobre o meio, capaz de deslocar os climas, quedamos numa indiferença muçulmana sob o clima que nos fulmina. Não o estudamos mesmo rudimentarmente, pela rama, e sem objetivo de o transfigurar. Não temos

mesmo esparso, mesmo reduzido nos pontos principais dos estados, um serviço meteorológico sistemático e plenamente generalizado de modo a permitir uma comparação permanente e contínua das modalidades climáticas. Da terra, sob os infinitos aspectos que vão da rocha à flor, sabemos apenas o que se colhe em vários livros estrangeiros e raras monografias nacionais; e ainda hoje, quando se nos antolha uma bacia de carvão de pedra, ou um veeiro farto de ouro, faz-se-nos mister a importação de um sábio.

Deslumbrados pelo litoral opulento e pelas miragens de uma civilização que recebemos emalada dentro dos transatlânticos, esquecemo-nos do interior amplíssimo onde se desata a base física real da nossa nacionalidade. Ali se patenteiam dois casos invariáveis: ou as populações, sobre o solo estéril, vegetam miseravelmente decaídas pelo impaludismo, tão característico das regiões incultas, e vão formando, pela hereditariedade dos estigmas, uma raça de mestiços lastimáveis, agitantes num quase deserto; ou as populações, sobre o solo exuberante, atacam-no ferozmente, a ferro e fogo, nas derrubadas e nas queimadas das largas culturas extensivas, e vão fazendo o deserto.

Este caso é notável no refletir o círculo vicioso da atividade nacional. Numa época em que dominam os milagres da engenharia e da biologia industrial – tão grandes os ianques em três anos transformaram num prado o deserto clássico de Colorado – a nossa cultura tem como efeito final o barbarizar a terra.

Malignamo-la, desnudamo-la rudemente, sem a mínima lei repressiva refreando estas brutalidades – e a pouco e pouco, nesta abertura contínua de sucessivas áreas de insolação, vamos ampliando em São Paulo, em Minas, em todos os trechos, mais apropriados à vida, a faixa tropical que nos malsina.

Não há exemplo mais típico de um progresso às recuadas. Vamos para o futuro sacrificando o futuro, como se andássemos nas vésperas do dilúvio.

Não nos contentamos em resolver a golpes de subscrições intermitentes a fatalidade das secas que vitimam o Norte; vamos além: alargamo-las criando no Sul, sobre as vastas áreas insoladas, continuamente crescentes, todas as mínimas barométricas que no-las atrairão mais tarde...

E tudo isto – esta indiferença ou esta intervenção, ambas prejudiciais – se observa numa época em que o único significado verdadeiramente civilizador do movimento expansionista das raças vigorosas sobre a terra está todo em afeiçoar os novos cenários naturais a uma vida maior e mais alta – compensando-se o duro esmagamento das raças incompetentes com a redenção maravilhosa dos territórios...

A República nos tirou do remanso isolador do Império para a perigosa solidariedade sul-americana: caímos dentro do campo da visão, nem sempre lúcida, do estrangeiro, insistentemente fixa sobre os povos, os governos e os “governos” (ironicamente sublinhados ou farpeados de aspas) da América do Sul.

O imperador, em que pesem a sua educação imperfeita e as suas sensíveis falhas de estadista, era o grande plenipotenciário do nosso bom senso equilibrado e da nossa seriedade. A sua bela meia-ciência, toda ornada de excertos hebraicos e das estrelas da astronomia doméstica de Flammarion, mas ansiosamente atraída para o convívio dos sábios e contumaz frequentadora de institutos, era a nossa mesma ânsia, talvez precipitada, mas nobilíssima, de acertar, e a sua bonomia, os seus hábitos modestos e simples, os mesmos hábitos modestos, certo sem brilhos, mas em todo caso decentes, com que andávamos na história.

Tinha a força sugestiva e dominadora dos símbolos ou das imagens. Era, para a civilização tão distraída por infinitos assuntos mais urgentes e mais sérios, um índice abreviado onde ela aprendia de um lance os aspectos capitais da nossa vida: o epítome vivo do Brasil.

Talvez não fosse bem certo e carecesse de uma mondanura severa, ou revisão acurada, mas tinha a vantagem de nos determinar

uma consideração à parte. Na atividade revolucionária e dispersiva da política sul-americana, apisoada e revolta pelas gauchadas dos caudilhos, a nossa placidez, a nossa quietude, digamos de uma vez, o nosso marasmo, delatavam ao olhar inexperto do estrangeiro o progresso dos que ficam parados quando outros velozmente recuam. E, dados a complexidade étnica e o apenas esboçado de uma sub-raça onde ainda se caldeiam tantos sangues, aquela placabilidade e aquele marasmo recordavam-lhe na ordem social e política a imprescindível tranquilidade de ambiente que, por vezes, se exige na física para que se completem as cristalizações iniciadas...

Hoje, não. Sem aquele ponto de referência, a opinião geral desvaira; derranca-se em absurdos e em erros; estonteia num agitar sem sentido, de maravilhas inúteis; confunde-nos nas desordens tradicionais de caudilhagem; mistura os nossos quatorze anos de régimen novo a mais de um século de pronunciamentos; e como, durante esta crise de crescimento, nos saltaram e salteiam desastres – que só podem ser atribuídos à República por quem atribua ao firmamento as tempestades que no-lo escondem – já não nos distingue nos mesmos conceitos. E que conceitos...

Deletriem-se as revistas norte-americanas, para não citarmos outras, e vejam-se o desabrido da palavra, o cruciante dos assertos e até o temerário de futuros planos de absorção, sempre que acontece tratar-se das *sister republics*, curioso eufemismo com que se designa vulgarmente o vasto e apetecido *res nullius*, desatado do Panamá ao Cabo Horn.

Para os rígidos estadistas que não nos conhecem, e a quem justamente admiramos, as repúblicas latinas – “as que se dizem Repúblicas” no dizer dolorosíssimo de James Bryce, patenteiam, impressionadoramente, o espetáculo assombroso de algumas sociedades que estão morrendo. Aplicando à vida superorgânica as conclusões positivas do transformismo, esta filosofia

caracteristicamente saxônia, e exercitando crítica formidável a que não escapam os mínimos sintomas mórbidos de uma política agitada, expressa no triunfo das mediocridades e na preferência dos atributos inferiores, já de exagerado mando, já de subserviência revoltante, o que eles lobrigam nas gentes sul-americanas é uma seleção natural invertida: a sobrevivência dos menos aptos, a evolução retrógrada dos aleijões, a extinção em toda a linha das belas qualidades do caráter, transmutadas numa incompatibilidade à vida, e a vitória estrepitosa dos fracos sobre os fortes incompreendidos...

Imaginai o darwinismo pelo avesso aplicado à história...

Ora, precisamos anular estes conceitos lastimáveis, que às vezes nos marcam situações bem pouco lisonjeiras. Porque, ainda os há que excetuem o México disciplinado por Porfirio Díaz e enriquecido por José Inês, embora abrangido de todo pela órbita comercial e industrial da Norte-América; e o Chile com a sua rígida estrutura aristocrática; e a Argentina, que poucos anos de paz vão transfigurando, sob o permanente influxo do grande espírito de Mitre – um homem que é o poder espiritual de um povo.

Nós ficamos alinhados com o Paraguai, convalescente; com a Bolívia, dilacerada pelos motins e pelas guerras; com a Colômbia e a abortícia republícola que há meses lhe saiu dos flancos; com o Uruguai, a esta hora abalado pelas cavalarias gaúchas, e com o Peru.

Não exageramos. Poderíamos fazer numerosas e até monótonas citações, recentes todas, espalhadas em livros e em revistas, onde se move esta extravagante e crudelíssima guerrilha de descrédito.

Aqui, um secretário de legação – poupemos o seu nome – que na *North American Review* patenteia um adorável ciúme ante a expansão teutônica em Santa Catarina e bate alarmadamente a afinadíssima tecla dos princípios de Monroe; e demasia-se depois no

excesso de zelo de denunciar a nossa apatia de filhos de uma terra onde é sempre de tarde – *a land where it is always afternoon!* – e a nossa miopia patriótica que não percebe em Von den Stein, em Hermann Meyer, em Landerberg os caixeiros sábios de Hansa, os batedores sem armas do germanismo; além do pretenso sociólogo – deixemos também em paz o seu nome e o seu livro, que ambos não valem a escolta dos mais desarranjados adjetivos – que, pontificando dogmaticamente, genialmente canhestro, acerca do imperfeito da instrução japonesa, aponta-a como inferior à das Repúblicas sul-americanas, “exceto o Paraguai e o Brasil”, recusando-nos, nesta parceria, a mesma procedência alfabética...

Realmente, o que surpreende em tais artigos não é o extravagante das afirmativas; é faltar-lhes, subscrevendo-os, a assinatura de Mark Twain, o mestre encantador da risonha gravidade da ironia ianque.

...

Ora esta campanha iminente com o Peru pode ser um magnífico combate contra essas guerrilhas extravagantes.

Fizemos tudo por evitá-la, sobrepondo à fraqueza belicosa da nação vizinha o generoso programa da nossa política exterior no últimos tempos, tão elevada no sacrificar interesses transitórios aos intuitos mais dignos de seguirmos à frente das nações sul-americanas como os mais fortes, os mais liberais e os mais pacíficos. O recente Tratado de Petrópolis – resolvido há quarenta anos, quase pormenorizado por Tavares Bastos e Pimenta Bueno – todo ele resultado de uma inegável continuidade histórica – é o melhor atestado dessa antiga irradiação superior do nosso espírito, destruindo ou dispensando sempre o brilho e a fragilidade das espadas. Nada exprime melhor a nossa atitude desinteressada e originalíssima, de povo cavaleiro andante, imaginando na América do Sul, robustecida pela fraternidade republicana, a garantia suprema e talvez única de toda a raça latina diante da concorrência formidável de outros povos.

Mas não a compreendeu nunca a opinião estrangeira, que um excesso de objetivismo leva à contemplação exclusiva do quadro material das nossas desditas, à análise despiedada de tudo quanto temos de mau, à indiferença sistemática por tudo quanto temos de bom: e interpretam-na talvez como um sintoma de fraqueza as próprias nações irmãos do continente.

Desiludamo-las.

Aceitemos traquilamente a luta com que nos ameaçam, e que não podemos temer.

Não será o primeiro caso de uma guerra reconstrutora. Mesmo quando rematam aparentes desastres, estes conflitos vitais entre os povos, se os não impelem apenas os caprichos dinásticos ou diplomáticos, traduzem-se em grandes e inesperadas vantagens até para os vencidos. A França talvez não monopolizasse hoje as simpatias da Europa sem a catástrofe de 70, que fez a dolorosa glorificação do seu espírito e o ponto de partida de uma regeneração incomparável, toda esteada numa experiência duríssima. Entram muito na glória imortal da Gambetta os planos estratégicos de Moltke.

Tão certo é que as artificiosas combinações políticas, afeiçoadas ao egoísmo dos grupos, se despedaçam nos largos movimentos coletivos, que não abrangem. E nós, afinal, precisamos de uma forte arregimentação de vontade e de uma sólida convergência de esforços, para grandes transformações indispensáveis.

Se essa solidariedade sul-americana é um belíssimo ideal absolutamente irrealizável, com o efeito único de nos prender às desordens tradicionais de dois ou três povos irremediavelmente perdidos, pelo se incompatibilizarem às exigências severas do verdadeiro progresso – deixemo-la.

Sigamos – no nosso antigo e esplêndido isolamento – para o futuro; e, conscientes da nossa robustez, para a desafronta e para a defesa da Amazônia, onde a visão profética de Humboldt nos revelou o mais amplo cenário de toda a civilização da terra.

Roosevelt é um estilista medíocre. A frase adelgaça-se-lhe no distendido de uns períodos oratórios cheios de incidentes intermináveis e rematados pela simulcadência inatural das mesmas ideias repisadas, volvidas e revolvidas sob todas as faces, com o sacrifício absoluto da forma à clareza, ou à exposição desatada em pormenores e minúcias exemplificadoras. Não escreve, leciona. Não doutrina, demonstra. Não generaliza, não sintetiza e não se compraz com os aspectos brilhantes de uma teoria: analisa, disseca, induz friamente, ensina.

Mas isto sem o aprumo pretensioso de um lente que pontifica, senão com a modéstia fecunda de um adjunto que rediz, experimenta e mostra.

É o grande repetidor da filosofia contemporânea. Nada diz de novo.

Diz tudo de útil.

O seu último livro, o Ideal americano, é uma sistematização de truísmos, para adotarmos o anglicismo indispensável às coisas sabidíssimas e claras. E no primeiro momento, deletreadas as primeiras páginas, imaginamo-nos às voltas com um excêntrico rival de Mark Twain, abalançando-se a ressuscitar velharia e a demonstrar axiomas.

No entanto, a pouco e pouco, ele nos domina e absorve. Há um encanto irresistível naquela rudeza de *rough rider* e de quaker;

e o paladino rejuvenescido de coisas tão antigas – a energia, a honestidade e o bom senso – escrevendo sob a preocupação aparente dos destinos de seu país, vai, realmente, traçando todas as condições imprescindíveis à vida de todos os países.

Para nós, sobretudo, a sua leitura é imperiosa e urgente.

Copiamos, numa quase agitação reflexa, com o cérebro inerte, a Constituição norte-americana, arremetendo com as mais elementares noções do nosso tirocínio histórico e da nossa formação, violando do mesmo passo as nossas tradições e a nossa índole; é natural e obrigatório que lhe vejamos, a par da grandeza, os males, sobretudo quando eles entendem especialmente com a nossa situação presente e o nosso carácter nacional.

De fato, Roosevelt, ao delatar os “perigos excepcionais” que ameaçam a grande República, antepõe-lhes por vezes de relance, mas insistentemente, feito uma contraprova expressiva, o quadro da anarquia sul-americana; “rusguento grupo de estados, premiados pelas revoluções e onde um único senão se destaca mesmo como nação de segunda”.

Deste modo, enquanto recuamos espavoridos imaginando o espantinho do perigo ianque, o estrênuo professor de energia põe, na frente da opinião ianque, o espantinho do perigo sul-americano. Temos medo daquela força; e, no entanto, ela é quem se assusta e foge apavorada da nossa fraqueza.

Ora, infelizmente para nós, a covardia paradoxal do colosso é mais compreensível que a infantilidade dos nossos receios.

Folheiem-se ao acaso as primeiras folhas do Ideal americano. Depara-se-nos para logo uma novidade: o homem tão representativo do absorvente utilitarismo e do triunfo industrial da América do Norte – é um idealista, um sonhador, um poeta incomparável de virtudes heroicas.

Para ele, as garantias de sucesso da sua terra estão menos nos prodígios da atividade e no assombro de uma riqueza material

sem par do que nas belíssimas tradições de honra e eficiência, traduzidas na ordem política pelos nomes que se inserem entre os de Washington e Lincoln, e na ordem social pelo repontar ininterrupto dessas emoções generosas, que propõem aos verdadeiros estadistas e sem as quais as nações se transmudam “em trambo-lhos obstrutivos de alguns tratos da superfície terrestre”. Não lhe bastam as virtudes da economia e do trabalho; superpõe-lhes a glorificação permanente da honra nacional, da coragem e da audácia, do altruísmo, da lealdade e das grandes tradições provindas das façanhas passadas, formando a capacidade crescente para as empresas maiores do futuro...

Traçado este rumo, é inflexível. Caem-lhe sob o passo de carga de uma lógica inteiriça, confundidos, embolados e ruídos no mesmo esmagamento: – o político tortuoso e solerte que, malignado pelo oblíquo incurável da visão moral, faz da política um meio de existência e supre com a esperteza criminoso a superioridade de pensar; o doutrinador estéril que não transforma a vida numa força ativa e combatente; o indiferente que resmoneia, agressivo, contra a corrupção política ou administrativa, e não intervém num protesto vigoroso e alto, definido por atos decisivos; o jornalista que não exercita uma crítica intrépida dos homens e dos partidos, ou se desfaz em lisonjarias indecorosas... e, sobre todos eles, os que formam a plateia louvaminheira, não só para lhes explorar as ações como para lhes divinizar e aplaudir, garantindo-lhes no mesmo lance a impunidade dos crimes e a recompensa dos males perpetrados...

Ao lermos estas páginas impiedosas, pressentimos o dardo de uma alusão ferina. Ali está, latente, um comentário interlinear, de onde ressalta o pior da nossa desalentadora psicologia.

Mas prossigamos. Há identidades mais empolgantes. O impávido moralista repisa logo adiante uma outra novidade velha: firma de modo inflexível a necessidade de um largo americanismo,

um forte sentimento nacional contraposto a um localismo deprimente e dispersivo. Combate às claras – numa lúcida compreensão, que não possuímos, do verdadeiro regímen federal – o maligno espírito de paródia e esse estreito patriotismo de campanário provincial ou estadual, que subordina a nacionalidade ao bairrismo e retrata, em nosso tempo, o federalismo incoerente da antiguidade grega, das Repúblicas medievais da Itália, e dos retrógrados estados da Alemanha antes de Bismarck.

Neste lance, aponta ainda uma vez os fatos “abjetos e sangrentos” da América do Sul. E tão desanimador se lhe afigura este vício do regímen, que se apressa em lhe denunciar a quase extinção na América do Norte, graças a uma evolução inegável e positiva, porque significa, ali, a passagem de uma forma incoerente e dispersiva a uma forma mais coerente e definida, consoante o preceito elementar do maior pensador da sua raça.

Trata-se, como se vê, de um mal que lá está em plena decadência, próximo a extinguir-se, mas que ainda atemoriza; ao passo que entre nós ele surge vigoroso, e se desenvolve e irradia para toda a banda, delineando umas fronteiras ridículas, ou ostentando irritantemente umas questões de limites inclassificáveis, e deixa-nos impassíveis...

Completa-o um outro.

Ao patriotismo diferenciado alia-se, pior, o cosmopolitismo – essa espécie de regímen colonial do espírito que transforma o filho de um país num emigrado virtual vivendo, estéril, no ambiente fictício de uma civilização de empréstimo. Mas não há explicar-se a insistência do escritor neste ponto. O americano do norte é um absorvente e um dominador de civilizações. Suplanta-as, transfigura-as, afeiçoa-as ao seu individualismo robusto e ao seu bom senso incomparável; americaniza-as.

Para nós, sim, é que parecem feitas aquelas páginas severas ríçadas de repentinos e vivos golpes de ironia – porque entre nós é

que se faz mister repetir longamente, e monotonamente mesmo, “que mais vale ser um original do que uma cópia, embora esta valha mais do que aquele”, e que o ser brasileiro de primeira mão, simplesmente brasileiro, malgrado a modéstia do título, “vale cinquenta vezes mais do que ser a cópia de segunda classe, ou servil oleografia, de um francês ou de um inglês”.

Parafraseando, diríamos: os nossos melhores estadistas, guerreiros, pensadores e dominadores da terra, os que engenharam as melhores leis e as cumpriram, os homens de energia ativa e de coração, que definiram com mais brilho a nossa robustez e o nosso espírito – todos sentiram, pensaram e agiram principalmente como brasileiros; e destacam-se, como no passado, de todo destoantes da fisionomia moral de uma época onde o mesmo esboço de um irrequeto e frágil nativismo foi pedir à história do estrangeiro o próprio nome do batismo.

O Ideal americano não é um livro para os Estados Unidos, é um livro para o Brasil.

Os nossos homens públicos devem – com diurna e noturna mão – versá-lo e decorar-lhe as linhas mais incisivas, como os arquitetos decoram as fórmulas empíricas da resistência dos materiais.

É um compêndio de virilidade social e de honra política incomparável. Traçou-o o homem que é o melhor discípulo de Hobbes e de Gumplovicz – um fanático da força, um tenaz propagandista do valor sob todos os aspectos, que vão da simples coragem física ao estoicismo mais complexo.

Daí a sua utilidade, não nos iludamos. Na pressão atual da vida contemporânea, a expansão irresistível das nacionalidades deriva-se, como a de todas as forças naturais, segundo as linhas de menor resistência. A absorção de Marrocos ou do Egito, ou de qualquer uma outra raça incompetente, é antes de tudo um fenómeno natural, e, diante dele, conforme insinua a ironia aterradora

de Mahan, o falar-se no Direito é extravagância idêntica à de quem procura discutir ou indagar sobre a moralidade de um terremoto.

É o darwinismo rudemente aplicado à vida das nações.

Roosevelt compara de modo pinturesco essa concorrência formidável a um vasto e estupendo *football on the green*: o jogo deve ser claro, franco, enérgico e decisivo; nada de desvios, nada de tortuosidades, nada de receios, porque o triunfo é obrigatoriamente do lutador que *hits the line hard!*

Aprendamos, enquanto é tempo, esta admirável lição de mestre.

O nosso antilocalismo frisa pela parcialidade. Não há aplausos que nos bastem aos forasteiros disciplinados que nos últimos tempos transfiguraram as nossas culturas e se vincularam aos nossos destinos, nobilitando o trabalho e facilitando a maior reforma social do nosso tempo.

Somos adversários do nativismo sentimental e irritante, que é um erro, uma fraqueza e uma velharia contraposta ao espírito liberal da política contemporânea. A este pseudopatriotismo, para o qual Spencer, na sua velhice melancólica e desiludida, criou a palavra “diabolismo”, deve antepor-se um lúcido nacionalismo, em que o mínimo desquerer ao estrangeiro, que nos estende a sua mão experimentada, se harmonize com os máximos resguardos pela conservação dos atributos essenciais da nossa raça e dos traços definidores da nossa gens complexa, tão vacilantes, ou rarescentes na instabilidade de uma formação etnológica não ultimada e longa. E ainda quando nos turbasse um esmaniado jacobinismo, todo ele ruiaria ao defrontar o quadro da imigração do Brasil: homens de outros climas que aqui se nacionalizam consorciados com a terra pelos vínculos fecundos das culturas.

Mesmo sob o aspecto estritamente econômico, pensamos como Louis Couty – este belo espírito a um tempo imaginoso e prático que com tão largo descortino prefigurou o nosso desenvolvimento: não podemos ainda dispensar a energia europeia

mais ativa e apta, para que se desencadeiem as nossas energias naturais. O colono, entre nós, é o primeiro, senão o único, fator econômico, e, pelo destaque vivíssimo entre a sua perícia infatigável e a nossa atividade tateante, ele repona, transformando a biologia industrial num capítulo interessantíssimo de psicologia social.

Deste modo, a simpatia pelo estrangeiro, baseamo-la, até movidos pelo egoísmo, nos nossos interesses imediatos e mais urgentes.

Podemos apreciar com segurança o lado sombrio deste assunto.

De fato, esta emigração que desejamos, não já pelo concurso mecânico do braço que trabalha, senão também porque carecemos da colaboração artística e do adiantamento de outros povos, aparece diante do vacilante da nossa estrutura política e da nossa formação histórica incompleta como um problema, que não podemos afastar, que não queremos e não devemos afastar, mas que devemos resolver com infinitas cautelas. Não podemos encará-lo com o ânimo folgado nem com o moderantismo com que o enfrentam os naturais de um país onde o forasteiro, parta de onde partir, depare, a par de um intenso individualismo de raça constituída, a atmosfera virtual de uma civilização onde ele para viver tenha que se adaptar. A nossa situação não é ainda esta. O forasteiro de um modo geral – à parte naturalmente o rebotalho das levas imigrantes – aqui depara um meio intelectual e moral facilmente complectível, se não inferior àquele onde nasceu; a pouco e pouco vai trazendo-nos o seu ambiente moral, destruindo pelo contínuo implante dos seus costumes o próprio exílio que procurou e criando-nos ao cabo, graças ao nosso desapego às tradições, ao cosmopolitismo instintivo e à insegurança dos nossos estímulos próprios, um quase exílio paradoxal dentro da nossa própria terra.

É nesta circunstância única que se esboçam inconvenientes capazes das mais exageradas suscetibilidades patrióticas esclarecidas pelas mais sólidas inferências positivas.

Falta-nos integridade étnica que nos aparelhe de resistência diante dos caracteres de outros povos.

O Brasil não é como os Estados Unidos ou a Austrália, onde o inglês, o alemão ou o francês alteram e cambiam as qualidades nativas ou as refundem e refinam, originando um tipo novo e mais elevado do que os elementos formadores. Está numa situação provisória de fraqueza, na franca instabilidade de uma combinação incompleta de efeitos ainda imprevisos, em que a variedade dos sangues, que se caldeiam, implica o dispersivo das tendências díspares, que se entrelaçam.

E isto numa quadra excepcional em que parecem perdidas todas as esperanças no influxo nivelador do pensamento moderno, cuja circulação poderosa, contravindo a todos os prognósticos, não refundiu, não misturou e não unificou os atributos primitivos dos povos, nem destruiu, num desafogado internacionalismo, a cláusula das fronteiras.

As últimas páginas de H. Spencer são um diluente do esplêndido rigorismo das suas mais sólidas teorias. O filósofo que se abalçou a traduzir o desdobramento evolutivo das sociedades numa fórmula tão concisa e fulgurante quanto a fórmula analítica em que Lagrange fundiu toda a mecânica racional – acabou num lastimável desalento. A seu parecer, a civilização desfecha na barbaria.

Depois de presidir ao triunfo das ciências e de caracterizar os seus reflexos criadores nas maiores maravilhas das indústrias – assombrou-o à última hora, salteando-o de espantos, o sombrio alvorecer crepuscular do novo século. E contemplando em toda a parte, de par com a desorientação científica, um extravagante renascimento da atividade militar e um imperialismo que

denuncia a tendência das nacionalidades robustas a firmarem a hegemonia política – rematou uma vida que toda ela foi um hino ao progresso, confessando que assistia à decadência universal.

Exagerou.

Mas há um fato incontrastável: o pendor atual e irresistível das raças fortes para o domínio, não pela espada, efêmeras vitórias ou conquistas territoriais – mas pela infiltração poderosa do seu gênio e da sua atividade.

Para este conflito é que devemos preparar-nos, formulando todas as medidas, de caráter provisório embora, que nos permitam enfrentar sem temores as energias dominadoras da vida civilizada, aproveitando-as cautelosamente, sem abdicarmos à originalidade das nossas tendências, garantidoras exclusivas da nossa autonomia entre as nações. Está visto o significado superior desse anelo quase instintivo de uma revisão constitucional que tanto vai generalizando-se e em breve será a plataforma única de um partido, o primeiro digno de tal nome a formar-se neste régimen. Reconhece-se, afinal, que o nosso código orgânico não enfeixa as condições naturais do progresso; e que andamos há quinze anos no convívio das nações com a aparência pouco apresentável de quem, meão na altura, se revestiu desastrosamente com as vestes de um colosso.

Daí, a maioria dos males.

Fora absurdo atribuí-los à República, numa época em que a preexcelência das formas de governo é assunto relegado aos donaires da palavra e à brilhante frivolidade dos torneios acadêmicos. Atribuímo-los ao artificialismo de um aparelho governamental feito de afogadilho e sem a medida preliminar dos elementos próprios da nossa vida. Um código orgânico, como qualquer outra construção intelectual, surge naturalmente da observação consciente dos materiais objetivos do meio que ele procura definir – e para o caso especial do Brasil exige ainda medidas que

contrapesem, ou equilibrem a nossa evidente fragilidade de raça ainda incompleta, com a integridade absorvente das raças já constituídas.

A tarefa dos futuros legisladores será mais social do que política e inçada de dificuldades, talvez insuperáveis.

Realmente, este velar pela originalidade ainda vacilante de um povo – numa fase histórica em que se universalizam tendências e ideais, e em que fora absurdo inclassificável o sequestro do Paraguai de há cinquenta anos, equivale quase a impropriar-nos ao ritmo acelerado da civilização geral...

•••

Mas se não podemos engenhar medidas que nos salvaguardem, ou amparem nesta pressão formidável imposta pelo convívio necessário, civilizador e útil dos demais países, devemos pelo menos evitar as que de qualquer modo facilitem, ou estimulem, ou abram a mais estreita frincha à intervenção triunfante do estrangeiro na esfera superior dos nossos destinos.

É o que sucede, para citarmos um exemplo, com o projeto de reforma constitucional que neste momento se discute no Congresso paulista.

Lá está um artigo a talho das considerações que alinhamos.

É o que firma a elegibilidade do estrangeiro, dotado com um exíguo quinquênio de vida estadual, para o cargo de presidente do estado. A reforma, neste ponto, não altera o estatuto antigo.

Renova-a. O naturalizado, revestido de direitos políticos de pronto adquiridos na franquia escancarada da grande naturalização, poderá dirigir amanhã os destinos do estado mais próspero do Brasil.

Assim, no plagiar a estrutura política dos ianques, mal cepilhando-lhe as rebarbas, vamos repeli-la e repudiá-la precisamente no lance onde ela ostenta um magnífico ciúme nativista, rodeando de tantas exigências, de tantos empecos e de condições tão

severas, até para os mesmos filhos do país, o conseguimento de um cargo que é a mais alta concretização da vontade popular, e que se destina a imprimir uma unidade inteiriça entre os demais órgãos do governo.

Todas as linhas anteriores nos dispensam o comentário mais breve desta disposição legislativa, que irá atrair para o ponto mais alto das agitações eleitorais a arregimentação vigorosa dos que têm a solidariedade espontânea e firme determinada pelo próprio afastamento da verdadeira pátria. E se considerarmos bem o quadro desanimador da nossa atual existência política, praticamente definida pela mais completa indiferença e em que o abstencionismo se erigiu em protesto único e contraproducente a defrontar os estigmas que debilitam a organização dos poderes constituídos – o artigo renovado na Constituição do estado mais cosmopolita do Brasil não é apenas um erro.

É até uma imprudência.

NA AMAZÔNIA — TERRA SEM HISTÓRIA

IMPRESSÕES GERAIS

Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que nos sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento. A massa de águas é, certo sem par, capaz daquele “terror” a que se refere Wallace; mas como todos nós desde mui cedo gizamos um Amazonas ideal, mercê das páginas singularmente líricas dos não sei quantos viajantes que desde Humboldt até hoje contemplaram a Hileia prodigiosa, com um espanto quase religioso — sucede um caso vulgar de psicologia: ao defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estritamente artístico, isto é, como um trecho da terra desabrochando em imagens capazes de se fundirem harmoniosamente na síntese de uma impressão empolgante, é de todo em todo inferior a um sem-número de outros lugares do nosso país. Toda a Amazônia, sob este aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Monduba.

É, sem dúvida, o maior quadro da Terra; porém chatamente rebatido num plano horizontal que mal alevantam de uma banda, à feição de restos de uma enorme moldura que se quebrou, as serranias de arenito de Monte Alegre e as serras graníticas das Guianas. E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede às fadigas de

monotonia inaturalável e sente que o seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares.

• • •

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido – quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem. Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos em “sacados”, cujos istmos a revezes se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que estes dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em “furos” que se anastomosam, reticulados e de todo incaracterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos.

Depois de uma única enchente se desmancham os trabalhos de um hidrógrafo.

A flora ostenta a mesma imperfeita grandeza. Nos meios-dias silenciosos – porque as noites são fantásticamente ruidosas – quem segue pela mata vai com a vista embotada no verde-negro das folhas; instante em instante, os fetos arborescentes emparelhando palmeiras, e as árvores de troncos retilíneos e paupérrimos de flores, tem a sensação angustiosa de um recuo às mais remotas idades, como se rompesse os recessos de uma daquelas mudas florestas carboníferas desvendadas pela visão retrospectiva dos geólogos.

Completa-a, ainda sob esta forma antiga, a fauna singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda uma impressão paleozoica. E quem segue pelos longos rios,

não raro, encontra as formas animais que existem, imperfeitamente, como tipos abstratos ou simples elos da escala evolutiva. A “cigana” desprezível, por exemplo, que se empoleira nos galhos flexíveis das oiranas, trazendo ainda na asa de voo curto a garra do réptil...

Destarte a natureza é portentosa, mas incompleta. É uma construção estupenda a que falta toda a decoração interior. Compreende-se bem isto: a Amazônia é talvez a terra mais nova do mundo, consoante as conhecidas induções de Wallace e Frederico Hartt. Nasceu da última convulsão geogênica que subleveu os Andes, e mal ultimou o seu processo evolutivo com as várzeas quaternárias que se estão formando e lhe preponderam na topografia instável.

Tem tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência – e que é como que a grande lógica inconsciente das coisas.

Daí esta singularidade: é de toda a América a paragem mais perlustrada dos sábios e é a menos conhecida. De Humboldt, a Em. Goeldi – do alvorear do século passado aos nossos dias, perquirem-na, ansiosos, todos os eleitos. Pois bem, lede-os. Vereis que nenhum deixou a calha principal do grande vale; e que ali mesmo cada um se acolheu, deslumbrado, no recanto de uma especialidade. Wallace, Mawe, W. Edwards, d’Orbigny, Martius, Bates, Agassiz, para citar os que me acodem na primeira linha, reduziram-se a geniais escrevedores de monografias.

A literatura científica amazônica, amplíssima, reflete bem a fisiografia amazônica: é surpreendente, preciosíssima, desconexa. Quem quer que se abalance a deletreá-la, ficará, ao cabo desse esforço, bem pouco além do limiar de um mundo maravilhoso.

Há uma frase do professor Frederico Hartt que delata bem o delíquio dos mais robustos espíritos diante daquela enormidade.

Ele estudava a geologia do Amazonas, quando em dado momento se encontrou tão despeado das concisas fórmulas científicas e tão alcandorado no sonho, que teve de colher de súbito, todas as velas à fantasia:

– “Não sou poeta. Falo a prosa da minha ciência. *Revenons!*”

Escreveu; e encarrilhou-se nas deduções rigorosas. Mas decorridas duas páginas não se forrou a novos arrebatamentos e reiniciou no enlevo... É que o grande rio, malgrado a sua monotonia soberana, evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, o aventureiro romântico e o sábio precavido. As “amazonas” de Orellana, os titânicos curriquerês de Guillaume de l’Isle, e a “Manoa del Dorado”, de Walter Raleigh, formando no passado um tão deslumbrante ciclo quase mitológico, acolchetam-se em nossos dias às mais imaginosas hipóteses da ciência. Há uma hipertrofia da imaginação no ajustar-se ao desconforme da terra, desequilibrando-se a mais sólida mentalidade que lhe balanceie a grandeza. Daí, no próprio terreno das indagações objetivas, as visões de Humboldt e a série de conjeturas em que se retravam, ou contrastam, todos os conceitos, desde a dinâmica de terremotos de Russell Wallace ao bíblico formidável das galerias pré-diluvianas de Agassiz.

Parece que ali a imponência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises, às induções avantajam-se demasiado os lances da fantasia. As verdades desfecham em hipérboles. E figura-se alguma vez em idealizar aforrado o que ressaí nos elementos tangíveis da realidade surpreendedora, por maneira que o sonhador mais desinsofrido se encontre bem, na parceria dos sábios deslumbrados.

Vai-se, por exemplo, com Frederico Katzer a seriar, a escandir e a confrontar velhíssimos petrefatos ou graptólitos numa longa romaria ideal pelos mais remotos pontos nas mais remotas idades – longo tempo, a debater-se entre as classificações maciças,

a enredar-se na trama das raízes gregas das nomenclaturas bra-
vias – e de improviso, os dizeres da ciência desfecham num quase
idealismo: as análises rematam-nas prodígios; as vistas abreviadas
nos microscópios desapertam-se no descortino de um passado
muitas vezes milenário; e esboçados os contornos estupendos de
uma geografia morta, alonga-se-lhe aos olhos a perspectiva inde-
finida daquele extinto oceano mediodevônico que afogava todo
o Mato Grosso e a Bolívia, cobrindo quase toda a América meri-
dional e chofrando no levante as antiquíssimas arribas de Goiás,
últimos litorais do continente brasílio-etiópico que aterrava o
Atlântico indo abranger a África... Segue-se com os naturalistas
da Comissão Morgan, e a história geológica, a despeito de linhas
mais seguras, não perde o traço grandioso, desenvolvendo-se às
duas margens do largo canal terciário que por longo tempo sepa-
rou os planaltos brasileiros e os das Guianas, até que o vagaroso
sublevar dos Andes, no Ocidente, cerrando-lhe um dos extremos,
o transmudasse em golfo, em estuário, em rio...

Ao cabo, ainda atendo-se aos fatos atuais da fisiografia amazô-
nica, restam outros agentes nímio perturbadores da fria serenida-
de das observações científicas.

• • •

Basta mostrar-se de relance que, ainda nos casos mais simples,
há no Amazonas um flagrante desvio do processo ordinário da
evolução das formas topográficas.

Em toda a parte a terra é um bloco onde se exercita a moldura-
gem dos agentes externos entre os quais os grandes rios se erigem
como principais fatores, no lhe remodelarem os acidentes natu-
rais, suavizando-lhos. Compensando a degradação das vertentes
com o alteamento dos vales, corroendo montanhas e edificando
planuras, eles vão em geral entrelaçando as ações destrutivas e
reconstrutoras, de modo que as paisagens, lento e lento transfigu-
radas, reflitam os efeitos de uma estatutária portentosa.

Assim o Hoang-Ho aumentou a China com um delta, que é uma província nova; e, ainda mais expressivo, o Mississipi assombra o naturalista, com a expansão secular do aterro desmedido que em breve chegará às bordas da profunda onde se encaixa o Gulf-Stream. Nas suas águas barrentas andam os continentes dissolvidos. Mudam-se países. Reconstituem-se territórios. E há um encadeamento tão lógico nos seus esforços contínuos, onde incidem, as grandes energias naturais, que o acompanhá-los implica algumas vezes o acompanhar-se o próprio rumo de um aspecto qualquer da atividade humana: das páginas de Heródoto às de Maspero, contempla-se a gênese de uma civilização de par com a de um delta; e o paralelismo é tão exato, que se justificam os exageros dos que, a exemplo de Metchnikoff, veem nos grandes rios a causa preeminente do desenvolvimento das nações.

Ao passo que no Amazonas, o contrário. O que nele se destaca é a função destruidora, exclusiva. A enorme caudal está destruindo a terra. O Professor Hart, impressionado ante as suas águas sempre barrentas, calculou que “se carregado de tijuco e areias, esta enorme quantidade de materiais seria ainda menor do que a de fato é transportada pelas águas...”⁴

Mas toda esta massa de terras diluídas não se regenera. O maior dos rios não tem delta. A Ilha de Marajó, constituída por uma flora seletiva, de vegetais afetos ao meio matemático e ao inconsistente da vasa, é uma miragem de território. Se a despissem, ficariam só as superfícies rasadas dos “mondongos” empantanados, apagando-se no nivelamento das águas; ou, salteadamente, algumas pontas de fraguedos de arenito endurecido, esparsas, a esmo, na amplidão de uma baía. À luz das deduções rigorosas de Walter Bates, comprovando as conjeturas anteriores de Martius, o que ali

⁴ E. Hart. “A geologia do Pará”. Relatório impresso no *Diário do Grão-Pará*, 1870. (Nota de Euclides da Cunha.)

está, sob o disfarce das matas, é uma ruína: restos dismantelados do continente, que outrora se estirava, unido das costas de Belém às de Macapá – e que se tem de restaurar, hipoteticamente, em passado longínquo, para explicar-se a identidade das faunas terrestres, hoje separadas pelo rio, do Norte do Brasil e das Guianas.⁵

O Amazonas, entretanto, poderia reconstruí-lo em pouco tempo, com os sós 3.000.000 de metros cúbicos de sedimentos, que carrega em vinte e quatro horas. Mas dissipa-os. A sua corrente turbida, adensada nos últimos lances de seu itinerário de 6.000 milhas com os desmontes dos litorais, que dia a dia se desbarrancam, fazendo recuar a costa que se desenrola desde o Peru ao Araguari, decanta-se toda no Atlântico. E os resíduos das ilhas demolidas – entre as quais a de Caviana que lhe foi antiga barragem e se bipartiu no correr de nossa vida histórica – vão cada vez mais delindo-se e desaparecendo, no permanente assalto daquelas correntezas poderosas. Destarte, desafoga-se mais e mais a desembocadura principal da grande artéria e acentua-se o seu desvio para o norte, com o abandono contínuo das paragens que lhe demoram a leste e sobre as quais ele passou outrora, deixando ainda, nas áreas recém-desvendadas dos brejos marajoares, um atestado tangível daquele deslocamento lateral do leito, que tem dado aos geólogos inexpertos a ilusão de um levantamento ou de uma reconstrução da terra.

Porque, na realidade, esta se reconstitui mui longe das nossas plagas. Neste ponto, o rio, que sobre todos desafia o nosso lirismo patriótico, é o menos brasileira dos rios. É um estranho adversário, entregue dia e noite à faina de solapar a sua própria terra. Herbert Smith, iludido ante a poderosa massa de águas barrentas, que o viajante vê em pleno oceano antes de ver o Brasil, imaginou-lhe

5 Walter Bates, *The Naturalist on the River Amazon*, Londres, 1892, p. 55 e 56. (Nota de Euclides da Cunha.)

uma tarefa portentosa: a construção de um continente. Explicou: depondo-se aqueles sedimentos no fundo tranquilo do Atlântico, novas terras aflorariam nas vagas e ao cabo de um esforço milenário encher-se-ia o golfo aberto, que se arqueia do Cabo Orange à ponta do Gurupi, dilatando-se desta sorte, consideravelmente, para nordeste, as terras paraenses.⁶

The king is building his monumento! bradou o naturalista encantado e acomodando às ásperas sílabas britânicas um raptos fantasista capaz de surpreender a mais ensofregada alma latina. Esqueceu-lhe, porém, que aquele originalíssimo sistema hidrográfico não acaba com a terra, ao transpor o Cabo Norte; senão que vai, sem margens, pelo mar dentro, em busca da corrente equatorial, onde aflui entregando-lhe todo aquele plasma gerador de territórios. Os seus materiais, distribuídos pelo imenso rio pelágico que se prolonga com o *Gulf-Stream*, vão concentrando-se e surgindo a flux, espaçadamente, nas suas longínquas zonas: a partir das costas das Guianas, cujas lagunas, a começar no Amapá, a mais e mais se dessecam avançando em planuras de estepes pelo mar em fora, até aos litorais norte-americanos, da Geórgia e das Carolinas, que se dilatam sem que lhes expliquem o crescer contínuo os breves cursos d'água das vertentes orientais dos Alleghanys.

Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contrassenso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandonou o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato,

⁶ Herbert Smith. *The Amazon and the Coast*. Nova York, 1879, p. 2 e 3. (Nota de Euclides da Cunha.)

a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgastamento ininterrupto, as largas superfícies que atravessa.

Não se lhe apontam formações duradouras, ou fixas. Por vezes, nas arqueaduras de seus canais remansam-se as águas fazendo que se deponham os sedimentos conduzidos e as sementes que acarretam. Então as faculdades criadoras do rio despontam surpreendedoramente. O baixio prestes recém-formado e aflorando à superfície, delineia-se, em contornos indecisos; define-se logo, vivamente; dilata-se e ascende, bombeando levemente nas águas; e na ilha que se gera, crescendo e articulando-se a olhos vistos, apontada de cabuchos, que se alongam e se retorcem à superfície à maneira de tentáculos de um prodigioso organismo – desencadeia-se para logo a luta das espécies vegetais tão viva e tão dramática que nem lhe faltam no baralhamento dos colmos, das hastes ou das ramagens revoltas, estirando-se, enredando e confundindo-se, todos os movimentos convulsivos de uma enorme batalha sem ruídos: dos aningais, que consolidam o tijuco inconsistente com a infibratura dos rizomas estirados; aos mangues, que os suplantam e repelem para as bordas, em violentos e tumultuários bracejos; aos javaris altaneiros, que por sua vez recalcam os últimos expelindo-os para as margens apauladas, e senhoreando os tesos consistentes...

Assim se erigiu recentemente a Ilha de Cururu, com dois quilômetros quadrados de área; e se constroem todas as que se observam acima dos canais de Breves.

Mas formam-se para se destruírem, ou deslocarem-se incessantemente. As ilhas trabalhadas pelas mesmas correntes que as geraram, desbarracam-se a montante e restauram-se a jusante, e vão lento e lento derivando rio abaixo, ao modo de monstruosos pontões desmastreados, de longas proas abatidas e popas altas, a navegarem dia e noite com velocidade insensível. Por fim, desgastam-se

e acabam. A de Urucurituba durou dez anos (1840-1850) mercê da superfície vastíssima; e apagou-se numa enchente...

O mesmo fato, nas margens. Os litorais do Amazonas mal lhe definem a calha desmedida. São margens que evitam o rio. Ficam-lhe, normalmente, fora das águas, para além das vastas planuras salpintadas de “lagos de terra firme”, que atenuam, feito compensadores, a violência das caudais, nas cheias. Aí, num cenário mais amplo, se desdobra por vezes a aparência de uma construção, em larga escala, de solo. O rio, multífluvo nas grandes enchentes, vinga as ribanceiras e desafoga-se nos plainos desimpedidos. Desarraiga florestas inteiras, atulhando de troncos e esgalhos as depressões numerosas da várzea; e nos remansos das planícies inundadas, decantam-se-lhe as águas carregadas de detritos, numa colmatação plenamente generalizada. Baixam as águas e nota-se que o terreno cresceu; e alteia-se de cheia em cheia, aprumando-se as “barreiras” altas, exsicando-se os pantanais e “igapós”, esboçando-se os “firmes” ondeantes, para logo invadidos da flora triunfal... até que num só assalto, de enchente, todo esse delta lateral se abata.

Numa só noite (29 de julho de 1866) as “terras caídas” da margem esquerda do Amazonas desmoronaram numa linha contínua de cinquenta léguas.

É o processo antigo, invariável – patenteando-se ainda no diminuto raio da nossa história. As ribanceiras a pique da antiga costa do Peru, onde apareceram aos condutícios de Orellana as amazonas lendárias, reduzem-se hoje a um baixio degradado, visível apenas nas vazantes excessivas.

A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadamente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em

repentinos atalhos. Assim ele se precipitou pela angustura afofante de Óbidos num abandono, completo do antigo leito, que ainda hoje se adivinha no enorme plaino matemático, ganglionado de lagoas, de Vila Franca; ou vai, noutros pontos, em “furos” inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se ilogicamente tributário dos próprios tributários; sempre desordenado, e revoltado, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido...

• • •

Tal é o rio; tal a sua história: revolta, desordenada, incompleta.

A Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante. Desde os primeiros tempos da colônia, as mais imponentes expedições e solenes vistas pastorais rumavam de preferência às suas plagas desconhecidas. Para lá os mais veneráveis bispos, os mais garbosos capitães-generais, os mais lúcidos cientistas. E do amanho do solo que se tentou afeiçoar a exóticas especiarias, à cultura do aborígine que se procurou erguer aos mais altos destinos, a metrópole longínqua demasiara-se em desvelos à terra que sobre todas lhe compensaria o perdimento da Índia portentosa.

Esforços vão. As partidas demarcadoras, as missões apostólicas, as viagens governamentais, com as suas frotas de centenas de canoas, e os seus astrônomos comissários apercebidos de luxuosos instrumentos, e os seus prelados, e os seus guerreiros, chegavam, intermitentemente, àqueles rincões solitários, e armavam rapidamente no altiplano das “barreiras” as tendas suntuosas da civilização em viagem. Regulavam as culturas; poliam as gentes; aformoseavam a terra.

Prosseguiam a outros pontos, ou voltavam – e as malocas, num momento transfiguradas, decaíam de chofre, volvendo à bruteza original.

Já nos fins do século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira, ao realizar a sua “viagem filosófica”, pela calha principal do grande rio, andara entre ruínas. Na vila de Barcelos, capital da circunscrição longínqua, antolhara-se-lhe, tangível, a imagem do progresso tipicamente amazônico, naquele presuntuoso Palácio das Demarcações – amplíssimo, monumental, imponente – e coberto de sapé! Era um símbolo. Tudo vacilante, efêmero, antinômico, na paragem estranha onde as próprias cidades são errantes, como os homens, perpetuamente a mudarem de sítio, deslocando-se à medida que o chão lhes foge roído das correntezas, ou tombando nas “terras caídas” das barreiras...

Vai-se de um a outro século na inaturável mesmice de renitentes tentativas abortadas. As impressões dos mais lúcidos observadores não se alteram, perpetuamente desinfluídas pelo espetáculo de um presente lastimável contraposto a ilusão de um passado grandioso.

Tenreiro Aranha em 1852, ao erigir-se a província do Amazonas, assumiu a sua direção, e numa resenha retrospectiva diz-nos do extraordinário progresso que se perdera, referindo-se a “manufaturas primorosas”, a uma indústria extinta em que:

o algodão, o anil, a mandioca e o café tiveram cultura tal que dava para o consumo sobrando para a exportação; e assim as fábricas de anil, as cordoarias de paçaba, de fiação, tecidos e redes de algodão, de palhinha ou de penas; as telhas e alvenarias; as de construção civil e naval, com hábeis artistas, fazendo aparecer templos, palácios ou possantes embarcações...

Recua-se, porém, exatamente um século, a buscar o período decantado – e num grande desapontamento observa-se, à luz do relatório feito em 1752 por outro insigne governador, o Capitão-General Furtado de Mendonça, que a “capitania estava reduzida à última ruína...” Assim se desconchavam os pareceres, agitando idênticos desânimos. Ou então se harmonizavam de modo impressionador no firmarem a mesma decadência das gentes singulares. Em 1762 o bispo do Grão-Pará, aquele extraordinário Fr. João de São José – seráfico voltariano que tinha no estilo os lampejos da pena de Antônio Vieira – depois de resenhar os homens e as coisas, “assentando que a raiz dos vícios da terra é a preguiça”, resumiu os traços característicos dos habitantes, deste modo desalentador – “lascívia, bebedice e furto”. Passam-se cem anos justos. Procura-se saber se tudo aquilo melhorou; abrem-se as páginas austeras de Russell Wallace, e vê-se que alguma vez elas parecem traduzir, ao pé da letra, os dizeres do arguto beneditino, porque a sociedade indisciplinada passa adiante das vistas surpreendidas do sábio – *drinking, gambling and lying* – bebendo, dançando, zombando⁷ na mesma dolorosíssima inconsciência da vida...

Assim, essa indiferença pecaminosa dos atributos superiores, esse sistemático renunciar de escrúpulos e esse coração leve para o erro, são seculares, e surgem de um doloroso tirocínio histórico, que vem da “Casa do Paricá” à “barraca” dos seringueiros. Compulsai os nossos velhos cronistas, com especialidade o imaginoso Padre João Daniel, e avaliareis o travamento de motivos

⁷ No seu artigo “Terra sem história”, Euclides traduziu a frase inglesa *drinking, gambling and lying* como “bebendo, dançando, zombando”, quando o correto é “bebendo, jogando e mentindo”. É esse um raro cochilo observado nas suas citações do inglês.

Este lapso, nunca notado ou corrigido nas várias edições de *À margem da história*, foi objeto de uma observação do próprio Euclides ao seu amigo Plínio Barreto, conforme este escreve em *Páginas avulsas*. (Nota de Afrânio Coutinho)

físicos e morais que há muito, ali, entibiam os caracteres. E lede Tenreiro Aranha, José Veríssimo, dezenas de outros. Nestes livros se espalham, fracionadas, todas as cenas de um dos maiores dramas da impiedade na história.

Depois há o incoercível da fatalidade física. Aquela natureza soberana e brutal, em pleno expandir das suas energias, é uma adversária do homem. No perpétuo banho de vapor, de que nos fala Bates, compreende-se sem dúvida a vida vegetativa sem riscos e folgada, mas não a delicada vibração do espírito na dinâmica das ideias, nem a tensão superior da vontade nos atos que se alheiem dos impulsos meramente egoísticos. Não exagero. Um médico italiano – belíssimo talento – O Dr. Luigi Buscalione,⁸ que por ali andou há pouco tempo, caracterizou as duas primeiras fases climatérica – sobre o forasteiro – a princípio sob a forma de uma superexcitação das funções psíquicas e sensuais, acompanhada, depois, de um lento enfraquecer-se de todas as faculdades, a começar pelas mais nobres.

Mas neste apelar para o clássico conceito da influência climática esqueceu-lhe, como a tantos outros, o influxo porventura secundário, mas apreciável, da própria inconstância da base física onde se agita a sociedade.

A volubilidade do rio contagia o homem. No Amazonas, em geral, sucede isto: o observador errante que lhe percorre a bacia em busca de variados aspectos, sente, ao cabo de centenas de milhas, a impressão de circular num itinerário fechado, onde se lhe deparam as mesmas praias ou barreiras ou ilhas, e as mesmas florestas e igapós estirando-se a perder de vista pelos horizontes vazios; – o observador imóvel que lhe estacione às margens, sobressalteia-se, intermitentemente, diante de transfigurações inopinadas. Os cenários, invariáveis no espaço, transmudam-se no

⁸ *Una scurzione botanica nell'Amazonia*, 1901. (Nota de Euclides da Cunha.)

tempo. Diante do homem errante, a natureza é estável; e aos olhos do homem sedentário que planeie submetê-la à estabilidade das culturas, aparece espantosamente revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes, quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.

A adaptação exercita-se pelo nomadismo.

Daí, em grande parte, a paralisia completa das gentes que ali vagam, há três séculos, numa agitação tumultuária e estéril.

•••

Como quer que seja, para a Amazônia de agora devera restaurar-se integralmente, na definição da sua psicologia coletiva, o mesmo doloroso apotegma – *ultra aequinoctialem non peccavi* – que Barlaeus engenhou para os desmandos da época colonial.

Os mesmos amazonenses, espirituosamente, o perceberam. À entrada de Manaus existe a belíssima Ilha de Marapatá – e essa ilha tem uma função alarmante. É o mais original dos lazaretos – um lazareto de almas! Ali, dizem, o recém-vindo deixa a consciência... Meça-se o alcance deste prodígio da fantasia popular. A ilha que existe fronteira à boca do Purus, perdeu o antigo geográfico e chama-se “ilha da Consciência”: e o mesmo acontece a outra, semelhante, na foz do Juruá. É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável.

É que, realmente, nas paragens exuberantes das heveas e castilloas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo.

De feito, o seringueiro e não designamos o patrão opulento, se não o freguês jungido à gleba das “estradas”, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Demonstra-se esta enormidade precitando-a com alguns cifrões secamente positivos e seguros.

Vede esta conta de venda de um homem:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num “gaiola” qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no “barracão” senhoril, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um “brabo”, isto é, ainda não aprendeu o “corte da madeira” e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 “paneiros” de farinha-d’água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o “brabo” canhestro, de quem chasqueia o “manso” experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000.

Admitimos agora uma série de condições favoráveis, que jamais concorrem; a) que seja solteiro; b) que chegue à barraca em maio, quando começa o “corte”; c) que não adoça e seja conduzido ao barracão, subordinado a uma despesa de 10\$000 diários; d) que nada compre além daqueles víveres – e que seja sóbrio, tenaz, incorruptível; um estoico firmemente lançado no caminho da fortuna arrostando uma penitência dolorosa e longa. Vamos além – admitamos que, malgrado a sua inexperiência, consiga tirar logo 350 quilos de borracha fina e 100 de semambi, por ano, o que é difícil, ao menos no Purus.

Pois bem, ultimada a safra, este tenaz, este estoico, este indivíduo raro ali, ainda deve. O patrão é, conforme o contrato mais geral, quem lhe diz o preço da fazenda e lhe escritura as contas. Os 350 quilos remunerados hoje a 5\$000 rendem-lhe 1:750\$000; os 100 de semambi, a 2\$500, 250\$000. Total 2:000\$000.

É ainda devedor e raro deixa de o ser. No ano seguinte já é “manso”: conhece os segredos do serviço e pode tirar de 600 a 700 quilos. Mas considere-se que permaneceu inativo durante todo o período da enchente, de novembro a maio – sete meses em que a simples subsistência lhe acarreta um excesso superior ao duplo do que trouxe em víveres, ou seja, em números redondos, 1:500\$000 – admitindo-se ainda que não precise renovar uma só peça de ferramenta ou de roupa e que não teve a mais passageira enfermidade. É evidente que, mesmo neste caso especialíssimo, raro é o seringueiro capaz de emancipar-se pela fortuna.

Agora vede o quadro real. Aquele tipo de lutador é excepcional. O homem de ordinário leva àqueles lugares a imprevidência característica da nossa raça; muitas vezes carrega a família, que lhe multiplica os encargos; e quase sempre adocece, mercê da incontinência generalizada.

Adicionai a isto o desastrosos contrato unilateral, que lhe impõe o patrão. Os “Regulamentos” dos seringais são a este propósito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renascer de um feudalismo acalcanhado e bronco. O patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, coisa assombrosa.

Por exemplo: a pesada multa de 100\$000 comina-se a estes crimes abomináveis: a) “fazer na árvore um corte inferior ao gume do machado”; b) “levantar o tampo da madeira na ocasião de ser cortada”; c) sangrar com machadinhas de cabo maior de quatro palmos”.

Além disto o trabalhador só pode comprar no armazém do barracão, “não podendo comprar a qualquer outro, sob pena de passar pela multa de 50% sobre a importância comprada”.

Farpeiem-se de aspas estes dizeres brutos. Antes eles é quase harmoniosa a gagueira terrível de Caliban.

É natural que ao fim de alguns anos o “freguês” esteja irremediavelmente perdido. A sua dívida avulta ameaçadoramente: três, quatro, cinco, dez contos, às vezes, que não pagará nunca. Queda, então, na mórbida impassibilidade de um felá desprotegido dobrando de toda a cerviz à servidão completa. O “Regulamento” é impiedoso. “Qualquer “freguês” ou “aviado” não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciais...”

Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acordo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas, e ainda há pouco tempo houve no Acre numerosa reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes.

Agora, digei-me, que resta no fim de um quinquênio do aventuroso sertanejo que demanda aquelas paragens, ferreteado da ânsia de riqueza?

Não o ligam sequer à terra. Um artigo do famoso “Regulamento” torna-o eterno hóspede dentro da própria casa. Citemo-lo com todo o brutesco de sua expressão imbecil e feroz: “Todas as benfeitorias que o liquidado tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se.”

Daí o quadro doloroso que patenteiam, de ordinário, as pequenas barracas. O viajante procura-as e mal descobre, entre as sororocas, a estreitíssima trilha que conduz à vivenda, meio afogada no mato. É que o morador não depende o mais ligeiro esforço em melhorar o sítio de onde pode ser expellido em uma hora, sem direito à reclamação mais breve.

Esta resenha comportaria alguns exemplos bem dolorosos. Fora inútil apontá-los. Dela ressalta impressionadoramente a

urgência de medidas que salvem a sociedade obscura e abandonada: uma lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera que lhe cerceie os desmandos, e uma forma qualquer do *homestead* que o consorcie definitivamente à terra.

O geógrafo norte-americano Morris Davis revelou o “ciclo vital” dos rios. Era uma concepção revolucionária; e não houve cientista jungido à enfezada geografia descritiva, dominante ainda entre nós, que se não escandalizasse ante o conceito desassombrado do *yankee*. Mas o antagonismo foi passageiro e frágil. Uma simples monografia, *Rivers and valleys of Pnnsylvania*, deslocou, de golpe, desde 1889, toda a fortaleza inerte da rotina; e firmou um novo rumo ao critério geográfico, não já apenas pelo associar à forma a estrutura dos terrenos, completando os fácies inexpressivos das superfícies com os elementos geológicos, senão também esclarecendo a gênese dos mais breves acidentes e descobrindo nas linhas pinturescas da móvel fisionomia da terra a expressão eloquente das energias naturais que a modelaram e sem cessar a transfiguram. Por fim ninguém mais estranhou que Morris Davis, impelido aos últimos corolários da nova doutrina, se abalançasse a uma espécie de fisiologia monstruosa e descrevesse dramaticamente as complexas vicissitudes da existência milenária dos fatos cursos de águas, mostrando-no-los com uma infância irrequieta, uma adolescência revolta, uma virilidade equilibrada e uma velhice ou uma decrepitude melancólica, como se eles fossem estupendos organismos, sujeitos à concorrência e à seleção,

9 Publicado no *Almanaque Brasileiro*, sob o título “Um rio abandonado”. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

destinados ao triunfo, ou ao aniquilamento, consoante mais ou menos se adaptam às condições exteriores.

Não acompanharemos o genial biógrafo dos rios pensilvânicos no explicar a teoria admirável, que é o caso impressionador de uma entrada triunfante – ou de uma *rush* atrevida – da imaginação e da fantasia nos remansos da ciência. Basta-nos notar que ela foi aceita em toda a linha e é infrangível, esteando-se em dados indutivos e seguros.

Todas as caudais, de feito, atravessam períodos inevitáveis, de ritmos uniformes e constantes, malgrado a variabilidade do teatro em que se operam: a princípio indecisas, errantes e frágeis, derivando ao acaso, ao viés dos pendores, como à procura de um berço em cada dobra do chão, e acumulando-se nos numerosos lagos, incoerentemente esparsos, onde repousam; depois, definidas nas primeiras linhas de drenagem mais estáveis e fundas para onde convergem, adensadas, as chuvas, formando-se o aparelho das correntes, reprofundando-se os leitos esboçados e iniciando-se com a energia tumultuária das cachoeiras o choque secular com as asperezas da terra, longo tempo, até que, extintos os empecos estruturais, estabelecido um leito e definido um traçado, o rio se constitua, com os seus afluentes fixos, um declive contínuo em curvaturas regulares, um *thalweg* ajustado à contextura do solo e à diferenciação morfológica que lhe reflete a um tempo os seus vários estádios – das cabeceiras onde perduram as águas selvagens do antigo regime torrencial, ao curso médio que lhe caracteriza a situação presente, e ao trecho inferior, prefigurando-lhe a decrepitude, onde ele se espraia repousadamente e constrói, pela colmatagem das vasas que acarreta com velocidade insensível, a própria planície aluvial em que descansa.

É a fase de madureza. O rio está na plenitude da vida, depois da molduragem complexa de todos os relevos. Atinge-a rematando

um esforço pertinaz, que é por vezes toda a história geológica da região.

Não houve um ponto em todo o percurso de centenas ou de milhares de quilômetros que ele não atacasse, um grão de areia que não removesse, balanceando as escavações a montante com os aterros a jusante – construindo-se a si mesmo – obediente à tendência universal para as situações estáveis. Adquiriu, por fim, o seu perfil longitudinal de equilíbrio, e este, ainda abrupto nas vertentes onde a correnteza é máxima e o volume mínimo, vem continuamente amortecendo-se, em sucessivo decair de declive, até ao quase horizontalismo no nível de base, da foz, onde aqueles elementos se invertem, resultando o equilíbrio dinâmico do sistema da relação inversa entre as massas líquidas e as velocidades que se arrastam.

Como quer que seja, desde que alcança este período, todos os elementos do seu *thalweg* projetados em plano vertical, desenhavam-se com a forma aproximada de um ramo de desmedida parábola, de concavidade volvida para as alturas.

Assim se traduz geometricamente um fato mecânico complexo. E bem que a tendência para aquela figura seja em geral perturbada ou extinta nas camadas de resistência variável, onde as rochas desvendadas originam o antagonismo das cachoeiras, é inegável que a curva parabólica se delineia nos terrenos homogêneos como sendo a forma definitiva da seção longitudinal de todos os rios no remate de suas vicissitudes evolutivas.

• • •

O Purus é um dos melhores exemplos.

Desenhando-se-lhe o perfil em toda a extensão itinerária de 3.210 quilômetros que vai da embocadura no Solimões aos últimos manadeiros do ribeirão Pucani, na serra deprimida e sem nome que separa as maiores bacias hidrográficas da terra, chega-se muito aproximadamente àquele ramo de parábola.

Pelo menos nenhuma outra curva o definirá melhor.

Demonstra-o este quadro onde os vários trechos se sucedem de modo a acompanhar-se em todo o seu percurso a queda regularíssima das águas:

Seções Itinerárias (km)	Distâncias De nível (metros)	Diferenças Gerais (menos)	Declividade Quilométrica	Declive
Das nascentes ao Curiúja	117	189	1/619	1,60
Do Curiúja a Curanja	278	60	1/4.500	0,22
Do Curanja à Foz do Chandless	304	49	1/6.500	0,16
Do Chandless à Foz do Yaco	300	39	1/7.700	0,13
Do Iaco ao Acre	237	27	1/8.700	0,115
Do Acre ao Panhini	233	20	1/11.000	0,085
Do Panhini ao Mucuim	740	58	1/12.900	0,077
Do Mucuim ao Solimões	990	15	1/66.700	0,015

Aí só há um dado vacilante: o que resulta da diferença de nível nos pontos extremos do último trecho. Deduzimo-lo adotando um mínimo de 18 metros para a altura da foz do Purus, sobre o nível do mar, quando ela é certamente maior e mais favorável, portanto, às nossas conclusões. Os demais elementos, devemos-os aos trabalhos de William Chandless e às nossas observações recentes.

Ora, ao mais rápido lance de vistas, e sem que se exija um desenho fácilimo, verifica-se que o grande rio, atravessando um terreno homogêneo e mais ou menos impermeável, subordinado a um declive que, apesar de diminuto, é dominante na vasta planura,

onde as chaves se distribuem com regularidade incomparável – é dos que mais se adaptam às condições teóricas indicadas por Morris Davis; e no ultimar a sua evolução geológica retrata-se admiravelmente na parábola majestosa de que tratamos há pouco.

No estudar o seu regime geral vamos, portanto, com a firmeza de quem discute a equação de uma curva.

Assim, considerando o primeiro trecho, aquela declividade de 1,60m por quilômetro, tão diversa da que se lhe sucede, de 0,22m diz-nos para logo, dispensando o exame local, que o verdadeiro Alto-Purus – demarcado oficialmente a partir da boca do Acre, e estendido por alguns geógrafos ainda mais para jusante – principia de fato muito além a 3.019 quilômetros da foz, na confluência do Cujar e do Curiúja, os dois tributários em que ele se reparte numa dicotomia perfeita, perdendo o nome e esgalhando-se largamente fracionado pelos mais remotos pontos da sua vasta bacia de captação.

Por outro lado, o declive real de 1/619 mal se aproxima da conhecida relação 1/500 firmada como o limite mínimo das vertentes torrenciais.

Conclui-se, então, de pronto, que o rio, até no seu último segmento, onde é sempre mais difícil e remorada a regularização dos leitos, está numa fase avançadíssima de desenvolvimento. É o caso excepcional de uma grande artéria, entre as maiores existentes, capaz de ser navegada nas mais extremas nascentes, durante as cheias que lhe encubram os numerosos degraus das corredeiras – porque em tal quadra, admitindo que as águas subam de três metros numa calha de dez, com aquele declive, que corresponde a 0,0016m por metro, o simples emprego da fórmula de D'Aubuisson, nos diz que as correntes derivarão com a velocidade máxima de apenas 2,20m, facilmente balanceada por uma lancha veloz.

Ora, estas deduções resultantes de breve contemplação de um quadro tão expressivo que dispensa o diagrama correspondente,

ressaltam, vivamente, às mais incuriosas vistas de observador es-
coteiro, que ali passe depois de varar a planura amazônica num
itinerário de quinhentas léguas.

De fato, o que sobremaneira o impressionou é o espetáculo da
terra profundamente trabalhada pelo indefinido e incomensurá-
vel esforço dos formadores do rio. Chega, depois de trilhar o *can-
yon* coleante do Pucani, ao sopé das últimas vertentes; defronta a
clivosa escarpa de uma corda insignificante de cerros deprimidos;
vinga-lhe em três minutos a altura relativa de sessenta metros
escassos – e não acredita que esteja na fronteira hidrográfica mais
extraordinária do globo, podendo ir de uma passada única do
Amazonas ao vale do Ucayali...

A altura em que se vê não lhe basta a desapertar os horizontes,
ou a atalaiar as distâncias. É inapreciável. Não há abrangê-la com a
escala mais favorável dos mapas. E sem dúvida jamais compre-
nderia tão indeciso *divortium aquarum* a tão opulentas artérias,
se ao buscar aqueles rincões, varando, ao arrepio das itaipavas,
por dentro das calhas reprofundadas do Cujar, do Cavaljane e do
Pucani, o observador se não habituasse a contemplar, longos dias,
os mais enérgicos efeitos da dinâmica poderosa das águas que
transmudaram a paragem outrora mais em relevo e dominante.
Não lhe importa a inópia de conhecimentos paleontológicos ou a
carência de fósseis norteadores. Está, evidentemente, sobre a rui-
naria de uma sublevação quase extinta, cujo sinclinal ele pode re-
construir, prolongando as linhas dos estratos que afloram nos sul-
cos onde se encaixam aqueles últimos tributários, denunciando
todos na tranquilidade relativa, quase remansados nos intervalos
de suas corredeiras (restos de velhíssimas catadupas destruídas),
a derradeira fase de uma luta em que o Purus, para alongar a sua
seção de estabilidade, teve que derruir montanhas. Pelo menos a
atividade erosiva e o volume de materiais arrebatados de todos
aqueles pendores, foram incalculáveis, para que as linhas de

drenagem se abatessem até ao *substractum* rochoso e declinassem, como apropriados aos cursos navegáveis.

Apesar disto, a transição para o trecho seguinte ainda é repentina. Passa-se da declividade quilométrica de 1,60m para a de 0,22m.

Mas é o único salto. Daí por diante, como o revela o quadro anterior, até ao último segmento extremado pela foz, onde para descer-se um metro se tem de caminhar 66,700, a atenuação dos declives prossegue com uma regularidade perfeita, incluindo o Purus entre as caudais de todo regularizadas, cujo “ciclo vital” progressivo vai cerrando-se.

Não aprofunda mais o leito. Os próprios afloramentos de grês (*Parasandstein*) aparecendo nas vazantes, dispersos entre Huytanaã e a embocadura do Acre, e dali para cima ainda mais raros até pouco além do laco, reforçam a afirmativa, bem que na aparência a invalidem. Restos de antigas corredeiras desmanteladas, surgem como testemunhos das erosões primitivas e em geral, o mínimo desnivelamento. O pequeno povoado da Cachoeira, que se erige defrontando um trecho tranquilo do rio, tem o mais impróprio dos nomes, expressivo apenas no recordar um acidente perdido em remoto passado geológico e do qual perduram tão somente alguns blocos desordenadamente acumulados em minúsculos recifes, e breves “travessões”. Ali, como nos outros trechos, o mesmo quadro da terra estirando-se, complanada, pelos quadrantes, ou docemente ondulada denunciando a mais completa molduragem, associa-se aos demais caracteres no sugerir a derradeira fase do processo evolutivo do vale.

Um elemento apenas falta: a regularidade na sucessão das curvas de nível das vertentes imediatas às margens, que se fronteam. Qualquer seção transversal do Purus representa as mais das vezes uma praia deprimida que mal se alteia vagarosamente até ao rebordo longínquo da planície pouco elevada, contraposta a uma barranca despenhada, como a da margem oposta à boca do

Chandless, ou caindo às vezes a prumo, feito uma muralha, como na situação admirável do Cathay.

É que à imutabilidade daquele perfil de equilíbrio se antepõe a variabilidade da sua planta, em escala capaz de justificar aos que o incluem entre os rios “cujos leitos e margens não estão sequer delineados em seus perfis de estrutura definida e assente”.

Realmente, o Purus, um dos mais tortuosos cursos d’água que se registram, é também dos que mais variam de leito. Divaga, consoante o dizer dos modernos geógrafos. A própria velocidade diminuta, que adquiriu e vai decrescendo sempre até ao quase rebalsamento, nas cercanias da foz, aliada à inconsistência dos terrenos aluvianos, formados por ele mesmo com os materiais conduzidos das nascentes, determina-lhe este caráter volúvel. As suas águas, derivando em correntezas fracas, falta a quantidade de movimento necessária às direções intorcíveis. O mínimo obstáculo desloca-as. Um tronco de samaúma que tombe de uma as margens, abarrecendo-se ligeiramente, desvia o empuxo da massa líquida contra a outra, onde de pronto se exercita, menos em virtude da força viva da corrente que a incoerência das terras, intensíssima erosão de efeitos precipitados.

A decisão arqueadura que logo se forma, circularmente, se acentua, e, à medida que aumenta vai tornando mais violentos os ataques da componente centrífuga da correnteza que lhe solapa a concavidade crescente, fazendo que em poucos anos todo o rio se afaste, lateralmente, do primitivo rumo. Mas como este se traçou adscrito aos pontos determinantes de um perfil de equilíbrio inviolável, aquele desvio nunca é uma bifurcação, ou definitiva mudança. O rio, depois de rasgar o amplo circo de erosão, procura volver ao antigo canal, como quem contorneou apenas um obstáculo encontrado em caminho.

O círculo por onde ele se alonga tende a fechar-se. De sorte que toda a área de terrenos abrangidos se transmuda em verdadeira

península, ligada por um istmo tão delgado, às vezes, que o caminhante o atravessa em minutos, enquanto gasta um dia inteiro de viagem, embarcado, para perlongar o contorno da terra quase insulada. Por fim esta se destaca, ilhando-se de todo. No sobrevir de uma enchente o Purus despedaça a frágil barreira do istmo; e retorna, de golpe, o primitivo curso, deixando à margem, a relembra o desvio por onde divagou, um lago anular, não raro amplíssimo. Prossegue. Reproduz adiante outros meandros caprichosos, completados sempre pela criação dos mesmos lagos, ou “sacados”. E assim vai – perpetuamente oscilante aos lados de seu eixo invariável – num ritmo perfeito, refletindo o jogar de leis mecânicas capazes de se sintetizarem numa fórmula, que seria a tradução analítica de curioso movimento pendular sobre um plano de nível.

Desta maneira, ali se resolve naturalmente um dos mais sérios problemas de hidráulica fluvial. De fato, aqueles lagos são verdadeiros diques, funcionando com um duplo efeito: de um lado impedem as inundações devastadoras, absorvendo os excessos das cheias transbordantes; de outro lado, regulam o regime das águas, durante as grandes estiagens, em que se abrem por si mesmos, automaticamente, “estourando”, para usar uma expressão local, e restituindo ao rio empobrecido da vazante parte das massas líquidas que economizaram.

Não se calcula o valor destes trabalhos colossais da natureza.

Revela-no-los bem um confronto expressivo. Os hidráulicos franceses que averbaram em 1856, como pormenor inverossímil uma subida de 10,90m das águas do Garonne, originando uma das inundações mais funestas que têm ocorrido na Europa, certo não compreenderiam a própria existência do vasto território amazônico vizinho ao Purus (que vale cerca de cinquenta Garones cheios) se soubessem que ele se alteia 15 metros na foz, onde tem uma milha de largo, e que dali à montante as águas tufam num

crescendo espantoso até 23 metros sobre as estiagens, na confluência do Acre.

No entanto estas enchentes são inócuas.

A massa líquida, inflada logo às primeiras chuvas, sobe, galgando velozmente as barrancas, e em poucos dias vai bater nos esteios dos barracões eretos nos “firmes” mais altos do terreno... e todo este dilúvio em marcha não acachoa, não tumultua, não se arremessa em correntezas vertiginosas, não enleia as embarcações torcendo-as nas espirais vibrantes dos remoinhos, e não devasta a terra. Difunde-se; extingue-se silenciosamente; perde-se inofensivo naqueles milhares de válvulas de segurança; e espraiando-se pelo chão das matas, ou espalmado-se, desafogadamente, em desmarcadas superfícies onde repontam, salteadas, as últimas ramas floridas dos igapós afogados, vai, ao contrário, regenerando aquela mesma terra, e reconstruindo-a porque a torna de ano em ano mais elevada com a colmatagem perfeita de toda a vasa que acarreta.

Assim, em toda aquela planura, o notável afluente amazônico, serpenteando nas inumeráveis sinuosas que lhe tornam as distâncias itinerárias duplas das geográficas, inclui-se entre os mais interessantes “rios trabalhadores”, construindo os diques submersíveis que o aliviam nas enchentes – e lhe repontam, intermitentemente às duas bandas, ora próximos, ora afastados, salpintando todas as várzeas ribeirinhas, e avultando maiores e mais numerosos à medida que se desce, e se amortecem os declives, até a larga baixada centralizada em Canutama; onde as grandes águas tranquilas derivam majestosamente, equilibradas, sulcando de meio a meio a vastidão de nível de um mediterrâneo esparso.

• • •

Mas esta formação de lagos ou reservatórios naturais, cuja função benéfica vimos de relance, acarreta inconvenientes de tal porte, que tornam, por vezes, em alguns pontos, quase impenetrável

uma artéria fluvial que pelos elementos privilegiados de seu perfil concorre com as mais acessíveis à navegação regular.

Realmente nesse afanoso derruir de barrancas, para torcer-se em seus incontáveis meandros o Purus entope-se com as raízes e troncos das árvores que o marginam.

Às vezes é um lança unido, de quilômetros, de “barreira”, que lhe cai de uma vez e de súbito em cima, atirando-lhe, desarraigada, sobre o leito, uma floresta inteira.

O fato é vulgaríssimo. Conhecem-no todos os que por ali andam. Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entrebatendo-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra.

São, de fato, “as terras caídas”, das quais resultam sempre duas sortes de obstáculos: de um lado o inextricável acervo de galhadas e troncos, que se entrecruzam à superfície d’água, ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e de outro as massas argilosas, ou argilo-arenosas, que a corrente pouco veloz não dissolve, permitindo-lhes acumularem-se nas minúsculas ilhotas dos “torrões”, ou, mais prejudiciais, nos rasos bancos compactos dos “salões”, apropriando a passagem aos mais diminutos calados.

Não precisamos insistir neste fato.

A sua gravidade é intuitiva. E considerando-se que ele se reproduz em toda a extensão de 480 quilômetros, que vai da embocadura do Taco à do Curiúja, onde se acumulam cada vez mais aqueles entraves, indefinidamente crescentes, chega-se a concluir que o Purus, depois de haver conseguido um dos mais regulares perfis de toda a hidrografia e de aparelhar-se com os melhores elementos predispostos a uma rara fixidez de regime, erigindo-se modelo admirável entre as caudais mais bem talhadas à grande

navegação – está, agora, a pouco e pouco perdendo a maior parte dos seus requisitos superiores, com o progredir de um atravancamento em larga escala, que o tornará mais tarde inteiramente impenetrável.

Dizemo-lo baseando-nos em penosa experiência culminada por um naufrágio. Sobretudo além da embocadura do Chandless, multiplicam-se tanto estes empecilhos de todo estranhos à “tectônica” especial do rio, que em longos “estirões” com a profundidade média de cinco a seis pés, nas vazantes, onde passariam carregadas as mais poderosas lanchas, mal pode deslizar uma montaria ligeira. Escusamo-nos de exemplificar alongando estas considerações ligeiras. Notemos apenas que a partir do tributário precitado até à bifurcação Cujar-Curiúja, o Purus em vários lugares parece correr por cima de uma antiga derrubada. Vai-se como entre os galhos estonados e revoltos de uma floresta morta. E se observarmos que, além dos empeços em si mesmos encerrados, estas tranqueiras, rebalsando as águas que se filtram entre os ramos, unidos, facilitam a formação de toda a sorte de baixios, compreender-se-á em toda a sua latitude o progredimento contínuo dessa obstrução prejudicialíssima.

Porque os homens que ali mourejam – o caucheiro peruano com as suas *tanganas* rijas, nas montarias velozes, o nosso seringueiro, com os varejões que lhes impulsionam as ubás, ou o regatão de todas as pátrias que por ali mercadeja nas ronceiras alvarengas arrastadas à sirga – nunca intervêm para melhorar a sua única e magnífica estrada; passam e repassam nas paragens perigosas; esbarram mil vezes a canoa num tronco caído há dez anos junto à beira de um canal; insinuam-se mil vezes com as maiores dificuldades numa ramagem revolta barrando-lhes de lado a lado o caminho, encalham e arrastam penosamente as canoas sobre os mesmos “salões” de argila endurecida, vezes sem conta arriscam-se ao naufrágio, precipitando, ao som das águas, as ubás contra

as pontas duríssimas dos troncos que se enristam invisíveis, submersos de um plano – mas não despendem o mínimo esforço e não despedem um golpe único de facão ou de machado num só daqueles paus, para desafogar a travessia.

As lanchas, e até os vapores, que ali vão aparecendo mais a miúdo, à medida que avultam as safras dos cento e vinte opulentos seringais que já se abriram acima da confluência do laco, viajam, invariavelmente, nas quadras favoráveis das cheias, quando aqueles entraves se afogam em alguns metros de fundo.

Sobem, velozes, o rio; descarregam, precipitadamente, em vários pontos as mercadorias consignadas; carregam-se de borracha; e tornam logo, precipites, águas abaixo, fugindo. Apesar disto, algumas não se forram a repentinas descidas de nível, prendendo-as. E lá se ficam, longos meses – esperando a outra enchente, ou o inesperado de um “repiquete” propício, invernando paradoxalmente sob as soalheiras caniculares – nas mais curiosas situações ora em pleno rio, agarradas pelos centenares de braços das árvores secas, que as imobilizam; ora a meio da barranca, onde as surpreendeu a vazante, grosseiramente especadas, incumbentes, com as proas afocinhando, inclinadas, em riscos permanentes de queda; ora no alto de uma barreira, como autênticos navios-fantasmas, aparecendo, de improviso e surpreendedoramente, em plena entrada da mata majestosa.

O contraste desta navegação com as admiráveis condições técnicas imanescentes ao rio é flagrante. O Purus – e como ele todos os tributários meridionais do Amazonas, à parte o Madeira – está inteiramente abandonado.

Entretanto o simples enunciado destes inconvenientes, evidentemente alheios às suas admiráveis condições estruturais, delata que a remoção deles, embora demorada, não demanda trabalhos excepcionais de engenharia e excepcionais dispêndios.

O que resta fazer, ao homem, é rudimentar e simples.

Os grandes, os sérios problemas de hidráulica fluvial que ali houve, resolveu-os o próprio rio agindo no jogo harmonioso das forças naturais que o modelaram.

E eles representam um trabalho incalculável. O Purus é uma das maiores dádivas entre tantas com que nos esmaga uma natureza escandalosamente perdulária.

Vejamo-lo, de relance.

Toda a hidráulica fluvial parece ter nascido entre os leitos do Garonne e do Loire, tais e tantos os monumentos que ali levantou a engenharia francesa. Nunca o homem arremeteu com tamanha pertinácia e brilho com a brutalidade dos elementos. Os romanos transfigurando a Argélia e os holandeses construindo a Holanda, emparelham-se bem com os abnegados profissionais que durante um século, impassíveis ante sucessivos reveses, se devotaram à empresa exaustiva de paralisar torrentes, de atenuar inundações e de encadear avalanches, na dupla tentativa de facilitar a navegação e de proteger os territórios ribeirinhos. E todo esse magnífico esforço em que se imortalizaram Deschamps, Dieulafoy e Belgrand, resultou em grande parte inútil. Inútil ou contraproducente. Os primores da engenharia estragaram o Loire.

Os diques submersíveis ou insubmersíveis destinados a salvar as povoações, os canais de socorro que se lhes anexavam, as margens artificiais ladeando em dezenas de quilômetros o leito menor das caudais, os enrocamentos antepostos às erosões, as barragens antepostas às correntezas – tinham em geral a duração efêmera dos seis meses da estiagem, tal a inconstância irreparável daquelas artérias.

Por fim engenharam-se estupendos reservatórios alcandorados nos Pirineus, escalonando-se por todos os pendores, para armazenar as inundações. E armazenavam catástrofes – rompendo-se-lhes

os muros, de onde saltavam as ondas despenhadas varrendo povoados inteiros...

Mas ainda quando estas rupturas dos reservatórios compensadores não formassem os episódios mais dramáticos da história da engenharia, e eles pudessem erigir-se estáveis e sem riscos, nós, quaisquer que fossem os nossos esforços e os nossos dispêndios, jamais os construiríamos como no-los construiu o Purus.

Considere-se, para isto, este exemplo. Duponchel, para dar ao Neste – um pequeno rio com a despesa média de 25 metros cúbicos – um modelo constante, que lhe amortecesse as inundações, calculou um reservatório de 300.000.000.000 de litros e recuou ante o algarismo colossal.

Ora, o Neste é três vezes menor que o laco, que, entretanto, não se inclui entre os maiores afluentes do Purus.

Diante destes dados formidáveis põe-se de manifesto que a construção de reservatórios compensadores no grande rio seria o mesmo que fazer um mar; e conclui-se que os existentes, numerosíssimos, às suas margens, representam um capital inestimável e acima dos mais ousados orçamentos.

Precisamos ao menos conservá-lo. Aproveitemos uma lição velha de um século. O Mississipi, que no seu curso inferior retrata o traçado do Purus com a exaço de um decalque, era, pelas mesmas causas, ainda mais inçado de empecilhos, tornando-o quase impenetrável e em muitos lugares de todo intransponível. Alguns dos seus tributários não estavam apenas trancados, desapareciam, literalmente, sob os abatisses.

No entanto o grande rio, hoje transfigurado, desenha-se como um dos traços mais vivos da pertinácia norte-americana.

Lá está, porém, no seu vale, em um de seus afluentes, o Rio Vermelho, um caso desalentador. É um rio perdido. O *yankee* descobriu-o tarde demais. A desmedida tranqueira, *the great raft*, exatamente formada como as que estão formando-se no Purus,

estira o labirinto de seus madeiros e das suas frondes mortas por 630 quilômetros – e lá está, indestrutível, depois de desafiar durante vinte e dois anos os maiores esforços para uma desobstrução impossível.

Estabelecida a proporção entre aquele rio minúsculo e o Purus, entre nós e os norte-americanos, aquilatam-se as dificuldades que nos aguardarão, se progredirem os obstáculos apontados, e cuja remoção atual, completando-se com a defesa, embora rudimentar, das margens mais ameaçadas pelas erosões, é ainda de relativa facilidade. Ao mesmo passo se atenuarão consideravelmente as “divagações” precitadas, que constituem verdadeira anomalia num rio aparelhado de um perfil de estabilidade demonstrável até geometricamente, como vimos.

De qualquer modo urge iniciar-se desde já modestíssimo, mas ininterrupto, passando de governo a governo, numa tentativa persistente e inquebrantável, que seja uma espécie de compromisso de honra com o futuro, um serviço organizado de melhoramentos, pequeno embora em começo, mas crescente com os nossos recursos – que nos salve o majestoso rio.

Von den Stein, com a agudeza irrealizável de seu belo espírito, comparou, algures, pinturescamente, o Xingu a um “enteado” da nossa geografia.

Estiremos o paralelo.

O Purus é um enjeitado.

Precisamos incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele será, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão histórica.

Na definição climática das circunscrições territoriais criadas pelo Tratado de Petrópolis tem-se incluído sempre um elemento curiosíssimo, ante o qual o psicólogo mais rombo suplanta a competência do Professor Hann, ou qualquer outro mestre em coisas meteorológicas: o desfalecimento moral dos que para lá seguem e levam desde o dia da partida a preocupação absorvente da volta no mais breve prazo possível. Cria-se uma nova sorte de exilados – o exilado que pede o exílio, lutando por vezes para o conseguir, repelindo outros concorrentes, ao mesmo passo que vai adensando na fantasia alarmada as mais lutuosas imagens no prefigurar o paraíso tenebroso que o atrai.

Parte, e leva no próprio estado emotivo a receptividade a todas as moléstias.

Atravessa quinze dias infindáveis a contornear a nossa costa. Entra no Amazonas. Reanima-se um momento ante a fisionomia singular da terra; mas para logo acabrunha-o a imensidade deprimida – onde o olhar lhe morre no próprio quadro que contempla, certo enorme, mas em branco e reduzido às molduras indecisas das margens afastadas. Sobe o grande rio; e vão-se-lhe os inúteis ante a imobilidade estranha das paisagens de uma só cor, de uma só altura e de um só modelo, com a sensação angustiosa de uma

¹⁰ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1907.

parada na vida: atônicas todas as impressões, extinta a ideia do tempo, que a sucessão das aparências exteriores, uniformes, não revela – e retraída a alma numa nostalgia que não é apenas a saudade da terra nativa, mas da Terra, das formas naturais tradicionalmente vinculadas às nossas contemplações, que ali se não veem, ou se não destacam na uniformidade das planuras...

Entra por um dos grandes tributários, o Juruá ou o Purus. Atinge ao seu objetivo remoto; e todos os desalentos se lhe agravam. A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Faltam-lhe à vestimenta de matas os recortes artísticos do trabalho.

Há paisagens cultas que vemos por vezes, subjetivamente, como um reflexo subconsciente de velhas contemplações ancestrais. Os cerros ondulantes, os vales, os litorais que se recortam de angras, e os próprios desertos recrestados, afeiçoam-se-nos às vistas por maneira a admitirmos um modo qualquer de reminiscência atávica. Vendo-os pela primeira vez, temos o encanto de equipararmos o que imaginamos com o que se nos antolha, numa exteriorização tangível de contornos anteriormente idealizados.

Ali, não. Desaparecem as formas topográficas mais associadas à existência humana. Há alguma coisa extraterrestre naquela natureza anfíbia, misto de águas e de terras, que se oculta, completamente nivelada, na sua própria grandeza. E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronto sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que a povoam talham-se-lhe pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heroicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável.

O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fora da pátria, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da história.

Não resiste. Concentra todos os alentos que lhe restam para o só efeito de permanecer algum tempo, inútil e inerte, no posto que lhe marcaram; mal desempenhando os mais simples deveres; indo-se-lhe os olhos em todos os vapores que descem – e o espírito ausente nos lares afastados, longo tempo, em um exaustivo agitar de apreensões e conjeturas – até que o sacuda, inesperadamente, em pleno dia canicular, um súbito estremeção de frio, delatando-lhe a vinda salvadora, e por vezes reconditamente anelada, da febre. E é uma surpresa gratíssima. A vida desperta-se-lhe de golpe, naquela cotovelada da morte que passou por perto. O impaludismo significa-lhe, antes de tudo, a carta de alforria de um atestado médico. É a volta. A volta sem temores, a fuga justificável, a deserção que se legaliza e o medo sobreido de heroísmo, desafiando o espanto dos que lhe ouvem o romance alarmante das moléstias que devastam a paragem maldita.

Porque é preciso coonestar o recuo. Então cada igarapé sem nome é um Ganges pestilento e lúgubre; e os igapós, ou os lagos, espalmam-se nas várzeas empantanadas como lagunas Pontinas incontáveis. Traça-se um quadro nosológico arrepiador e trágico, num imaginoso fabular de agrura; e, dia a dia, a natureza caluniada pelo homem vai aparecendo naquelas bandas, ante as imaginações iludidas, como se lá se demarcasse a paragem clássica da miséria e da morte...

...

O exagero é palmar. O Acre, ou, em geral, as planuras amazônicas cindidas a meio pelo longo sulco do Purus, tem talvez

a letalidade vulgaríssima em todos os lugares recém-abertos ao povoamento. Mas consideravelmente reduzida.

Demonstra-no-lo um ligeiro confronto.

As Escolas de Medicina Colonial da Inglaterra e da França, revelam-nos, pelos simples títulos, os resguardos com que se rodeia sempre o transplante dos povos para os novos *habitats*. Há esta linha de nobreza no moderno imperialismo expansionista capaz de absolver-lhe os máximos atentados: os seus brilhantes generais transmudam-se em batedores anônimos dos médicos e dos engenheiros; as maiores batalhas fazem-se-lhe simples reconhecimento da campanha ulterior, contra o clima; e o domínio das raças incompetentes é o começo da redenção dos territórios, num giro magnífico que do Tonquin à Índia, ao Egito, à Tunísia, ao Sudão, à Ilha de Cuba, e às Filipinas, vai generalizando em todos os meridianos a empresa maravilhosa do saneamento da terra.

Da terra e do homem. A tarefa é dúplice. Aos conquistadores tranquilos não lhes basta o perquirir as causas meteorológicas ou telúricas das moléstias imanentes aos trechos recém-conquistados, na escala indefinida que vai das anemias estivais às febres polimorfais. Resta-lhes o encargo maior de justapor os novos organismos aos novos meios, corrigindo-lhes os temperamentos, destruindo-lhes velhos hábitos incompatíveis, ou criando-lhes outros até se construir, por um processo a um tempo compensador e estimulante, o indivíduo inteiramente aclimado, tão outro por vezes nos seus caracteres físicos e psíquicos que é, verdadeiramente, um indígena artificial transfigurado pela higiene. Para isto o colono, ou o emigrante, torna-se em toda a parte um pupilo do estado. Todos os seus atos, desde o dia da partida, prefixo nas estações mais convenientes, aos últimos pormenores de alimentação ou de vestir, predeterminam-se em regulamentos rigorosos. Dentro dos lineamentos largos das características fundamentais do clima quente para onde ele se desloca, urde-se a trama de uma

higiene individual, onde se preveem todas as necessidades, todos os acidentes e até os perigos da instabilidade orgânica inevitável à fase fisiológica da adaptação a um meio cósmico, cujo influxo deprimente sobre o europeu vai da musculatura, que se desfibra, à própria pobreza de espírito, que se deprime. Assim as medidas profiláticas, que começam inspirando-se no estudo dos fatores físicos acabam, não raro, prolongando-se em belíssimo código de moral demonstrada. De permeio com os preceitos vulgares para o reagir contra a temperatura alta, e a umidade excessiva que lhe abatem a tensão arterial e a atividade, lhe trancam as válvulas de segurança dos poros e lhe fatigam o coração e os nervos, criando-lhe, ao cabo, a iminência mórbida para os males que se desdobram do impaludismo que lhe solapa a vida, às dermatoses que lhe devastam a pele – despontam, mais eficazes e decisivos, os que o aparelham para reagir aos desânimos, à melancolia da existência monótona e primitiva; às amarguras crescentes da saudade; à irritabilidade provinda dos ares intensamente eletrizados e refulgentes; ao isolamento – e, sobretudo, ao quebrantar-se da vontade numa decadência espiritual subitânea e profunda que se afigura a moléstia única de tais paragens, de onde as demais se derivam como exclusivos sintomas.

Abra-se qualquer regulamento de higiene colonial. Ressaltam à mais breve leitura os esforços incomparáveis das modernas missões e o seu apostolado complexo que, ao revés das antigas, não visam arrebatam para a civilização a barbaria transfigurada, senão transplantar, integralmente, a própria civilização para o seio adverso e rude dos territórios bárbaros.

Nas suas páginas, o que por vezes nos maravilha mais do que os prodígios da previdência e do saber, desenvolvidos para afeiçoar o forasteiro ao meio, é o curso sobremaneira lento, senão o malogro dos mais pertinazes esforços.

A França na Indochina, de clima quase temperado, despendeu quinze anos de trabalhos contínuos para que sobrestivesse

a mortalidade, e, obedecendo aos pareceres dos seus melhores cientistas, renunciou, depois de longas tentativas, ao povoamento sistemático da África equatorial. O mesmo sucede no geral das colônias inglesas, alemãs ou belgas. Baste-nos notar que a estadia regulamentar dos seus agentes oficiais tem o período máximo de três anos. A volta aos lares nativos é uma medida de segurança indispensável a restaurar-lhes os organismos combalidos. Deste modo, a despeito de tão grandes sacrifícios e dispêndios, e dos prodígios de engenharia sanitária que transformam a rudeza topográfica dos lugares novos, formando-se uma verdadeira geografia artística, o que neles se forma, por fim, são umas sociedades precárias de perpétuos convalescentes jungados a dietas inflexíveis e vivendo através das fórmulas inaturáveis dos receituários complexos.

Ora, comparando-se estas colonizações adstritas às cláusulas de rigorosos estatutos – e de efeitos tão escassos – com o povoamento tumultuário, com a colonização à gandaia do Acre – de resultados surpreendentes – certo não se faz mister registrar um só elemento para o asserto de que o regime da região malsinada não é apenas sobradamente superior ao da maioria dos trechos recém-abertos à expansão colonizadora, senão também ao da grande maioria dos países normalmente habitados.

De fato – à parte o favorável deslocamento paralelo ao equador, demandando as mesmas latitudes – não se conhece na história exemplo mais golpeante de emigração tão anárquica, tão precipitada e tão violadora dos mais vulgares preceitos de aclimamento, quanto o da que desde 1879 até hoje atirou, em sucessivas levas, as populações sertanejas do território entre a Paraíba e o Ceará, para aquele recanto da Amazônia. Acompanhando-a, mesmo de relance, põe-se de manifesto que lhe faltou desde o princípio, não só a marcha lenta e progressiva das migrações seguras, como os mais ordinários resguardos administrativos.

O povoamento do Acre é um caso histórico inteiramente fortuito, fora da diretriz do nosso progresso.

Tem um reverso tormentoso que ninguém ignora: as secas periódicas dos nossos sertões do Norte, ocasionando o êxodo em massa das multidões flageladas. Não o determinou uma crise de crescimento, ou excesso de vida desbordante, capaz de reanimar outras paragens, dilatando-se em itinerários que são o diagrama visível da marcha triunfante das raças; mas a escassez da vida e a derrota completa ante as calamidades naturais. As suas linhas baralham-se nos traçados revoltos de uma fuga. Agravou-o sempre uma seleção natural invertida: todos os fracos, todos os inúteis, todos os doentes e todos os sacrificados expedidos a esmo, como o rebotalho das gentes, para o deserto. Quando as grandes secas de 1879-1880, 1889-1890, 1900-1901 flamejavam sobre os sertões adustos, e as cidades do litoral se enchiam em poucas semanas de uma população adventícia de famintos assombrosos devorados das febres e das bexigas – a preocupação exclusiva dos poderes públicos consistia no libertá-las quanto antes daquelas invasões de bárbaros moribundos que infestavam o Brasil. Abarrotavam-se, às carreiras, os vapores, com aqueles fardos agitantes consignados à morte. Mandavam-nos para a Amazônia – vastíssima, despovoada, quase ignota – o que equivalia a expatriá-los dentro da própria pátria. A multidão martirizada, perdidos todos os direitos, rotos os laços da família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, partia para aquelas bandas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febreiros e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até aos nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem...

E não desapareceram. Ao contrário, em menos de trinta anos, o estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado, a estirar-se, sem lindes, para sudoeste, definiu-se de chofre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico.

A sua capital – uma cidade de dez anos sobre uma tapera de dois séculos – transformou-se na metrópole de maior navegação fluvial da América do Sul. E naquele extremo sudoeste amazônico, quase misterioso, onde um homem admirável, William Chandless, penetrara 3.200 quilômetros sem lhe encontrar o fim cem mil sertanejos, ou cem mil ressuscitados, apareciam inesperadamente e repatriavam-se de um modo original e heroico: dilatando a pátria até aos terrenos novos que tinham desvendado.

Abram-se os últimos relatórios das prefeituras do Acre. Nas suas páginas maravilha-nos mais do que as transformações sem par que ali se verificam, o absoluto abandono e o completo relaxo com que ainda se efetua o seu povoamento. Hoje, como há trinta anos, mesmo fora das aperturas e dos tumultos das secas, os imigrantes avançam sem o mínimo resguardo, ou assistência oficial.

No entanto, as populações transplantadas se fixam, vinculadas ao solo; o progresso demográfico e surpreendente – e das cabeceiras do Juruá à confluência do Abunã alonga-se, cada vez mais procurada, a terra da promessa do Norte do Brasil.

•••

O paralelo é expressivo. Não se compreende a reputação de insalubridade de um tal clima. Evidentemente o que se realizou e se realiza ainda, embora em menor escala no Acre, foi a “seleção telúrica”, de que nos fala Kirchoff: uma sorte de magistratura natural, ou revista severa exercida pela natureza nos indivíduos que a procuram, para só conceder o direito de existência aos que se lhe afeiçoam. Mas o processo é geral.

Em todas as latitudes foi sempre gravíssima nos seus primórdios, a afinidade eletiva entre a terra e o homem. Salvam-se os que

melhor balanceiam os fatores do clima e os atributos pessoais. O aclimado surge de um binário de forças físicas e morais que vão, de um lado, dos elementos mais sensíveis, térmicos ou higrométricos, ou barométricos, às mais subjetivas impressões oriundas dos aspectos da paisagem; e de outro, da resistência vital da célula ou do *tonus* muscular, às energias mais complexas e refinadas do caráter. Durante os primeiros tempos, antes que a transmissão hereditária das qualidades de resistência, adquiridas, garanta a integridade individual com a própria adaptação da raça, a letalidade inevitável, e até necessária, apenas denuncia os efeitos de um processo seletivo. Toda a aclimação é desse modo um plebiscito permanente em que o estrangeiro se elege para a vida. Nos trópicos, é natural que o escrutínio biológico tenha um caráter gravíssimo.

Não há fraudes que lhe minorem as exigências. Caem-lhe sob o exame incorruptível, por igual – o tuberculoso inapto à maior atividade respiratória nos ares adurentes, pobres de oxigênio, e o lascivo desmandado; o cardíaco sucumbido pela queda da tensão arterial, e o alcoólico candidato contumaz a todas as endemias; o linfático colhido de pronto pela anemia e o glutão; o noctívago desfibrado nas vigílias, ou o indolente estagnado nas sextas enervantes; e o colérico, o neurastênico de nervos a vibrarem nos ares eletrizados, descompassadamente, sob o influxo misterioso dos firmamentos deslumbrantes, até aos paroxismos da demência tropical que o fulmina, de pancada, como uma espécie de insolação de espírito.

A cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o corretivo da reação física. E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada das incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem.

Foi o que sucedeu em grande parte no Acre. As turmas povoadoras que para lá seguiram, sem o exame prévio dos que as formavam e nas mais deploráveis condições de transporte, deparavam,

além de tudo isto, com um estado social que ainda mais lhes engravesca a instabilidade e a fraqueza.

Aguardava-as e ainda as aguarda, bem que numa escala menor, a mais imperfeita organização do trabalho que ainda engenhou o egoísmo humano.

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

Enquanto o colono italiano se desloca de Gênova à mais remota fazenda de São Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa e de todo em todo desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente.

A sua atividade, desde o primeiro golpe de machadinha, constringe-se para logo num círculo vicioso inatural: o debater-se exaustivo para saldar uma dívida que se avoluma, ameaçadoramente, acompanhando-lhe os esforços e as fadigas para saldá-la.

E vê-se completamente só na faina dolorosa. A exploração da seringa, neste ponto pior que a do caucho, impõe o isolamento. Há um laivo siberiano trabalho. Dostoievski sombrearia as suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma “estrada”, de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida. Nesta empresa de Sísifo a rolar em vez de um bloco o seu próprio corpo – partindo, chegando e partindo – nas voltas constritoras de um círculo demoníaco, no seu eterno giro de encarcerado numa prisão sem muros, agravada por um ofício rudimentar que ele aprende em uma hora para exercê-lo toda a vida, automaticamente, por simples movimentos reflexos – se

não o erija uma sólida estrutura moral, vão-se-lhe, com a inteligência atrofiada, todas as esperanças, e as ilusões ingênuas, e a tonificante alacridade que o arrebataram àquele lance, à ventura, em busca da fortuna.

Paralelamente, a decadência orgânica.

A alimentação, que é a base mais firme da higiene tropical, não lha fornece, durante largos anos, a mais rudimentar cultura. Constitui-se, ao revés de todos os preceitos, adstrita aos fornecimentos escassos de todas as conservas suspeitas e nocivas, com o derivativo aleatório das caçadas.

Sobretudo isto, o abandono. O seringueiro é, obrigatoriamente, profissionalmente, um solitário.

Mesmo no Acre propriamente dito, onde a densidade maior das árvores de borracha permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta área capaz de sustentar, de acordo com a unidade agrícola corrente, cinquenta famílias de pequenos lavradores, requer a atividade de oito homens apenas, que lá se espalham e raramente se veem. Calcule-se um seringal médio, de duzentas “estradas”: tem cerca de 15 léguas quadradas; e este latifúndio, que se povoaria à larga com 3.000 habitantes ativos, comporta apenas a população invisível de 100 trabalhadores, exageradamente dispersos.

É a conservação sistemática do deserto, e a prisão celular do homem na amplitude desafogada da terra.

...

Ante estes lineamentos de um quadro social tão anômalo, não é apenas opinável a letalidade do Acre. O que ressalta, irreprimível, é o conceito de uma salubridade capaz de garantir tantas existências submetidas a regime. Acredita-se até que as características tropicais meramente teóricas se reduzem aos paralelos de baixas latitudes, de 8° a 11°, que interferem na região; e aquilatando-se a influência moderadora sem dúvida exercida pela estupenda

massa de florestas, que a circulam e a invadem, chega-se a concluir que ulteriores observações meteorológicas, mal iniciadas agora, talvez lhe apaguem nos mapas o isoterma de 25 graus que a esmo lhe traçaram.

Porque a despeito do incorreto e do vicioso do povoamento e da vida, a sociedade recém-chegada aclima-se e progride.

Ao mais incurioso viajante que perlustre o Purus não escapa a transformação lenta e contínua.

O primitivo explorador vai, afinal, ajustando-se ao solo sobre o qual pisou durante tanto tempo indiferente. As suas barracas desafogam-se nas derrubadas; e já nas praias, que as vazantes desvendam, já nos “firmes”, a cavaleiro das cheias, se delineiam as primeiras áreas de cultura. Os tristonhos barracões cobertos de folhas de ubuçu, transmudam-se em vivendas regulares, ou amplos sobrados de pedra e cal. Sebastopol, Canacory. São Luís de Cassianã, Itatuba, Realeza, e dezenas de outros sítios do baixo Purus: Liberdade e Concórdia, nos mais longínquos trechos, com as suas casas numerosas, que se arruam às vezes ao lado de pequenas igrejas, ampliam-se em verdadeiras vilas. São a imagem material do domínio e da posse definitiva.

A evolução é, deste modo, tangível.

Delatam-na até os nomes originais, extravagantes alguns, mas eloquentes todos, das primitivas e das recentes fundações. Na terra sem história os primeiros fatos escrevem-se, esparsos e desunidos, nas denominações dos sítios. De um lado está a fase inicial e tormentosa da adaptação, evocando tristezas, martírios, até gritos de desalento ou de socorro; e o viajante lê nas grandes tabuletas suspensas às paredes das casas, de chapa para o rio: Valha-nos Deus, Saudade, São João da Miséria Escondido, Inferno... De outro um forte renascimento de esperanças e a jovialidade desbordante das gentes redimidias: Bom Princípio, Novo Encanto, Triunfo, Quero Ver! Liberdade, Concórdia, Paraíso...

À medida que se sobe o rio a renascença se acentua. Passada a confluência do Acre vai-se, em vários trechos, entre as estâncias que se defrontam ou se ligam às margens, como se se percorresse cultíssima paragem há muito descoberta. Nada mais do tosco e do brutesco dos primitivos abarracamentos.

Em Catiana, em Macapá como nas demais a montante, até a última, Sobral com a minúscula plantação de cafeeiros que lhe bastam ao consumo, nota-se em tudo, da pequena cultura que se generaliza, aos pomares bem cuidados, o esforço carinhoso do povoador que aformoseia a terra para não mais a abandonar.

E os homens são admiráveis.

Vimo-los de perto; conversamo-los.

Guardamos-lhes os nomes e os apelidos bizarros – do opulento Caboclo-Real, da Cachoeira, ao gárrulo Cai n'água das cercanias de Chandless; do velho João Amarelo, que fundou Cataí, e leva ainda, sem titubear, pelos torcicolos das “estradas”, os seus setenta anos trabalhosos, ao destemeroso Antônio Dourado, da Terra Alta, impecável atirador de rifle, cujos lances de ousadia nas arrancadas de 1903, com os caucheros, são uma página vibrante de bravura.

Considerando-os, ou revendo-lhes a integridade orgânica a ressaltar-lhes das musculaturas inteiriças, ou a beleza moral das almas varonis que derrotaram o deserto – e recordando as circunstâncias lastimáveis, que os rodearam nos primeiros dias do povoamento ou que ainda os rodeiam, porventura minoradas – não se lhes explicam as exigências vigorosas sob regime climático tão maligno e bruto como o que se fantasiou no Acre.

Não vingam, ademais, o argumento de que o sertanejo nortista, ou mais incisivamente, o jagunço, dotado da abstinência pastoral e guerreira do árabe, se tenha apercebido para o novo habitat, sob a disciplina inexorável das secas, além de haver-se deslocado seguindo mais ou menos os paralelos do torrão nativo.

O Purus e o Juruá abriram-se há muito à entrada dos mais díspares forasteiros – do sírio, que chega de Beirute, e vai pouco a pouco suplantando o português no comércio do “regatão”; ao italiano aventureiro e artista que lhes bate as margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspectos bravios de paisagens; ao saxônio fleumático, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriais. E, na grande maioria, lá vivem todos; agitam-se, prosperam e acabam longevos.

Registre-se este caso. Em 1872, Barrington Brown e William Lidstone percorreram o baixo Purus até Huitanaã, embarcados na lancha Guajará, sob o comando do Capitão Hoefner, *a german speaking both english and portuguese in addition*, consoante explicam os dois viajantes no interessante livro¹¹⁸ que escreveram.

Há trinta e cinco anos...

E o Capitão Hoefner lá está, eterno comandante de lancha, a mourejar sem descanso sobre aquelas águas malditas, onde fervilham os piuns sugadores, os carapanãs emissários das febres, e se espalmam, derivando à feição da correnteza insensível, os mururés boiantes, de flores violáceas recordando as grinaldas tristonhas dos enterros. Mas não agourentaram o germano.

Vimo-los, em fins de 1904, na confluência do Acre. É um velho vivaz e prestadio, diligente e ativo, de rosto aberto e rosado, emoldurado de cabelos inteiramente brancos. Se aparecesse em Berlim, mal lhe descobririam na pele, de leve amorenada, o sombrio estigma dos trópicos.

Multiplicam-se os casos deste teor, acordes todos na extinção de uma lenda.

Resta, talvez, à teimosia no propagá-la, um derradeiro argumento: aqueles caboclos rijos, e esse saxônio excepcional, não

11 *Fifteen Thousand Miles on the Amazon and its Tributaries*. (Nota de Euclides da Cunha.)

são efeitos do meio; surgem a despeito do meio; triunfam num final de luta, em que sucumbiram, em maior número, os que se não aparelhavam dos mesmos requisitos de robustez, energia e abstinência.

Neste caso atiremos de lado, de uma vez, um estéril sentimentalismo e reconheçamos naquele clima uma função superior. Ante as circunstâncias nocivas que originaram e impulsionaram o povoamento do Acre, largos anos aberto à intrusão de todas as moléstias e de todos os vícios favorecidos pela indiferença dos poderes públicos, ele exercitou uma fiscalização incorruptível, libertando aquele território de calamidades e desmandos, que seriam além de toda a proporção, muito maiores do que os que ainda hoje lá se observam.

Policiou, saneou, moralizou. Elegeu e elege para a vida os mais dignos. Eliminou e elimina os incapazes, pela fuga ou pela morte.

E é por certo um clima admirável o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons.

A quem da margem direita do Ucayali e das terras onduladas, onde se formam os manadeiros do Javari, do Juruá e do Purus, apareceu há cerca de cinquenta anos, uma sociedade nova. Formara-se obscuramente. Perdida longo tempo no afogado das selvas, apenas a conheciam raros comerciantes do Pará, onde, desde 1862, começaram a chegar, provindas daqueles pontos remotos, as pranchas pardo-escuras e uma outra goma-elástica concorrente com a seringa às exigências da indústria.

Era o cartucho. E “caucheiros” apelidaram-se para logo os aventureiros sertanistas que batiam atrevidamente aqueles rincões ignorados.

Vinham do ocidente, transpondo os Andes e suportando todos os climas da terra, dos litorais adustos do Pacífico às *punas* enregeladas das cordilheiras. Entre eles e o torrão nativo ficavam duas muralhas altas de seis mil metros e um longo valo escancelado em abismos. Adiante os plainos amazônicos; um estiramento de centenaes de milhas para NE, a perder-se, indefinido, na prolongação atlântica, sem a joga de um cerro balizando a imensidade.

Nunca se armou tão imponente cenário a tão pequeninos atores.

12 *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 02 fev. 1907.

É natural que os sertanistas pervagassem largos anos, esparsos, diminutos, invisíveis, tateantes no perpétuo crepúsculo daquelas matas longínquas, onde, mais sérias que o desmedido das distâncias e os bravios da espessura, outras dificuldades lhes renteavam ou perturbavam os passos vacilantes.

Realmente, toda a zona em que se traça, ainda pontuada, a linha limítrofe brasílio-peruana, e irradiam para os quadrantes os formadores do Purus e do Juruá, as vertentes mais setentrionais do Urubamba e os últimos esgalhos do Madre-de-Dios, figurava entre as mais desconhecidas da América, menos em virtude de suas condições físicas excepcionais, vencidas em 1844 por F. Castelnau, que pelo renome temeroso das tribos que a povoam e se tornaram, sob o nome genérico de *clunchos*, o máximo pavor dos mais destemerosos pioneiros.

Não há nomeá-las todas. Quem sobe o Purus, contemplando de longe em longe, até às cercanias da Cachoeira, os paumaris rarescentes, mal recordando os antigos donos daquelas várzeas; e dali para montante os ipurinás inofensivos; ou, a partir do laco, os “tucunas” que já nascem velhos, tanto se lhes reflete na compleição tolhiça a decrepitude da raça – tem a maior das surpresas ao deparar, nas cabeceiras do rio, com os silvícolas singulares que as animam. Discordes nos hábitos e na procedência, lá se comprimem extratores do forçado; os amauacas mansos que se agregam aos *puestos* dos extratores do caucho; os coronauas indomáveis, senhores das cabeceiras do Curanja; os *piros* acobreados, de rebrilhantes dentes tintos de resina escura que lhes dão aos rostos, quando sorriem, indefiníveis traços de ameaças sombrias; os barbudos *cashibos* afeitos ao extermínio em correrias de duzentos anos sobre os destroços das missões do Pachitea; os conibos de crânios deformados e bustos espantadamente listrados de vermelho e azul; os *setebos*, *sipibos* e iurimauas; os *mashcos* corpulentos, do Mano, evocando no desconforme da estrutura os gigantes

fabulados pelos primeiros cartógrafos da Amazônia, e, sobre todos, suplantando-os na fama e no valor, os *campas* aguerridos do Urubamba...

A variedade das cabildas em área tão reduzida trai a pressão estranha que as constringe. O ajuntamento é forçado.

Elas estão, evidentemente, nos últimos redutos para onde refluíram no desfecho de uma campanha secular, que vem do apostolado das Maynas às expedições modernas e cujos episódios culminantes se perderam para a história.

O narrador destes dias chega no final de um drama, e contempla surpreso o seu último quadro prestes a cerrar-se.

A civilização, barbaramente armada de rifles fulminantes, assedia completamente ali a barbaia encantada: os peruanos pelo ocidente e pelo sul; os brasileiros em todo o quadrante de NE; no de SE, trancando o vale do Madre-de-Dios, os bolivianos.

E os caucheiros aparecem como os mais avantajados bateadores da sinistra catequese a ferro e fogo, que vai exterminando naqueles sertões remotíssimos os mais interessantes aborígenes sul-americanos.

• • •

Esta missão histórica advém-lhes da fragilidade de uma árvore. O caucheiro forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante ou tumultuária, porque a *castilloa elástica*, que lhe fornece a borracha apetecida, não permite, como as *heveas* brasileiras, uma exploração estável, pelo renovar periodicamente o suco vital que lhe retiram. É excepcionalmente sensível. Desde que a golpeiem, morre, ou definha durante largo tempo, inútil. Assim o extrator derruba-a de uma vez para aproveitá-la toda. Atora-a, depois de metro em metro, desde as sapopembas aos últimos galhos das frondes; e abrindo no chão, ao longo do madeiro derrubado, rasas cavidades retangulares correspondentes às secções dos toros, delas retira, ao fim de uma

semana, as *planchas* valiosas, enquanto os restos aderidos à casca, nos rebordos dos cortes, ou esparsos a esmo pelo solo, constituem, reunidos, o *semambi* de qualidade inferior,

O processo, como se vê, é rudimentar e rápido. Esgota-se em pouco tempo o cauchal mais exuberante; e como as *castilloas* não se distribuem regularmente pelas matas, viçando em grupos por vezes bastante separados, os exploradores deslocam-se a outros rumos, reeditando quase sem variantes todas as peripécias daquela vida aleatória de caçadores de árvores.

Deste modo o nomadismo impõe-se-lhes. É-lhes condição inviolável de êxito. Afundam temerariamente no deserto; insulam-se em sucessivos sítios e não reveem nunca os caminhos percorridos. Condenados ao desconhecido, afeiçoam-se às paragens ínvias e inteiramente novas. Alcançam-nas; abandonam-as. Prosseguem e não se retribam nas posições às vezes arduamente conquistadas.

Atingindo qualquer trecho onde os pés de caucho se descubram, levantam à beira de uma quebra o primeiro “tambo” de paxiúba, e atiram-se à tarefa agitadíssima. Os seus primeiros instrumentos de trabalho são a carabina Winchester – o rifle curto adrede disposto aos recontros no traçado das ramarias – o machete cortante que lhes destrama os cipoais, e a bússola portátil, norteando-os no embaralhado das veredas. Tomam-nos e lançam-se a uma revista cautelosa das cercanias. Vão em busca do selvagem que devem combater e exterminar ou escravizar, para que do mesmo lance tenham toda a segurança no novo posto de trabalhos e braços que lhes impulsionem.

São bem poucos às vezes os que se abalançam a esta preliminar obrigatória e temerária: meia dúzia de homens, dispersando-se e mergulhando silenciosamente na espessura. E lá se vão, perquirindo e sondando todos os recessos; batendo palmo a palmo todos os recantos suspeitos; anotando de cor, num exaustivo

levantamento topográfico, de memória, os mais variados acidentes; ao mesmo passo que com os olhos e ouvidos armados aos mais fugitivos aspectos e aos mais vagos rumores dos ares murmurantes da floresta vão presumindo-se dos resguardos e ardilezas que se exigem naquele assombroso duelo sevilhano com o deserto.

Alguns não tornam mais. Outros voltam indenes aos pousos depois da perquirição inútil. Algum, porém, ao cabo da pesquisa fatigante, lobriga ao longe, meio indistintas nas folhagens, as primeiras cabanas de selvagem.

Mal refreia um grito de triunfo, e não volve logo a comunicar aos companheiros o achado.

Refina a sua astúcia extraordinária. Cose-se com o chão, e, de rastros, *fareando el peligro*, aproxima-se quanto pode do inimigo descuidado.

Há, realmente, neste lance, um traço comovente de heroísmo. O homem perdido na solidão absoluta vai procurar o bárbaro, levando a escolta única dos dezoito balas de seu rifle carregado.

É um rastejamento longo, tortuoso e lento, em que ele aproveita todos os acidentes encobrendo-se por detrás dos troncos ou entaliscando-se nos ângulos das sapopembas, deslizando sem ruído sobre as camadas das ramas decompostas, ou insinuando-se entre as hastes unidas das helicônias de largas folhas protetoras, até que possa, no termo da investida surda e angustiosa, contemplar e ouvir de perto, quase à orla do terreiro claro, os adversários inexpertos, e inscientes do civilizado sinistro que os espia e os conta e lhes observa as maneiras e lhes avalia os recursos – e volta depois do exame minucioso, levando aos companheiros, que o aguardam, todos os itens necessários à “conquista”.

Conquista é o termo predileto, usado por uma espécie de reminiscência atávica das antiquíssimas algaras dos condutícios de Pizarro. Mas não a efetuam pelas armas sem esgotarem os efeitos da diplomacia rudimentar dos presentes mais apetecidos do selvagem. A um ouvimos certa vez o processo seguido:

Se los atrae al tambo por medio de regalos: ropa, rifles, machetes, etc., y sin hacerlos trabajar, se les deja que vayan a tolderío a decir a sus compañeros el como son tratados por los caucheros, que no los obligan a trabajar; sino que les aconsejan que trabajen un poco y a voluntad, para pagar aquello que les dieron...

Estes meios pacíficos, porém, são em geral falíveis. A regra é a caçada impiedosa, à bala. É o lado heroico da empresa: um grupo inapreciável arrojando-se à montaria de uma multidão.

Não se lhe pormenorizam os episódios.

Subordina-se a uma tática invariável: a máxima rapidez do tiro e a máxima temeridade. São garantias certas do triunfo. É incalculável o número de minúsculas batalhas travadas naqueles sertões onde reduzidos grupos bem armados suplantam tribos inteiras, sacrificadas a um tempo pelas suas armas grosseiras e pela afoiteza no arremeterem com as descargas rolantes das carabinas.

Citemos um exemplo único. Quando Carlos Fiscarrald chegou em 1892 às cabeceiras do Madre-de-Dios, vindo do Ucayali pelo varadouro aberto no istmo que lhe conserva o nome, procurou captar do melhor modo os *mashcos* indomáveis que as senhoreavam. Trazia entre os *piros* que conquistara um intérprete inteligente e leal. Conseguiu sem dificuldades ver e conversar o curaca selvagem.

A conferência foi rápida e curiosíssima.

O notável explorador, depois de apresentar ao “infiel” os recursos que trazia e o seu pequeno exército, onde se misturavam as fisionomias díspares das tribos que subjugara, tentou demonstrar-lhe as vantagens da aliança que lhe oferecia contrapostas aos inconvenientes de uma luta desastrosa. Por única resposta o *mashco* perguntou-lhe pelas flechas que trazia. E Fiscarrald entregou-lhe, sorrindo, uma cápsula de Winchester.

O selvagem, examinou-a, longo tempo, absorto ante a pequenez do projétil. Procurou, debalde, ferir-se, roçando rijamente a bala contra o peito. Não o conseguindo, tomou uma de suas flechas; cravou-a de golpe, no outro braço, virando-o. Sorriu, por sua vez, indiferente à dor, contemplando com orgulho o seu próprio sangue que esguichava... e sem dizer palavra deu as costas o sertanista surpreendido, voltando para o seu *tolderío* com a ilusão de uma superioridade que a breve trecho seria inteiramente desfeita. De fato, meia hora depois, cerca de cem *mashcos*, inclusive o chefe recalcitrante, e ingênuo, jaziam trucidados sobre a margem, cujo nome, *Playa-Mashcos*, ainda hoje relembra este sanguinolento episódio...

Assim vai desbravando-se a região bravia. Varejadas as redondezas, mortos ou escravizados num raio de poucas léguas os aborígenes, os caucheiros agitam-se febrilmente na azáfama estonteadora. Em alguns meses ao lado do primitivo *tambo* multiplicam-se outros; a *casucha* solitária transmuda-se em amplo *barracón* ou *embarcadero* ruidoso; e adensam-se por vezes as vivendas em *caseríos*, a exemplo de Cocama e Curanja, à margem do Purus, a espelharem, repentinamente no deserto, a miragem de um progresso que surge, se desenvolve e acaba num decênio. Os caucheiros ali estacionam até que caia o último pé de caucho. Chegam, destroem, vão-se embora. Nada pedem, em geral, à terra, à parte exíguas plantações de *yucas* e bananas, a que se dedicam os índios domesticados. A única agricultura regular, embora diminuta, que se observa no Alto Purus, para lá das últimas barracas dos nossos seringueiros, é a do algodão, dos *campas* aldeados, que até nisto delatam a independência nativa: colhendo, cardando, fiando, tecendo e pintando as *cushmas* de que se revestem, e descem-lhes dos ombros até aos pés, com o feitio de longas togas grosseiras. Assim, entre os estranhos civilizados que ali chegam de arrancada para ferir e matar o homem e a árvore, estacionando

apenas o tempo necessário que ambos se extingam, seguindo a outros rumos onde renovam as mesmas tropelias, passando como uma vaga devastadora e deixando ainda mais selvagem a própria selvageria – aqueles bárbaros singulares patenteiam o único aspecto tranquilo das culturas. O contraste é empolgante. Seguindo do povoado *campa* de Tingoleales para o sítio peruano de Shamboyaco, perto da foz do Rio Manuel Urbano, o viajante não passa, como a princípio acredita, dos estádios mais primitivos aos mais elevados da evolução humana. Tem uma surpresa maior. Vai da barbaria franca a uma sorte de civilização caduca em que todos os estigmas daquela ressaltam mais incisivos, dentre as próprias conquistas do progresso.

Aborda a estância peruana; e nas primeiras horas encanta-o o quadro de uma existência movimentada e ruidosa. A vivenda principal e as que se lhe subordinam, arruadas alguma vez à maneira de pequenas vilas, erigem-se sempre num ponto bem escolhido a cavaleiro do rio; e a despeito de se construírem exclusivamente com as folhas e estípites da *paxiúba* – que é a palmeira providencial da Amazônia – são em geral de dois andares e têm na elegância das linhas e nas varandas desafogadas, que as circuejam, uma aparência de todo contraposta ao aspeto tristonho dos chatos barracões dos nossos seringueiros.

No terreiro amplo, acabando na crista da barranca caindo em talude vivo sobre o rio, uma agitação animadora e álacre; carregadores possantes passando em longas filas sucessivas arcados sob as pranchas de caucho; administradores ativos rompendo das portas do andar térreo e correndo para toda a banda, para os armazéns refertos de conservas ou para as tendas fulgurantes, onde estridulam malhos e bigornas, reparando as achas e manchetes.

Embaixo no *embarcadero*, coalhado das ubás velozes, onde as tanganas figsam vivamente os ares, vozeia a algazarra dos práticos e proeiros, e espalmam-se nas águas as balsas feitas exclusivamente de caucho, formando-se sobre o “caminho que marcha”

a “mercadoria que conduz os condutores”. E em todo o correr da ladeira que dali serpeia até em cima, as saias vermelhas e os corpinhos brancos das *cholas* graciosas de Iquitos, passando e entrecruzando-se, num embandeiramento festivo...

O viajante atravessa os grupos agitados e as surpresas não cessam. Gaga a escada que o leva à varanda da frente, para onde dão os principais repartimentos da vivenda. No alto o caucheiro – um triunfador jovial e desempenado sobre os rijos tacões das suas botas de mateiro – recebe-o ruidosamente, abrindo-lhe de par em par as porras numa hospitalidade espetaculosa e franca. E completa-se o encanto. Extinta a noção do tempo, ou do longo espaço de milhares de quilômetros gastos no sulcar os rios solitários para atingir aquela estância longínqua, o forasteiro insensivelmente se imagina em algum estrepito comercial de qualquer cidade da costa. Nada lhe falta ao engano: o longo balcão de pinho abarreiando a sala principal e cerrando o recinto, onde se aprumam as prateleiras atestadas de mercadorias; os empregados solícitos obedientes às ordens do guarda-livros corretíssimo, que o cumprimentou ao entrar e volveu logo à sua escrita, acurvado sobre a secretária inclinada; o copo de cerveja que lhe oferecem, ao invés da *chicha* tradicional; a folhinha artística a um lado, marcando o dia certo do ano; os jornais de Manaus e de Lima; e até – o que é inverossímil – a tortura requintada e culta de um fonógrafo, gaguejando, emperradamente, naquele fundo de desertos, uma ária predileta de tenor famoso.

• • •

Mas toda esta exterioridade surpreendente desaparece ante uma observação permitindo ao visitante ver o que lhe não mostra o seu garboso hospedeiro. A desilusão assalta-o então de chofre; e é impressionadora. Aquele reflexo de vida superior não vai além da escassa nesga de chão, de menos de um hectare, constricta a mata ameaçadora e próxima ao fundo, e a barranca despenhada rio adiante.

Fora deste falso cenário, o drama real que se desenrola é quase inconcebível para o nosso tempo.

Abaixo do caucheiro opulento, numa escala deplorável, do mestiço loretano, que ali vai em busca da fortuna, ao quíchua deprimido trazido das cordilheiras, há uma série indefinida de espoliados. Para vê-los tem-se que varar os obscuros recessos da mata sem caminhos e buscá-los nas hurmas solitárias,, onde assistem completamente sós, acompanhados apenas do rifle inseparável, que lhes garante a existência com os recursos aleatórios das caçadas. Ali mourejam improficuamente longos anos; enfermam, devorados das moléstias; e extinguem-se no absoluto abandono. Quatrocentos homens às vezes, que ninguém vê, dispersos por aquelas quebradas, e mal aparecendo de longe em longe no castelo de palha do acalcanhado barão que os escraviza. O “conquistador” não os vigia. Sabe que lhe não fogem. Em roda, num raio de seis léguas, que é todo o seu domínio, a região inçada de outros *infieles*, é intransponível. O deserto é um feitor perpetuamente vigilante. Guarda-lhe a escravatura numerosa. Os mesmos campos altanados, que ele captou esgrimindo uma perfídia magistral contra a bravura ingênua do bárbaro, não o deixam mais, temendo os próprios irmãos bravios, que nunca lhes perdoam a submissão transitória.

Desta sorte o aventureiro feliz que dois anos antes, em Lima ou Arequipa, exercitava o trato mais gentil – sente-se inteiramente livre da pressão e dos infinitos corretivos da vida social, e adquirindo a consciência do mando ilimitado, ao mesmo tempo que o invade o sentimento da impunidade para todos os caprichos e delitos, cai, de um salto, numa selvageria originalíssima, em que entra sem ter tempo de perder os atributos superiores do meio onde nasceu.

Realmente, o caucheiro não é apenas um tipo inédito na história. É, sobretudo, antinômico e paradoxal. No mais pormenorizado quadro etnográfico não há um lugar para ele. A princípio

figura-se-nos um caso vulgar de civilizado que se barbariza, num recuo espantoso em que se lhe apagam os caracteres superiores nas formas primitivas da atividade.

E é um engano. Estes estádios contrapostos ele não os combina criando uma atividade híbrida embora, mas definida e estável. Junta-os apenas sem os caldear. É um caso de mimetismo psíquico de homem que se finge bárbaro para vencer o bárbaro. É *caballero* e selvagem, consoante as circunstâncias. O dualismo curioso de quem procura manter intactos os melhores ensinamentos morais ao lado de uma moral fundada especialmente para o deserto – reponta em todos os atos a sua existência revolta. O mesmo homem que com invejável retitude esforça-se por satisfazer os seus compromissos, que às vezes o sobem a milhares de contos, com os exportadores de Iquitos ou Manaus, não vacila em iludir o *peón* miserável que o serve, em alguns quilos de semambi ordinário;¹³ ou passa por vezes da mais refinada galanteria à máxima brutalidade, deixando em meio um sorriso cativante e uma mesura

13 Por exemplo, são vulgares casos deste teor, contados pelos próprios peruanos. Sai um batelão de Iquitos carregado das mercadorias mais apetecidas dos habitantes ribeirinhos. Chega a um *tambo* do Ucayali, de *infieles* ou de *cholas*. Salta o patrão e trava para logo com o proprietário do sítio esse diálogo invariável.

– *Tienes caucho?*

– *Sí, tengo; pero es del comerciante. E... a quem debo por la habilitación que me dió hace cuatro meses. Segun sé su lancha debe venir a recogerlo dentro de pocos días.*

– *No seas cándido, hombre!* Contravém o caucheiro, e acrescenta mentindo imperturbavelmente: *E... no puede mandar por el caucho porque su lancha está descompuesta.*

– *No importa, recalcitra o selvagem, yo cumplité com esperar las órdenes que me mande.*

E o civilizado, insistente:

– *Y mientras tanto te perjudicas por que E... nunca te pagará más de 12 soles por arroba, y yo te daré en el acto 16 soles..*

O peão, ávido do lucro inesperado, abala-se; o caucheiro aproveita-se habilmente da vacilação.

– *Vamos a la lancha que te voy a convidar a una buena copa...*

Lá se vão. E, em pouco, o peão embriagado cede ao caucheiro o melhor da sua fazenda pelos mais diminutos preços. (Nota de Euclides da Cunha.)

impecável, para saltar com um rugido, de cuchillo rebrilhante em punho, sobre o cholo desobediente que o afronta.

A selvageria é uma máscara que ele põe e retira à vontade.

Não há ajustá-la ao molde incomparável dos nossos bandeirantes. Antônio Raposo, por exemplo, tem um destaque admirável entre todos os conquistadores sul-americanos. O seu heroísmo é brutal, maciço, dobras, sem disfarces. Avança ininteligentemente, mecanicamente, inflexivelmente, como uma força natural desencadeada. A diagonal de mil e quinhentas léguas que traçou de São Paulo até ao Pacífico, cortando toda a América do Sul, por cima de rios, de chapadões, de pantanais, de corixas estagnadas, de desertos, de cordilheiras, de páramos nevados e de litorais aspérrimos, entre o espanto e as ruínas de cem tribos suplantadas, é um lance apavorante, de epopeia. Mas sente-se bem naquela ousadia individual a concentração maravilhosa de todas as ousadias de uma época.

O bandeirante foi brutal, inexorável, mas lógico.

Foi o super-homem do deserto.

O caucheiro é irritantemente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homúnculo da civilização.

Mas compreende-se esta antilogia. O aventureiro ali vai com a preocupação exclusiva de enriquecer e voltar; voltar quanto antes, fugindo àquela terra melancólica e empantanada que parece não ter solidez para aguentar o próprio peso material de uma sociedade. Acompanha-o, em todas as conjunturas da sua atividade nevosa e precipitada, o espetáculo das cidades vastas, onde brilhará um dia, transformando em esterlinos o oro negro do caucho. Dominado de todo pela nostalgia incurável da paragem nativa, que ele deixou precisamente para a rever apercebido de recursos que lhe facultem maiores somas de felicidades – atira-se às florestas; enterreira e subjuga os selvagens; resiste ao impaludismo e às fadigas; agita-se, adoidadamente, durante quatro, cinco, seis anos;

acumula algumas centenas de milhares de soles e desaparece, de repente...

Surge em Paris. Atravessa em pleno esplendor dos teatros ruidosos e dos salões, seis meses de vida delirante, sem que lhe descubram, destoando da correção impecável das vestes e das maneiras, o mais leve resquício do nomadismo profissional. Arruma-se galhardamente; e volta... Reata a faina antiga: novos quatro ou seis anos de trabalhos forçados; nova fortuna prestes adquirida; novo salto sobre o oceano; e quase sempre novo volver ansioso em busca da fortuna perdida, numa oscilação estupenda das avenidas fulgurantes para as florestas solitárias.

A este propósito correm as mais curiosas versões em que se destacam famosos caucheiros conhecidíssimos em Manaus.

Neste viver oscilante ele dá a tudo quanto pratica, na terra que devasta e desama, um caráter provisório – desde a casa que constrói em dez dias para durar cinco anos, às mais afetuosas ligações que às vezes duram anos e ele destrói num dia. Neste ponto, sobretudo, desenha-se-lhe a inconstância irrealizável. Um deles, como lhe perguntássemos, em Curanja, onde desposara a amauca gentilíssima que lhe assistia há dez anos com os desvelos de uma esposa exemplar, retorquia-nos, levemente irônico:

– *Me han hecho regalo en Pachiteá.*

Um regalo um presente, um traste que ele abandonaria a primeira eventualidade, sem cuidados.

Reportado negociante daquele vilarejo decaído, que em Lima ou Iquitos seria um belo molde de burguês, pacífico e abstinente, ali, *hambriento de mujeres*, apresenta aos amigos e ao forasteiro adventício, o seu harém escandaloso, onde se estremam a interessante Mercedes, de *ojillos de venado*, que custou uma batalha contra os coronauas e a encantadora Facunda, de grandes olhos selvagens e cismadores, que lhe custou cem soles. E narra o tráfico criminoso, a rir, absolutamente impune, e sem temores.

Não há leis. Cada um traz o código penal no rifle que sobraça, e exercita a justiça a seu alvedrio, sem que o chamem a contas. Num dia, de julho de 1905, quando chegava ao último *puesto* caucheiro do Purus, uma comissão mista de reconhecimento, todos os que a compunham, brasileiros e peruanos, viram um corpo desnudo e atrozmente mutilado, lançado à margem esquerda do rio, num claro entre as frecheiras. Era o cadáver de uma amauaca. Fora morta por vingança, explicou-se vagamente depois. E não se tratou mais do incidente – coisa de nonada e trivialíssima na paragem revolvida pelas gentes que a atravessam e não povoam, e passam deixando-a ainda mais triste com os escombros das estâncias abandonadas...

• • •

Estas lá estão em todas as voltas do Alto Purus, aparecendo, entristecedoras, sob os vários aspectos que vão das hurmas humildes dos peões às vivendas outrora senhoris dos caucheiros.

Pouco acima do Shamboyaco, uma, sobre todas, nos impressionou, quando descíamos.

Fora um posto de primeira ordem. Saltamos para o examinar; e vingando a custo a barranca mal gradada, descobrindo em cima o velho caminho invadido de vassouras bravas, chegamos ao terreiro onde o matagal inextricável ia peneirando e cobrindo os acervos de vasilhas velhas, farragens repugnantes, restos de ferramentas, e ciscalhos em montes deixados pelos prófugos habitantes. A casa principal, defronte, meio estruída, tetos abatidos, paredes incumbentes e a tombarem despegando-se dos esteios desaprumados, figurava-se sustida apenas pelas lianas que lhe irrompiam de todos os pontos, furando-lhe a cobertura, enleando-se-lhe nas vigas vacilantes, amarrando-lhas, e estirando-se à feição de cabos até às árvores mais próximas, onde se enlaçavam impedindo-lhe o desabamento completo; e as vivendas menores, anexas, cobertas de trepadeiras exuberando floração ridente, apagavam-se,

desaparecendo a pouco e pouco na constrição irresistível da mata que reconquistava o seu terreno primitivo.

Mal atentamos, porém, no magnífico lance regenerador, da flora, juncando de corolas e festões garridos aquela ruínia deplorável. Não estava inteiramente desabitada a tapera.

Num dos casebres mais conservados aguardava-nos o último habitante Piro, amauaca ou campá, não se lhe distinguiu a origem. Os próprios traços da espécie humana, transmudava-lhos a aparência repulsiva: um tronco desconforme, inchado pelo impudismo, tomando-lhe a figura toda, contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhiças como as de um feto monstruoso.

Acocorado a um canto, contemplava-nos impassível. Tinha a um lado os seus haveres: um cacho de bananas verdes.

Esta coisa indefinível que por analogia cruel sugerida pelas circunstâncias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extratores – respondeu-nos às perguntas num regougo quase extinto e numa língua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma coisa que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso:

“Amigos.”

Compreendia-se: amigos, companheiros, sócios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquelas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta.

Das palavras castelhanas que aprendera restava-lhe aquela única; e o desventurado murmurando-a, com um tocante gesto de saudade, fulminava sem o saber – com um sarcasmo pungentíssimo – os desmandados aventureiros que aquela hora prosseguiram na faina devastadora: abrindo a tiros de carabinas e a golpes de machetes novas veredas a seus itinerários revoltos, e

desvendando outras paragens ignoradas, onde deixariam, como ali haviam deixado, no desabamento dos casebres ou na figura lastimável do aborígine sacrificado, os únicos frutos de suas lides tumultuárias, de construtores de ruínas...

No sábado da Aleluia os seringueiros do Alto Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desaforo. Ante a concepção rudimentar da vida santificam-se-lhes, nesse dia, todas as maldades. Acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizes.

Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacientemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.

Não tiveram missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava-pés tocantes, nem prédicas comovidas. Toda a Semana Santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável sexta-feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora.

Alguns recordam que nas paragens nativas, durante aquela quadra fúnebre, se retraem todas as atividades – despovoando-se as ruas, paralisando-se os negócios, ermando-se os caminhos – e que as luzes agonizam nos círios bruxuleantes, e as vozes se amortecem nas rezas e nos retiros, caindo um grande silêncio

¹⁴ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 mar./1907.

misterioso sobre as cidades, as vilas e os sertões, profundos onde as gentes entristecidas se associam à mágoa prodigiosa de Deus. E consideram, absortos, que esses sete dias excepcionais, passageiros em toda a parte e em toda a parte adrede estabelecidos a maior realce de outros dias mais numerosos, de felicidade – lhes são, ali, a existência inteira, monótona, obscura, dolorosíssima e anônima, a girar acabrunhadoramente na via dolorosa inalterável, sem princípio e sem fim, do círculo fechado das “estradas”. Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o Redentor universal não os redimiui; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfreqüentados rincões.

Mas não se rebelam, ou blasfemam. O seringueiro rude; ao revés do italiano artista, não abusa da bondade de seu deus desmandando-se em convícios. É mais forte; é mais digno. Resignou-se à desdita. Não murmura. Não reza. As preces ansiosas sobem por vezes ao céu, levando disfarçadamente o travo de um ressentimento contra a divindade; e ele não se queixa. Tem a noção prática, tangível, sem raciocínios, sem diluições metafísicas, maciça e inexorável – um grande peso a esmagar-lhe inteiramente a vida – da fatalidade; e submete-se a ela sem subterfugir na cobardia de um pedido, com os joelhos dobrados. Seria um esforço inútil. Domina-lhe o critério rudimentar uma convicção talvez demasiado objetiva, ou ingênua, mas irreduzível, a entrar-lhe a todo o instante pelos olhos adentro, assombrando-o; é um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens; e os grandes olhos de Deus não podem descer até àqueles brejais, manchando-se. Não lhe vale a pena penitenciar-se, o que é um meio cauteloso de rebelar-se, reclamando uma promoção na escala indefinida da

bem-aventurança. Há concorrentes mais felizes, mais bem protegidos, mais numerosos, e, o que se lhe figura mais eficaz, mais vistos, nas capelas, nas igrejas, nas catedrais e nas cidades ricas onde se estadeia o fausto do sofrimento uniformizado de preto, ou fulgindo na irradiação das lágrimas, e galhardeando tristezas...

Ali – é seguir, impassível e mudo, estoicamente, no grande isolamento da sua desventura.

Além disto, só lhe é lícito punir-se da ambição maldita que o conduziu àqueles lugares para entregá-lo, maniatado e escravo, aos traficantes impunes que o iludem – e este pecado é o seu próprio castigo, transmutando-lhe a vida numa interminável penitência. O que lhe resta a fazer é desvendá-la e arrancá-la da penumbra das matas, mostrando-a, nuamente, na sua forma apavorante, à humanidade longínqua...

•••

Ora, para isso, a igreja dá-lhe um emissário sinistro: Judas; e um único dia feliz: o sábado prefixo aos mais santos atentados, às balbúrdias confessáveis, à turbulência mística dos eleitos e à divinização da vingança.

Mas o mostrengo de palha, trivialíssimo, de todos os lugares e de todos os tempos, não lhe basta à missão complexa e grave. Vem batido demais pelos séculos em fora, tão pisoado, tão decaído e tão apedrejado que se tornou vulgar na sua infinita miséria, monopolizando o ódio universal e apequenando-se, mais e mais, diante de tantos que o malquerem.

Faz-se-lhe mister, ao menos, acentuar-lhe as linhas mais vivas e cruéis; e mascarar-lhe no rosto de pano, a laivos de carvão, uma tortura tão trágica, e em tanta maneira próxima da realidade, que o eterno condenado pareça ressuscitar ao mesmo tempo que a sua divina vítima, de modo a desafiar uma repulsa mais espontânea e um mais compreensível revide, satisfazendo à saciedade as almas ressentidas dos crentes. com a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das suas agonias terríveis.

E o seringueiro abalança-se a esse prodígio de estatuária, auxiliado pelos filhos pequeninos, que deliram, ruidosos, em risadas, a correrem por toda a banda, em busca das palhas esparsas e da farraagem repulsiva de velhas roupas imprestáveis. encantados com a tarefa funambulesca, que lhes quebra tão de golpe a monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta.

O judas faz-se como se fez sempre: um par de calças e uma camisa velha, grosseiramente cosidos, cheios de palhiças e mulambos; braços horizontais, abertos, e pernas em ângulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, aprumando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando a cabeça. É o manequim vulgar, que surge em toda a parte e satisfaz à maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estátua, que é a sua obra-prima, a criação espantosa do seu gênio rude longamente trabalhado de reveses, onde outros talvez distingam traços admiráveis de uma ironia sutilíssima, mas que é para ele apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa.

E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta; pinta-lhes as sobrancelhas, e abre-lhe com dois riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda servíveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas...

Recua meia dúzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a.

Em torno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha.

Volve ao seu homúnculo: retoca-lhe uma pálpebra; aviva um rictos expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco

mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e retifica-lhe as vestes...

Novo recuo, compassado, lento, remirando-o, para apanhar de um lance, numa vista de conjunto, a impressão exata, a síntese de todas aquelas linhas; e renovar a faina com uma pertinácia e uma tortura de artista incontentável. Novos retoques, mais delicados, mais cuidadosos, mais sérios: um tenuíssimo esbatido de sombra, um traço quase imperceptível na boca refogada, uma torção insignificante no pescoço engravatado de trapos...

E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensível, vai-se tornando em homem. Pelo menos a ilusão é empolgante...

Repentinamente o bronco estatuário tem um gesto mais comovedor que o parla! ansiosíssimo, de Miguel Ângelo; arranca o seu próprio sombreiro; atira-o à cabeça do Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra do seu próprio pai.

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafrenta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia, recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram.

Isto, porém, não lhe satisfaz. A imagem material da sua desdita não deve permanecer inútil num exíguo terreiro de barraca, afogada na espessura impenetrável, que furta o quadro de suas mágoas, perpetuamente anônimas, aos próprios olhos de Deus. O rio que lhe passa à porta é uma estrada para toda a terra. Que a terra toda contemple o seu infortúnio, o seu exaspero cruciante, a sua desvalia, o seu aniquilamento iníquo, exteriorizados, golpeantemente e propalados por um estranho e mudo pregoeiro...

Embaixo, adrede construída desde a véspera, vê-se uma jangada de quatro paus boiantes, rijamente travejados. Aguarda o viajante

macabro. Condu-lo, prestes, para lá, arrastando-o em descida, pelo viés dos barrancos avergoados de enxurros.

A breve trecho a figura demoníaca apruma-se, espedada, à popa da embarcação ligeira.

Faz-lhe os últimos reparos: arranja-lhe ainda uma vez as vestes; arruma-lhe às costas um saco cheio de ciscalho e pedras; mete-lhe a cintura alguma inútil pistola enferrujada, sem fechos, ou um caxenrenguengue gasto; e fazendo-lhe curiosas recomendações, ou dando-lhe os mais singulares conselhos, impele, ao cabo, a jangada da fantástica para o fio da corrente.

•••

E Judas feito Ahsverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervém ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles, aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líquida, eriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespessam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, “de bubuia” sobre as grandes águas.

Não para mais. À medida que avança, o espantalho errante vai espalhando em roda a desolação e o terror; as aves retransidas de medo, acolhem-se, mudas, ao recesso das frondes; os pesados anfíbios mergulham, cautos, nas profunduras, espavoridos por aquela sombra que ao cair das tardes e ao subir das manhãs se desata estirando-se, lutuosamente, pela superfície do rio; os homens correm

às armas e numa fúria recortada de espantos, fazendo o “pelo-sinal” e aperrando os gatilhos, alvejam-no desapiedadamente.

Não defronta a mais pobre barraca sem receber uma descarga rolante e um apedrejamento.

As balas esfuziam-lhe em torno; varam-no; as águas, zimbradas pelas pedras, encrespam-se em círculos ondeantes; a jangada balança; e, acompanhando-lhe os movimentos, agitam-se-lhe os braços e ele parece agradecer em canhestras medidas as manifestações rancorosas em que tempesteiavam tiros, e gritos, sarcasmos pungentes e esconjuros e sobre tudo maldições que revivem, na palavra descansada dos matutos, este eco de um anátema vibrado há vinte séculos:

– Caminha, desgraçado!

Caminha. Não para. Afasta-se no volver das águas. Livra-se dos perseguidores. Desliza, em silêncio, por um “estirão” retilíneo e longo; contorneia a arqueadura suavíssima de uma praia deserta. De súbito, no vencer uma volta, outra habitação; mulheres e crianças, que ele surpreende à beira-rio, a subirem, desabaladamente, pela barranca acima, desandando em prantos e clamor. E logo depois, do alto, o espingardeamento, as pedradas, os convíncios, os remoques.

Dois ou três minutos de alaridos e tumulto, até que o judeu errante se forre ao alcance máximo da trajetória dos rifles, descendo...

E vai descendo, descendo... por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio; outros aleijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminutas entregues ao acaso das correntes, surgindo de todos os lados, vários no aspecto e nos gestos: ora muito rijos, amarrados aos postes que os sustentam, ora em desengonços, desequilibrando-se aos menores balanços, atrapalhadamente, como ébrios; ou fatídicos, braços alçados, ameaçadores, amaldiçoando; outros humildes,

acurvados num acabrunhamento profundo, e por vezes, mais deploráveis, os que se divisam à ponta de uma conta no extremo do mastro esguio e recurvo, a balouçarem, enforcados...

Passam todos aos pares, ou em filas, descendo, descendo vagorosamente...

Às vezes o rio alarga-se num imenso círculo; remansa-se; a sua corrente torce-se e vai em giros muito lentos perlongando as margens, traçando a espiral amplíssima de um redemoinho imperceptível e traiçoeiro. Os fantasmas vagabundos penetram nestes amplos recintos de águas mortas, rebalsadas; e estacam por momentos. Ajuntam-se. Rodeiam-se em lentas e silenciosas revistas. Misturam-se. Cruzam então pela primeira vez os olhares imóveis e falsos de seus olhos fingidos; e baralham-se-lhes numa agitação revolta os gestos paralisados e as estaturas rígidas. Há a ilusão de um estupendo tumulto sem ruídos e de um estranho conciliábulo, agitadoíssimo, travando-se em segredos, num abafamento de vozes inaudíveis.

Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagorosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo...

O Peru tem duas histórias fundamentalmente distintas. Uma, a do comum dos livros, teatral e ruidosa, reduz-se ao romance rocambolesco dos marechais instantâneos dos pronunciamentos. A outra é mais obscura e fecunda. Desdobra-se no deserto. É mais comovente; é mais grave; é mais ampla. Prolonga, noutros cenários, as tradições gloriosas das lutas da Independência; e veio até aos nossos dias tão impartível e sem hiatos, apesar de seus aspectos variáveis, que pode acapitular-se sob o título único, geralmente adotado pelos melhores publicistas daquela República: *El problema del Oriente*.

A designação é perfeita. Trata-se de assunto rigorosamente positivo a resolver.

Ao peruano não lho impuseram maciços argumentos de sociólogos ou a intuição feliz de um estadista, senão o próprio empuxo material do meio. Constrangida numa fita de terrenos adustos entre as cordilheiras e o mar, onde acampara durante três séculos iludida pelo fausto dos “conquistadores” e dos vice-reis, a nacionalidade, maior herdeira das virtudes e dos vícios por igual notáveis da Espanha cavalheiresca e decaída do século XVII, compreendeu afinal, pelo simples instinto da defesa, a necessidade imperiosa de abandonar a clausura isolante que a sequestrava de todo o resto da Terra.

¹⁵ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1907.

E começou a transmontar os Andes...

Fora longo recontar a sua hégira para o levante, nas investidas sucessivas por cinco penosíssimas estradas desesperadoramente retorcidas no boleado das serras, empinando-se em ladeiras altas de milhares de metros, e unindo os portos do litoral entre Mollendo e Paita às paragens apetecidas da *montaña* na extrema orla amazônica expandida do pongo de Manseriche às urmanas acachoadas do Urubamba.

Baste-nos notar que depois de transposta a última cordilheira do oriente e atingida a bacia do Ucayali, pôs-se de manifesto aos seus mais incuriosos pioneiros, a par da exuberância do vale maravilhoso capaz de regenerar-lhes a nacionalidade exausta, uma anomalia física oriunda dos relevos ortográficos ali predominantes: a melhor porção do país entre os que mais se afiguram ribeirinhos do Pacífico, tem como único e verdadeiro mar, capaz de consorciá-la pelo intercâmbio comercial à civilização longínqua, o Atlântico, que se lhe prende graças aos três longos sulcos desimpedidos do Purus, do Juruá e do Ucayali.

Nenhum milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem. A linha férrea de Oroya e as que se lhe emparelham nas ousadias do traçado – tornejando escarpas a pique, enfiando em túneis afogados nas nuvens, e correndo em viadutos alcançados nos abismos – não criarão sistemas de comunicações mais práticas e seguras.

As suas condições técnicas excepcionais, industrialmente desastrosas, tornam-nas para sempre impróprias a transportarem, sem fretes excessivos, os produtos do Oriente, ainda quando a abertura do Canal de Panamá dispense, mais tarde, a longa travessia contorneante do Cabo Horn.

Assim, a saída para o Atlântico, pelo Amazonas e seus tributários de sudoeste, se tornou a primeira solução claríssima do problema. E nas paragens novas, erigidas administrativamente no

atual departamento de Lotero, começou para logo um intensivo trabalho de domínio, que persiste, crescente, em nossos dias.

Abriram-se caminhos demandando a opulenta zona fluvial; planejaram-se, a despeito de sucessivos malogros, colônias militares e agrícolas; reatou-se, na revivescência das missões apostólicas, a tradição admirável dos jesuítas de Maynas; engenhou-se uma vasta regulamentação de terras; construiu-se o porto de Iquitos, e, para aviventar-se o povoamento, aboliram-se todos os impostos, agindo o homem aforradamente na terra feracíssima. Ao mesmo tempo as expedições geográficas, iniciadas em 1834 por P. Beltran e W. Smith, em que tanto se ilustraram depois F. de Castelnau, Faustino Maldonado, A. Raimondi, John Tucker e hoje G. Stiglich, rumaram a todos os quadrantes, ininterruptas e pertinazes, na tarefa complexa que era uma espécie de levantamento expedito de uma nova pátria.

Aos caudilhos irrequietos contrapuseram-se os exploradores tranquilos. No litoral revolto pelas sedições e guerrilhas sistematizava-se a incapacidade crônica dos governos revolucionários, e, derrancados os melhores estímulos da recente campanha pela liberdade, os bravos salteadores do poder desmandavam-se num militarismo pernicioso que ali, como em toda parte, era a fraqueza irritável da nação enferma. Nos desertos floridos da *montaña* – ao arrepio ou à feição dos rios ignorados, remoinhando nos gritos estonteantes muyunas, canoas despedidas, de frecha, nas correntadas céleres dos pongos, ou embatendo nas travancas abruptas das cachoeiras – os geógrafos, os prefeitos e os missionários demarcavam novos cenários à pátria regenerada e, apurando em tirocínio de perigos os mais nobres atributos da sua raça, reconstruíam o caráter nacional que se abatera, e davam àqueles rumos, secamente definidos por traçados geométricos, um prolongamento inesperado na história.

Porque o problema do Oriente, afinal, incluía nas suas numerosas incógnitas os destinos do Peru inteiro.¹⁶

Reconheciam-no os próprios caudilhos esmaniados. Não raro no estavonado e vacilante de seus atos, entre dois fuzilamentos ou entre dois combates, acertavam de considerar por momentos as paragens insistentemente aneladas, e muitos deles, de golpe, transfiguravam-se patenteando lúcidos descortinos de estadistas.

A este propósito poderiam citar-se numerosos casos delatadores da política bifronte, do mesmo passo reconstituente e demolidora, que com o rigorismo de um decalque retrata na ordem moral do Peru o contraste físico entre o Ocidente obscurecido, onde as energias se quebrantam malignadas pela histeria emocional epidêmica dos pronunciamentos – e o Levante resplandecente, onde alvorecem as esperanças renascidas.

• • •

Aponte-se um exemplo.

Em 1841 a República estava a pique das maiores catástrofes. Imperava D. Agustín Gamarra. Aquele zambo cesariano refletia nos atos tumultuários os desequilíbrios de seu temperamento instável, de mestiço, ferrotado dos temores e das impaciências de um prestígio improvisado, à ventura, nos sobressaltos das guerrilhas.

O seu governo – governo de quem inaugurou no Peru o regime das deposições apeando o virtuoso La Mar – foi naturalmente agitadíssimo. O restaurador imposto pelas armas dos chilenos, de Bulnes, sobre os destroços da efêmera confederação peru-boliviana, assediado pelas ambições contrariadas, pelas exigências dos condutícios incontentáveis e pelas ameaças dos conspiradores recidivos, tonteava na vertigem daquela eminência, onde

¹⁶ *Es evidente que, em el fondo de este asunto hay una necesidad imperiosa de la república... los destinos del Perú no pueden ser cumplidos sin el dominio de esa zona* (DR. Y. CAPELO, *histórica de la via central*, 1898). (Nota de Euclides da Cunha.)

chegara desprendendo-se da parceria dos cholos e pisoando todos os melindres aristocráticos da terra que sobre todas herdara a sobranceria tradicional da Espanha. Nas conjunturas prementes dependeu-lhe, por vezes, a fortuna, até do gesto de uma mulher – a sua própria esposa, amazona gentilmente heroica, que não raro travando de uma espada e precipitando-se, à espora feita, a cavalo, pelo campo das manobras ou no mais aceso dos combates, ia eletrizar com a presença encantadora os coronéis embevecidos e os regimentos vacilantes...

Assim não se poderiam exigir à vida em tanta maneira perturbada e romântica daquele presidente, ponderosas medidas administrativas. Acompanhamo-la apenas com o interesse artístico de quem segue a urdidura de imaginosa novela sulcada de episódios alarmantes, ou dramáticos, até desfechar no sacrifício, inútil e glorioso, do protagonista, sucumbindo sob uma carga furiosa dos lanceiros bolivianos nas esplanadas de Viacho...

Mas no volver de uma das páginas salteia-nos esta surpresa:

El ciudadano Agustín Gamarra – Gran mariscal restaurador del Perú, benemérito a la pátria en grado heroico y eminente, etc.

Considerando que para promover la navegación por vapor en el río de Amazonas y sus afluentes es necesario proporcionar facilidades y ventajas que indemnicen a los empresarios...

Decreta: 1º Se concede al ciudadano brasileiro D. Antonio Marcelino Pereira Ribeiro el privilegio exclusivo de navegar por buques de vapor en el río Amazonas, en la parte que corresponde al Perú y todos sus afluentes.

...3º Los buques de vapor llevarán el pabellón brasileiro...

Dada en la casa de Gobierno de Lima a 6 de Julho de 1841.¹⁷

17 *El Peruano*, tomo VIII, nº 9. (Nota de Euclides da Cunha.)

Este decreto, extratado nos trechos principais, inculca ao mesmo tempo o caudilho, no recacho presuntuoso que lhe emprestam aqueles adjetivos e substantivos constrangidos a escoltarem-lhe o nome, e o governante, que primeiro traçou aos seus patrícios a marcha regeneradora para o Oriente. Mas não o reproduzimos apenas para realce dos aspectos contrariantes da história peruana; senão também para destacar aquela figura de brasileiro, que seria inexpressiva se não constituísse o primeiro termo de uma série de compatriotas obscuros, errados dos nossos fastos e elegendo-se por atos memoráveis entre os melhores servidores da nação vizinha.

De fato, à medida que se rastreia a marcha peruana para o levante, exposta em todos os seus pormenores, miudeada em regulamentos, em decretos, em circulares e em ofícios – porque é a suprema preocupação política, militar e administrativa do Peru – observa-se nas referências obrigatórias e incisivas ao elemento brasileiro, o intercurso de uma outra avançada obscura, mas vigorosa, e contrapondo-se-lhe numa expansão tão enérgica, para o ocidente, que com os seus efeitos a despontarem de longe em longe, precisamente nos períodos mais decisivos da primeira, se restauraria todo um capítulo da nossa história, que se perdeu ou se fracionou despercebido à visão embotada dos cronistas, para ressurgir agora, esparso em fragmentos surpreendentes, nas entrelinhas da história de outro povo.

É o que demonstram outros casos, entre nós inéditos. Apontemo-los de relance.

•••

No período abrangido pelos governos do austero Marechal Castilla, as explorações prosseguiram. Castelnau desceu das cabeceiras do Urubamba às ribas do Amazonas; Maldonado imortalizou-se descobrindo, numa excursão temerária, à nova estrada para o Atlântico ajustada ao sulco desmedido do Madre-de-Dios;

e Raimondi desvendou os tesouros da Mesopotâmia de 16.000 léguas quadradas de terras exuberantes, interferidas pelos cursos do Huallaga e do Ucayali. Por fim Montferrir calculou, rigorosamente, as riquezas da Canaã vastíssima: 50.000.000 de hectares, valendo o mínimo de meio bilhão de pesos.

A aritmética tornava-se quase lírica nesta dilatação de números maravilhosos.

As medidas governamentais do grande marechal tiveram para logo o alento dos mais enérgicos estímulos patrióticos, a par do anseio da fortuna dos mais desassombrados aventureiros.

Os peruanos, iludidos durante largo tempo no litoral estéril, viam pela primeira vez o Novo Mundo. E a conquista da terra, numa de suas fases mais agudas, desenrolou-se em toda a plenitude.

Então, contravindo a tantas esperanças sob o amparo das mais lúcidas resoluções governativas – leis, regulamentos e decretos enfeixando-se num volumoso compêndio de administração fecunda e militante – principiou uma fase desalentadora de brilhantes tentativas abortícias.

As colônias planeadas, e para logo erigidas, espelhavam por algum tempo naqueles rincões solitários a fantasmagoria de um progresso artificial; e extinguíam-se prestes. Já em 1854 o governador de Loreto, pueblo obscuro cujo nome irradia hoje abrangendo aqueles lugares, ao informar do estado de duas colonizações sucessivas que ali se estabeleceram, centralizadas em Caballo-Cocha, próximas à fronteira do Brasil, indicava-as completamente extintas. E idênticos malogros generalizavam-se por toda a banda.

Eram naturais. As vagas humanas nas paragens virgens não se aquietam de súbito. Caracteriza-as nos primeiros estádios a instabilidade inevitável imposta pela própria força viva adquirida no movimento da marcha. Precedendo ao equilíbrio das culturas, surge a pesquisa dos frutos ou das riquezas imediatas, como a

permitir aos recém-vindos, na vida errante das colheitas, dos garimpos, dos pastoreios, ou das caçadas, um reconhecimento imprescindível do seu novo habitat, antes da escolha de uma situação de descanso.

É a eterna função social do nomadismo, que mesmo no Peru já se manifestara na azáfama devastadora dos cascarileros, desvendando as paragens ignotas que vão dos cerros de Carabaya às vertentes mais afastadas do Beni.

Este incentivo, porém, ali, estava extinto.

Por aquele tempo, um tenaz explorador, Marckam, comissionado pelo governo inglês, andava nas regiões da quina calisaya; e conseguira transplantar tão prontamente para as Índias aquele elemento da fortuna peruana que, já em 1862, mais de quatro milhões de árvores, em Darjeenling, com a produção extraordinária de 370 toneladas de quinino, iniciavam uma concorrência triunfante no primeiro assalto. Deste modo, as paragens tão ansiosamente apetecidas mostravam-se, ante os novos povoadores, desnudas desses recursos que em toda a parte se figuram adrede predispostos a que não se desenfluam as esperanças sempre exageradas dos que emigram.

Não lhes bastariam, certo, as bombonajes para os chapéus de palha oriundos da indústria graciosa das mulheres de Moyobamba, ou os cascalhos auríferos das vertentes do Pastaza guardadas pelos huambizas ferocíssimos.

Assim, todos os atos, e magníficos decretos, e lúcidos regulamentos, e generosas concessões de terras, do último governo de Castilla, desfechariam nos mais lastimáveis insucessos se, precisamente na derradeira quadra da presidência, e no mesmo ano (1862) em que a cultura indiana da quina arrebatava daqueles desertos o seu maior atrativo – um anônimo, um outro imortal humílimo evadido da nossa história, não aparecesse, eclipsando de golpe os mais imponentes lances administrativos e oferecendo

aos peruanos o reagente enérgico que os alentaria até aos nossos dias na rota da Amazônia.

Um brasileiro descobriu o caucho; ou, pelo menos, instituiu ali a indústria extrativa correspondente.

No reconstruir esse trecho da nossa história, que versado mais tarde por um historiador merecerá o título de Expansão brasileira na Amazônia, não vamos desacompanhados.

Diz-nos um narrador sincero:¹⁸

Antes do ano de 1862, não tinha ainda sido explorada a incalculável riqueza da goma elástica... Depois da entrada de alguns brasileiros para o território do departamento, principalmente do laborioso José Joaquim Ribeiro, começou este rico produto a figurar no catálogo dos que o departamento exporta para o Brasil. A primeira quantidade exportada foi de 2.088 quilogramas, produto dos ensaios daquele brasileiro que muito teria contribuído para o desenvolvimento dessa indústria, se ao iniciá-la não encontrasse contrariedades nascidas do cupidismo de alguns agentes subalternos que contra ele exerceram todos os ardis...

Não comentemos o desquerer das autoridades peruanas. Era antigo. Desde 1811 o reportado D. Manuel Ijurra denunciava

los Brazileros mas próximos al Perú que tienen la bárbara costumbre de armar expediciones militares con objeto de hacer correrías sobre los indios Maynas, atropelando muchas veces las autoridades...

18 J. Wilkens de Matos, *Dicionário topográfico de Departamento de Loreto*. Pará, 1874, p. 30 e 31. (Nota de Euclides da Cunha.)

ou apresentava-os como

*absolutos monopolizadores del comercio de importación ó exportación.*¹⁹

Cinco anos depois, em ofício alarmante, o subprefeito de Maynas solicitava providências urgentíssimas

al intuito de que los Brazileros moradores de Caballo-Cocha, salgan fuera de esta província, se buenamente no quieren, por la fuerza;

e pintava-os laivando-os dos mais denegridos estigmas. Por fim o Governo-Geral das Missões (1849) determinou se exigissem passaportes de todos os brasileiros que lá entrassem, gaguejando num castelhano emperrado esta razão curiosíssima:

*que no se experimentaba provecho alguno en estos negociantes del Brazil; ni menos hay bayonetas con que poder conterlos; hacen lo que quieren metiéndose por los rios, extraiendo zarza, manteca, salado e otras especies...*²⁰

Não prossigamos.

Adivinha-se nestas linhas, que poderiam ser prolongadas, a invasão formidável que se alastrava avassaladora para o ocidente, desafiando os ódios do estrangeiro; espraiando-se pelo vale do grande rio, por Loreto, Caballo-Cocha, Moremote, Perenate, Iquitos, até Nauta, na embocadura do Ucayali; subindo pelo

19 M. Ijurra. *Resumen de los viajes a las montañas de Maynas, 1811-1815*. (Nota de Euclides da Cunha.)

20 *Colección de leyes, decretos, etc., referentes al Departamento de Loreto*, tomos V (p. 198) e VII (p. 5). (Nota de Euclides da Cunha.)

Ucayali em fora até além do Pachitea; e deixando nos mais vários pontos, nos sítios numerosos, nas trilhas coleantes do deserto, e até nos costumes ainda persistentes, os traços indeléveis da passagem.

Se a historiássemos, contraporíamos às verrinas oficiais dos subprefeitos apavorados, cujos dizeres se pejavam à medida que progredia aquela surda conquista do solo, os próprios conceitos de Antônio Raimondi. Mas aquele belo tipo de Joaquim Ribeiro, que em 1868 o maior naturalista peruano foi encontrar nas margens do Itaya possuindo as melhores fazendas do departamento, concretiza uma réplica irrefragável. Não o pearam tão pequeninos empeços. Criada a indústria extrativa, a exportação da borracha a partir de 1871 erigiu-se preeminente entre as dos demais produtos de Loreto. E as turmas dos extratores, sem nenhuns amparos oficiais, rompendo espontâneas de toda a parte e arremetentes com as mais desfrequentadas espessuras, ultimaram em pouco tempo a empresa quase secular tantas vezes cindida de reveses.

Desvendou-se todo o Oriente.

Mas há um reverso no quadro.

A exploração do caucho como a praticam os peruanos, derribando as árvores, e passando sempre à cata de novas “manchas” de castilloas ainda não conhecidas, em nomadismo profissional interminável, que os leva à prática de todos os atentados nos recontros inevitáveis com os aborígenes – acarreta a desorganização sistemática da sociedade. O caucheiro, eterno caçador de territórios, não tem pega sobre a terra. Nessa atividade primitiva apuram-se-lhe, exclusivos, os atributos da astúcia, da agilidade e da força. Por fim, um bárbaro individualismo. Há uma involução lastimável no homem perpetuamente arredio dos povoados, errante de rio em rio, de espessura em espessura, sempre em busca de uma mata virgem onde se oculte ou se homizie com um foragido da civilização.

A sua passagem foi nefasta. Ao cabo de 30 anos de povoamento; as margens do Ucayali tão nobilitadas outrora pela abnegação dos missionários de Sarayaco, patenteiam, hoje, nos seus vilarejos diminutos, uma decadência moral indescritível.

O Coronel Pedro Portillo, atual prefeito de Loreto, que as visitou em 1899, denunciou-a, indignado: “*Allí no hay ley... El más fuente, que tiene más rifles, es el dueño de la justicia.*” Verberou depois o tráfico escandaloso de escravos...²¹ E, afinados pelo mesmo tom, um sem-número de outros excursionistas, que fora longo citar, delatam, em narrativas expressivas, o regime de tropelias que se normalizou naquelas terras – e se amplia seguindo os rastros do homem que passa pelo deserto com o só efeito de barbarizar a própria barbaria.

•••

Ora, na presciência dos inconvenientes desta exploração, que, entretanto, determinou o pleno desdobramento de seu domínio no Oriente, o governo peruano nunca renunciou ao seu primitivo propósito de uma colonização intensiva. E para ao mesmo tempo garantir o tráfego do melhor caminho para o Amazonas, pelo Ucayali, que vai da estação terminus de Oroya aos tributários principais do Pachitea, estabeleceu em 1857, à margem de um deles, o Rio Pozuzo, a colônia alemã, que sobre todas lhe monopolizou os cuidados e uma solicitude nunca interrompida.

Realmente, a situação era admirável. À média distância de Iquitos, próxima aos afluentes navegáveis do Ucayali e num solo exuberante, o núcleo estabelecido era, militar e administrativa-mente, o mais firme ponto estratégico daquele combate com o deserto, justificando-se os esforços e extraordinárias despesas que se fizeram para um rápido desenvolvimento, que as melhores condições naturais favoreciam.

21 *Colección de leyes*, tomo III, p. 506. (Nota de Euclides da Cunha.)

Mas não lhe vingou o plano. A exemplo do que acontecera em Loreto, os novos povoadores, embora mais persistentes, anulavam-se, estéreis. A colônia paralisara-se, tolhiça, entre os esplendores da floresta. Reduziu-se a culturas rudimentares que mal lhe satisfaziam o consumo. E o progresso demográfico, quase insensível, retratava-se numa prole linfática, em que o rijo arcabouço prussiano se engelhava na envergadura esmirrada do quíchua. Ao visitá-la, em 1870, o prefeito de Huánuco, Coronel Vizcarra, ficou atônito e comovido: os colonos apresentaram-se-lhe andrajosos e famintos, pedindo-lhe pão e vestes para velarem a nudez. O romântico D. Manuel Pinzás, que descreveu a viagem, pinta-nos em longos períodos soluçantes os lances daquele *cuadro desganador!*, suspendendo-o em dois rijos pontos de admiração.²²

Viu-o ainda, passado um lustre, com as mesmas cores sombrias, o Dr. Santiago Tavera, ao descrever a primeira viagem do almirante Tucker.

Por fim, transcorridos trinta anos, o Coronel P. Portillo na sua rota do Ucayalli teve notícias certas do núcleo povoador: era uma Tebaida aterradora. Lá dentro os primitivos colonos e os seus rebentos degenerados, agitavam-se vítimas de um fanatismo irremediável, na mandria dolorosa das penitências, a rezarem, a desfiarem rosários e a entoarem umas ladainhas intermináveis numa concorrência escandalosa com os guaribas da floresta.²³

Ora, o excursionista, que é hoje um dos mais lúcidos políticos peruanos, para agravar-se-lhe o desapontamento ante este malogro completo da colônia predileta da sua terra, tivera dias antes, ao passar em Puerto Victoria, na confluência do Pichis e do Palcazu, formadores do Pachitea, um espetáculo completamente diverso.

22 D. Manuel J. Pinzás. *Diario de la exploración de los ríos Palcazu, Mano y Pachiteá*. Huanaco, 1870. (Nota de Euclides da Cunha.)

23 *Colección de leyes*, tomo III, p. 531. (Nota de Euclides da Cunha.)

De fato, Puerto Victoria surgira e desenvolvera-se, tornando-se a estância mais animada e opulenta daquela redondeza, sem que o governo peruano soubesse ao menos do seu aparecimento.

Jamais cogitara em povoar aquele trecho.

A paragem era malsinada. Rodeavam-na os mais bravios entre os selvagens sul-americanos: os campos do Pajonal, ao sul, e ao norte os cashibos indomáveis, que em 1866 haviam trucidado em Chonta-Isla, que lhe demora a jusante, os oficiais de marinha Tavera e West. O Prefeito Benito Araña, que ali andara naquele mesmo ano, fora, em som de guerra, com dois vapores e uma lancha artilhada, em revide àquela afronta sanguinolenta. Saltou em terra; meteu-se pela mata; travou pequeninos recontros em formidáveis tiroteios;olveu num triunfo singularíssimo, encaçado de perto pelos selvagens, que o frechavam; embarcou no tumulto da sua gente vitoriosa, e fugindo; canhoneou furiosamente as barrancas;olveu, precipite, águas a baixo, deixando na Playa del Castigo um traço romanesco da sua empresa tormentosa.

E durante três decênios a região sinistra permaneceu no isolamento que lhe criavam as gentes apavoradas...

Até que, provindos do ocidente e vencendo à voga arrancada nas ubás esguias as correntezas fortes do Pachitea, atravessaram-na de extremo a extremo e foram abordar na confluência do Pichis alguns aventureiros destemerosos.

Eram uns caboclos entroncados, de tez morena e baça, e musculatura seca e poderosa. Não eram caucheiros. A palavra remorada não lhes vibrava na fanfarrice ruidosa. Ao invés de um tambo, improvisaram um tejupar mal-arranjado. Não se armaram do cuchillo, misto de punhal e de navalha. Pendiam-lhes à cintura as facas de arrasto, longas como as espadas.

Aperceberam-se sem ruídos para a empresa e penetraram, va-garosamente, na floresta...

Não se conhecem as peripécias da entrada temerária, que foram sem dúvida excepcionalmente dramáticas. Os cashibos têm no próprio nome a legenda da sua ferocidade. Cashi, morcego; bo, semelhante. Figuradamente: sugadores de sangue. Ainda nos seus raros momentos de jovialidade aqueles bárbaros assustam, quando o riso lhes descobre os dentes retintos do sumo negro da palmeira chonta; ou estiram-se de bruços, acaroados com o chão, as bocas junto à terra, ululando longamente as notas demoradas de uma melopeia selvagem.

Atravessaram, indenes na bruteza, trezentos anos de catequese; e são ainda a tribo mais bravia do vale do Ucayali.

Mas ao que se figura não pulsearam com vantagem o vigor nos novos pioneiros.

É que o bárbaro sanguinário tinha pela frente, enterreirando-o, um adversário mais temeroso, o jagunço.

Os recém-vindos eram brasileiros do Norte; e o seu patrão, Pedro C. de Oliveira, mais um modelo de lidador obscuro aparecendo em lances de fecundas iniciativas entre os acontecimentos de uma história estranha. Para aquilatar-se-lhe a valia, observemos de relance que em janeiro de 1900 foi nomeado, apesar da sua nacionalidade, governador de toda a zona que o seu barracão centralizava.²⁴

O Coronel Portillo, que ali deparou agasalhado sincero sem o pregão de rasgados oferecimentos, tão característico da nossa gens obscura, trai em todos os conceitos que emitiu no seu relatório – desde o primeiro dia até despedir-se da *muy estimable familia del señor Oliveira*, o encanto que lhe causou a estância animadíssima no centro de suas culturas fartas, e inteligentemente brada com as numerosas vivendas circulantes no alto da barranca, a prumo

24 *Registro oficial del Departamento de Loreto*. Ano 1900, p. 10. (Nota de Euclides da Cunha.)

sobre a margem esquerda do rio, que se alcançava subindo uma longa escadaria resistente e tosca. Cativaram-no, sobretudo, os valentes tranquilos que se lhe mostraram modestíssimos em pleno triunfo sobre a barbaria e a terra. Por fim, à sua visão esclarecida não escapou que aquele forasteiro, sem um decreto e sem uma subvenção, resolvera o problema colimado pelo governo de seu país, fundando no lugar mais conveniente a estação garantidora da “Via central” demandando a Amazônia. Disse-o nuamente: Porto Victoria era o lugar mais apropriado para a guarnição militar e alfândega que protegessem a importação e exportação da colônia de Chanchamayo, norte de Pajonal, Tarma e *montañas* do Palcazu, Matro e Pozuzo.

Concluiu:

La casa de Oliveira debe ser tomada por el Supremo Gobierno como la más aparente para las oficinas de la capitania, aduana e comandancia militar.

Foi aceito o alvitre. Um decreto do Presidente Pierola ordenou a demarcação de “Puerto Victoria” para estabelecer-se a *comisaría* destinada a proteger colonizadores daquelas terras; e num grande ciúme da situação vantajosa adquirida revelou o intento de uma posse exclusiva no consintiendo, ali en el radio de un quilómetro, poblador alguno.²⁵

O Peru conseguira realmente uma estação fluvial admirável. E os brasileiros retiraram-se.

Passaram cinco anos.

Em 1905 um touriste parisiense, J. Delebecque, desceu o Pachitea, em viagem para o Amazonas, e não notaria a estância

25 *La Montaña*, 1889, p. 26. (Nota de Euclides da Cunha.)

outrora florescente se não o acompanhassem alguns índios mansos conhecedores dos lugares.²⁶

No alto da barranca, que os enxurros solapavam, viam-se apenas alguns tetos abatidos e restos de culturas afogadas num carrascal bravo.

O porto era uma ruína.

O viajante ali permaneceu por algumas horas, a fim de secar as suas roupas encharcadas ao calor de uma fogueira feita com as portas desquiciadas e ombreiras vacilantes das vivendas, consoante praticam todos os que por ali passam na travessia de Iquitos; e considerou, melancolicamente, que daquele jeito “Puerto Victoria” seria em breve apenas uma recordação.

Depois abalou rio abaixo, a toda a voga, fugindo da paragem que se ermara no mais completo abandono...

26 *A travers l'Amérique du Sud*, 1907. (Nota de Euclides da Cunha.)

A carta da Amazônia, no trato que demora ao ocidente do Madeira, é o diagrama de seu povoamento inicial. A história da paragem nova, antes de escrever-se, desenha-se. Não se lê, vê-se. Resume-se nos longos e tortuosos riscos do Purus, do Juruá e do Javari.

São linhas naturais de comunicação a que nenhuma se emparelham no favorecer um dilatado domínio. Geometricamente, os seus *thalwegs*, rumados no sentido geral de SO para NE, num quase paralelismo, oblíquos aos meridianos, facultam avançamentos simultâneos em latitude e em longitude; sob o aspecto físico, à parte os entraves artificiais oriundos do abandono em que jazem, estiram-se de todo desimpedidos. Travam-se-lhes os mais privilegiados requisitos. Na grande maioria dos rios amazônicos e sobretudo no vale do Ucayali, os empeços naturais acumulam-se ao ponto de originarem estranhos termos geográficos. Neles não há citar-se um só. Nem pongos vertiginosos, nem despenhadas hurmanas, nem muiúnas remoinhantes ou *vueltas del diablo* desesperadores...

Daí esta expressiva consequência histórica: enquanto no Tocantins, no Tapajós, no Madeira e no Rio Negro, o povoamento, iniciado desde os tempos coloniais, se entorpeceu ou retrogradou,

27 *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 07 maio 1907.

retratando-se na ruínia dos vilarejos a caírem com as barrancas solapadas; ali, ajustando-se às margens, progrediu tão de improviso que determinou, em menos de cinquenta anos, uma dilatação de fronteiras.

Era inevitável. O forasteiro, ao penetrar o Purus ou o Juruá, não carecia de excepcionais recursos à empresa. Uma canoa maneira e um varejão, ou um remo, aparelhavam-no às mais espantosas viagens. O rio carregava-o; guiava-o; alimentando-o; protegendo-o. Restava-lhe o só esforço de colher à ourela das matas marginais as especiarias valiosas; atestar com elas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo – dormindo em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra farta, mercê duma armazenagem milenária de riqueza, excluía a cultura. Abria-se-lhe em avenidas fluviais maravilhosas. Impôs-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lógico o nomadismo.

O nome de “montaria”, da sua ubá aligeirada é extremamente expressivo. Ela o ajustou àquelas solidões de nível, como o cavalo adaptou o tártaro às estepes. Esta diferença apenas: ao passo que o calmuco tem nos infinitos pontos do horizonte infinitos rumos atraindo-o ao nomadismo irradiante à roda da sua iurta, que ao mudar-se se afigura imóvel no círculo indefinido das planuras – o jacumaúba amazonense, subordinado a roteiros lineares, adscrito a direções imutáveis, ficou largo tempo constrangido entre as barrancas dos rios. Mal poderia libertar-se em desvios de poucas léguas pelos sulcos laterais dos tributários. Ao invés do que se acredita, aquelas redes hidrográficas, entretecidas de malhas tão contínuas, não misturam as águas das caudais diversas em largas anastomoses, insinuando-se pelas imperceptíveis linhas de vertentes abatidas nas planícies encharcadas. O Paraná-Mirim volve sempre ao leito principal de onde se esgalhou; e o igarapé acaba no lago que ele alimentou nas cheias para que o alimento nas vazantes, correndo em sentidos opostos consoante as estações; ou

extingue-se, ampliando-se nos plainos empantanados escondidos pela flórula anfíbia dos igapós inextricáveis de lianas. Entre um curso d'água e outro, a faixa da floresta substitui a montanha que não existe. É um isolador. Separa. E subdividiu, de fato, em longos caminhos isolados, a massas povoadoras que demandavam aquela zona.

Viu-se então, de par com primitivas condições tão favoráveis, este reverso: o homem, em vez de senhorear a terra, escravizava-se ao rio. O povoamento não se expandia: estirava-se. Progredia em longas filas, ou volvia sobre si mesmo sem deixar os sulcos em que se encaixa – tendendo a imobilizar-se na aparência de um progresso ilusório, de recuos e avançadas, do aventureiro que parte, penetra fundo a terra, explora-a e volta pelas mesmas trilhas – ou renova, monotonamente, os mesmos itinerários da sua inambulação invariável. Ao cabo, a breve, mas agitada história das paragens novas, à parte ligeiras variantes, ia imprimindo-se toda, secamente, naquelas extensas linhas desatadas para SO: três ou quatro riscos, três ou quatro desenhos de rios, coleando, indefinidos, num deserto...

•••

Ora, este aspecto social desalentador, criado sobretudo pelas condições, em começo tão favoráveis, dos rios, corrige-se pela ligação transversa de seus grandes vales.

A ideia não é original, nem nova. Há muito tempo, com intuição admirável, os rudes povoadores daqueles longínquos recantos realizaram-na com a abertura dos primeiros varadouros.

O varadouro – legado da atividade heroica dos paulistas compartilhado hoje pelo amazonense, pelo boliviano e pelo peruano – é a vereda atalhadora que vai por terra de uma vertente fluvial à outra.

A princípio tortuoso e breve, apagando-se no afogado da espessura, ele reflete a própria marcha indecisa da sociedade nascente

e titubeante, que abandonou o regaço dos rios para caminhar por si. E foi crescendo com ela. Hoje nas suas trilhas estreitíssimas, de um metro de largura, tiradas a facão, estirando-se por toda a parte, entretecendo-se em voltas inumeráveis, ou encruzilhadas, e ligando os afluentes esgalhados de todas as cabeceiras, do Acre para o Purus, deste para o Juruá e daí para o Ucayali, vai traçando-se a história contemporânea no novo território, de um modo de todo contraposto à primitiva submissão ao fatalismo imponente das grandes linhas naturais de comunicação.

Nos seus torcicolos, impostos pelas linhas mais altas das pequenas vertentes deprimidas, sente-se um estranho movimento irrequieto, de revolta. Trilhando-os o homem é, de fato, um insubmisso. Insurge-se contra a natureza carinhosa e traiçoeira, que o enriquecia e matava. Repelem-lhe tanto os amparos antigos que realiza na maior das mesopotâmias a anomalia de navegar em seco; ou esta transfiguração: carrega de um rio para o outro o barco que o carregava outrora. Por fim, numa afirmativa crescente da vontade, vai estirando de rio em rio, retramada com os infinitos fios dos igarapés, a rede aprisionadora, de malhas cada vez menores e mais numerosas, que lhe entregará em breve a terra dominada.

E do Acre para o Iaco, para o Tauamano e para o Orton; do Purus para o Madre-de-Dios, para o Ucayali, para o Javari, trilhando aforradamente o território em todos os quadrantes, os acrianos, despeados do antigo traço de união do Amazonas longínquo, que os submetia, dispersos, ao litoral afastado, vão em cada uma daquelas veredas atrevidas, firmando um símbolo tangível de independência e de posse.

Tomemos um exemplo de testemunho estrangeiro.

Em 1904 o oficial da marinha peruana, Germano Stiglich, encontrou no Javari vários brasileiros, que o surpreenderam com a simples narrativa de uma travessia costumeira, ante a qual se

apequenavam as suas mais estiradas rotas de explorador notável. Registrou-a em um de seus relatórios: os sertanistas entram pelo Javari, subindo o Itacoá até às cabeceiras; varam dali, por terra, a buscarem as vertentes do Ipixuna; alcançam-nas; transmontam-nas; descem o pequeno tributário; chegam ao Juruá; navegam até São Felipe, onde infletem, penetrando o Tarauacá, o Envira e o Jurupari até onde subam as suas canoas ligeiras; deixam-nas; rompem outra vez por terra a encontrarem o Purus nas cercanias de Sobral; descem, embarcados, 760km do grande rio até a foz do Ituxi; e, enveredando por este último, vão, depois de uma outra varação por terra, atingir o Abunã, que baixam, abordando, afinal, à margem esquerda do Madeira.

A derrota, com a percentagem de 20% sobre as retas da desmedida linha quebrada que a define, avalia-se em 3.000km ou o dobro da estrada tradicional, dos bandeirantes, entre São Paulo e Cuiabá. Os obscuros pioneiros prolongam a estes dias a tradição heroica das entradas, que constituem o único aspecto original da nossa história.

Aquele roteiro, entretanto, alonga-se contorcendo-se em voltas sobremaneira extensas. Abreviemo-lo, baseando-nos em alguns dados seguros.

Partindo de Remate dos Males, no Javari, nas cercanias de Tabatinga, o viajante, em qualquer estação, pode sulcar num dia o Itacoá até à confluência do Ituí, percorrendo 140km itinerários. Prossegue por terra em terreno firme, no rumo de SE pelo extenso varadouro de 190km que corta as cabeceiras do Jutai e termina em São Felipe, à margem do Juruá, empregando apenas cinco dias de marcha. Sobe o Tarauacá, embarcado, até à foz do Envira; e desta à do Jurupari, prosseguindo a buscar as suas mais altas vertentes, num percurso máximo de 350km que vencerá em pouco mais de uma semana. Rompe o breve varadouro que o leva ao Furo do Juruá, e atinge, descendo-o, ao fim de dois dias, o Purus. Daí à foz

do lago há 392km, que se correm em dois dias, de lancha, realizados os ligeiros reparos de que carece o rio. A sede da Prefeitura do Alto Purus, distante 24km, alcança-se em duas horas de navegação; e dali, pelo varadouro do Oriente, longo de 25 léguas, percorrido normalmente em cinco dias, chega-se ao seringal Bagé, à margem esquerda do Acre. Transpondo este rio e seguindo para leste a cortar os derradeiros tributários do Iquiri e os campos do Gavião, o caminhante vai ao Abunã, a jusante da embocadura do Tipamanu, e daí ao Beni, na confluência do Madeira, percorrendo cerca de 300km em oito dias, por terra.

Deste modo, em pouco mais de um mês de travessia, vencendo-se 907km águas e 660 por terra, pode-se vir de Tabatinga à Vila Bela, diagonalmente, de um a outro extremo da Amazônia, naquele itinerário de 250 léguas.

A estes números falta, sem dúvida, o rigorismo das quilômetros regulares, mas não variam talvez de um décimo sobre a realidade, à parte os dados demasiado falíveis relativos à navegação do Tarauacá e ao rumo por terra do Jurupari ao Purus.

Excluamo-los nesta variante: partindo do mesmo ponto à margem do Javari e sulcando o Itacoá até aos seus derradeiros formadores, o viajante encontra o antigo varadouro do Ipixuna que o conduz ao Juruá e a Cruzeiro do Sul, capital do departamento, em percurso pouco maior do que o anterior São Felipe.

Ora, de Cruzeiro do Sul às sedes dos departamentos do Purus e do Acre podem remover-se todos os inconvenientes daquela navegação precária, sujeita a fatigante roteiro.

De fato, o extenso segmento retilíneo, de 605km, da linha Cunha Gomes, é a própria linha de ensaio de um varadouro notável ligando as três sedes administrativas. Dando-se-lhe o desenvolvimento exagerado de 20% sobre a distância, terá a extensão de 726km; ou seja, exatamente, 110 léguas, que podem ser transportadas em grande parte, a cavalo, em menos de doze dias.

Observe-se, de passagem, que este projeto não se delineia nos riscos arbitrários a que se avezam os exploradores de mapas, ou consoante

o conhecido processo do czar Nicolau I riscando com a unha do polegar o traçado da estrada de Petersburgo a Moscou.

Esteia-se em reconhecimentos, certo despidos de azimutes, ou cotas esclarecedoras de aneroides, mas práticos e concludentes. O primeiro trecho, normal ao vale do Tarauacá, planeado pelo General Taumaturgo de Azevedo, já se acha em grande parte aberto por um seringueiro de Cocamera – e estende-se em terrenos tão afeiçoados à marcha que, depois de concluído o caminho, “ir-se-á do Juruá ao Tarauacá, a cavalo, em quatro dias”, conforme afirma o ex-prefeito em seu penúltimo relatório; ao passo que atualmente, para efetuar-se a mesma viagem, “em vapor, que faça poucas escalas e dobre a foz do Tarauacá, consomem-se 15 dias, no mínimo”.

O segmento intermédio, de Barcelona ou Novo Destino à confluência do Caeté, no Iaco, por sua vez estudado pela Prefeitura do Alto Purus, é de execução facílissima, todo desatado sobre breve altiplano livre das inundações. E o último, do Iaco ao Acre, tem há muito tempo um tráfego permanente.

Deste modo a grande estrada de 726km, unindo os três departamentos, e capaz de prolongar-se de um lado até ao Amazonas, pelo Javari, e de outro até ao Madeira, pelo Abunã, está de todo reconhecida, e na maior parte trilhada.

A intervenção urgentíssima do Governo Federal impõe-se como dever elementaríssimo de aviventar e reunir tantos esforços parcelados.

Deve consistir porém no estabelecimento de uma via férrea – a única estrada de ferro urgente e indispensável no território do Acre.

Atalhemos uma objeção inicial.

A fisiografia amazônica figura-se sempre obstáculo indispensável a tais empresas. Mas os que a agitam, em argumentos que temos por escusado reproduzir, não podem, certo, compreender as linhas férreas da Índia. De fato, no Indostão propriamente dito, o nivelamento superficial, o solo aluviano de areias e argilas acumuladas em espessuras indefinidas, e as características climáticas, patenteiam-se em condições idênticas. Ali, como na Amazônia, os rios destacam-se pela grandeza, volumes excessivos nas cheias, amplitudes das inundações, e volubilidade dos canais nos leitos divagantes. Os *nullah* incontáveis, serpeantes por toda a banda, desenham-se na hidrografia caótica dos igarapés; e o Purus, o Juruá, o Acre e seus tributários, não variam tanto de curso e de regime quanto o Ganges e os rios de Punjab, cujas pontes foram o maior problema que resolveu a engenharia inglesa.

Na Índia, como entre nós, não faltaram profissionais apavorados ante as dificuldades naturais – esquecidos de que a engenharia existe precisamente para vencê-las. Ao discutir-se o *memorandum* Kennedy, onde germinou a viação hindu, o Coronel Grant, do corpo de engenheiros de Bombaim, pilheriou sisudamente, propondo com a maior seriedade que os trilhos se suspendessem em todo o correr das linhas por meio de séries regulares de cadeias, em rijos postes frontantes, a oito pés acima do solo... E desafiou o *humour* magnífico de seus fleumáticos colegas. Os rígidos *railroadmen* replicaram-lhe tempos depois, esmagadoramente, com a *West Indian Peninsular*, e nobilitaram toda a engenharia de estradas de ferro obedecendo a uma de suas fórmulas mais civilizadas, enunciada por Mac-George:

In every country it is necessary that railway should be laid out with references to the distribution of population and to the necessities of people, rather than to the mere physical characteristics of its geography...

Ora, no caso atual, ainda esses caracteres físicos e geográficos evidenciam-se favoráveis.

A estrada de Cruzeiro do Sul ao Acre não irá como as do Sul do nosso país, justapondo-se à diretriz dos grandes vales, porque tem um destino diverso. Estas últimas, sobretudo em São Paulo, são tipos clássicos de linhas de penetração: levam o povoamento ao âmago da terra. Naquele recanto amazônico esta função, como o vimos, é desempenhada pelos cursos de água. A linha planeada resta o destino de distribuir o povoamento, que já existe. É uma auxiliar dos rios. Corta-lhes, por isto, transversa, os vales.

Daí esta consequência inegável; adapta-se, naturalmente, mercê da própria direção, às deprimidas áreas divisórias dos afluentes laterais, e, acompanhando-os, forra-se em grande parte aos empecilhos daquela hidrografia embaralhada.

Por outro lado, ao sul do paralelo de 8° persiste, certo, o fácies predominante da enorme várzea amazonense. Mas atenuado. A inconstância tumultuária das águas não se retrata em curvas tão numerosas e volúveis. Os terrenos, expandindo-se em ondulações ligeiras com a altitude média, absoluta, de 200 metros, são, no geral, firmes e a cavaleiro das enchentes, Trilhamo-los em vários pontos, Está-se, visivelmente, sobre formações mais antigas, definidas e estáveis, que as da imensa planura pós-quadernária onde ainda se adivinham as derradeiras transformações geológicas do Amazonas, no conflito inevitável entre os cursos d'água inconstantes e a várzea inconsistente,

Além disto, os obstáculos naturais, reduzem-nos, ou amortecem-nos, os traçados que se lhes afeiçoem. A via férrea em questão deve modelar-se pelas condições técnicas menos dispendiosas a um primeiro estabelecimento – caracterizando-se, sobretudo, por uma via singela, de bitola reduzida, de 0,76m ou 0,91m, ou no máximo de 1,0m entre trilhos, que lhe permita os maiores declives e as menores curvas, dando-lhe plasticidade para volver-se em

busca dos terrenos mais altos e estáveis, que lhe alteiem o grade acima das zonas inundadas em traçados quase à flor da terra, Deve nascer como nasceram as maiores estradas atuais: trilhos de 18 quilos, no máximo, por metro corrente, capazes de locomotivas de escasso peso aderente de 15 a 20 toneladas; curvas que se arqueiem até aos raios de 50 metros; e declives que se aprumem até 5% submetidos a todos os movimentos do solo.

Não os tem muito melhores a Central Pacific, de Nevada, com a sua bitola estreita, sem balastro, serpeando com a mesma levidade de trilhos de curvas de 90 metros, e tornejando pendores em rampas inclassificáveis. Ou o Transiberiano, onde locomotivas de 30 toneladas, rebocando 1/6 de peso aderente sobre trilhos de 19 quilos, andando com a velocidade de 20km por hora, não raro recuavam, desandando, constringidas se encontravam de frente, repelindo-as, ponteiras, as ventanias ríspidas das estepes...

Sem dúvida, de uma tal superestrutura, a que se liga o imperfeito do material rodante, de tração ou transporte, resultará reduzidíssima capacidade de tráfego. Mas a linha acriana, a exemplo da Union Pacific Railway, não vai satisfazer um tráfego, que não existe, senão criar o que deve existir.

Como as norte-americanas, construir-se-á aceleradamente, para reconstruir-se vagarosamente.

É um processo generalizado.²⁸ Todas as grandes estradas, no evitarem os empeços que se lhes antolham, transpondo as depressões

28 Exemplo: Recentemente ainda, o Dr. H. Schnoor, um mestre, a quem se devem 2.000km de linhas férreas, ao discutir no Clube de Engenharia as condições técnicas da *Madeira-Mamoré*, não vacilou em aconselhar bitola de 0.60m, trilhos de 10kg, tipo Decauville; locomotivas de 20 toneladas, declives de 5% e curvas de 20 metros de raio!

E diz textualmente: “Será necessário, a meu ver, ir assentando logo os trilhos de qualquer modo, tocando para diante de qualquer forma, fazendo pontes de madeira, no lugar de todo o bueiro, de toda a obra d’arte, para construir as definitivas depois de assente a linha.” (Revista do Clube de Engenharia, VII série, nº 11, 1905.) (Nota de Euclides da Cunha.)

e iludindo os maiores cortes com os mais primitivos recursos que lhes facultem um rápido estiramento dos trilhos, erigem-se nos primeiros tempos como verdadeiros caminhos de guerra contra o deserto, imperfeitos, selvagens. E como para justificar o asserto, o primeiro engenheiro das suas obras rudimentares – que hoje se fazem como há dois mil anos – de suas estacadas, de suas pontes e pontilhões de madeira mal lavradas, superpostas em linhas sobre os *styli fixi* dos tanchões roliços, é César.

Depois evoluem; e crescem, aperfeiçoando os elementos da sua estrutura complexa, como se fossem enormes organismos vivos transfigurando-se com a própria vida e progresso que despertam.

É o que sucederá com a que prefiguramos. Das primeiras linhas deste artigo ressaltam-lhes os efeitos sociais, que se não pormenorizam por demasiado intuitivos, nos múltiplos aspectos que vão do simples fato concreto da redistribuição do povoamento —locando-se com segurança os núcleos coloniais ou agrícolas e demarcando-se legalmente as terras indivisas – à gerência mais pronta, mais desimpedida, mais firme, dos poderes públicos, que hoje ali se triparte, desunida, em sedes administrativas impostas exclusivamente pelas vicissitudes geográficas.

Tais resultados por si sós bastariam a justificar excepcionais dispêndios.

Entretanto, estes são opináveis. Sob a ação imediata do governo, e entregue desde a exploração definitiva à nossa engenharia militar, tudo induz a crer que as três principais seções – do Juruá ao Purus, deste ao Iaco, e do Iaco ao Acre – atacadas ao mesmo tempo e favorecidas pelo fácil transporte fluvial dos materiais necessários, por aqueles rios, se construirão de maneira expedita e com os recursos das próprias rendas locais.

Realmente, as suas obras de arte são inapreciáveis e os trabalhos mais sérios limitam-se à construção de pontilhões e aterros,

e a extensa derrubada, larga de 40m, para a mais intensa insolação do leito.²⁹

Sobre não carecer de extensos desenvolvimentos para captar alturas, a linha não só dispensará túneis para vará-las, ou viadutos, e até cortes apreciáveis, como ainda as três grandes pontes que a princípio se afiguram obrigatórias sobre o Tarauacá, o Purus, e o Iaco. Cada estação *terminus*, extremado-lhe os segmentos precitados, servirá ao mesmo passo à navegação fluvial do rio correspondente, e as baldeações de uma a outra margem deste far-se-ão nos primeiros tempos sem perturbarem demais o tráfego naturalmente restrito.

Assim se prorrogam dispendiosos serviços que podem efetuar-se depois, a pouco e pouco, à feição das circunstâncias. A estrada crescerá com o povoamento. E ainda que atinja àquele enorme desdobramento de 726km e se reduza a uma via singela, com os necessários desvios, comportando apenas a velocidade diminuta de 20km por hora, será percorrida em 36 horas justas, que podem subir a 48 aditando-se-lhes as que se empregam na travessia dos rios.

Realizar-se-á em dois dias a viagem de Cruzeiro do Sul ao Acre, que hoje, nas quadras mais propícias, dura mais de um mês.

A conclusão é infrangível. Não nos delonguemos enumerando-lhe os efeitos extraordinários.

Fixemos outra face da questão.

A engenharia de estradas de ferro definem-na os norte-americanos nesta fórmula concisa e irredutível: “é a arte de fazer um dólar ganhar o maior juro possível”.

Dobremo-nos ao preceito barbaramente utilitário.

²⁹ Esta grande avenida, com o seu maior desenvolvimento, terá uma superfície de $726.000\text{m} \times 40\text{m} = 29.040.000\text{m}^2$. Admitindo-se o valor exagerado de 0,50 por m^2 (duplo do que orçou o Dr. Chrockatt de Sá para a Madeira-Mamoré) a sua abertura custará apenas R.\$ 1:452.000\$000. (Nota de Euclides da Cunha.)

O valor econômico daquele traçado é incalculável. E evidencia-se sob múltiplas formas; sendo naturalmente mais dignas de apreço as mais remotas, oriundas do progredimento ulterior, inevitável, da região atravessada.

Fora longo apontá-las. Indiquemos uma única, mais próxima, imediata e impondo-se ao raciocínio mais obtuso.

A safra da borracha nos três departamentos, entre a oblíqua Cunha Gomes e a faixa neutralizada, durante o penúltimo período comercial de 1905, conforme os documentos mais seguros foi esta:

Rio Juruá	3.382.134	quilogramas
Acre e Purus	5.256.984	quilogramas
TOTAL	8.639.118	quilogramas

Variando os preços atuais entre os extremos de 6\$346 e 3\$865, deduz-se, em números redondos, a média de 5\$000 por quilo; e, subsecutivamente, o valor total da produção – R\$ 43.195:590\$000; acarretando os créditos gerais (23%) de 9.934:985\$700.

Os números são claros e irrefragáveis.

Ora, estes rendimentos tenderão a duplicar, não já em virtude de um desenvolvimento remoto, senão pelo simples fato da abertura do caminho.

A demonstração é de algum modo gráfica, visível.

A exploração das seringueiras, toda a gente o sabe, opera-se, de um modo geral, exclusivamente nas longas fitas das massas que debruam as duas margens dos rios. Os “centros”, anexos aos barracões de primeira ordem, são raros e de ordinário pouco afastados. Ali não há propriamente superfícies exploradas, há linhas exploradas. E estas, de acordo com os dados existentes, podem ser medidas com razoável aproximação. Alongam-se, no Purus, de Barcelona até Sobral; no laco, de Caeté até pouco além do seringal

de São João; de Cruzeiro à foz do Breu, no Juruá; e no Acre do porto do mesmo nome até pouco a montante da confluência do Xapuri. Somando-se a estes grandes segmentos os menores, do Tarauacá, do Envira e Jurupari, chega-se à dimensão total, aproximada, de 150 léguas de faixas exploradas, admitindo-se, o que nem sempre se verifica, a continuidade das mesmas. De qualquer modo, aquela extensão é um *maximum*; e é a definição gráfica, visível, da importância econômica, atual, do Território.

Surge, como se vê, dos simples sulcos dos rios.

Ora, a nova linha será desde logo uma nova “estrada” aberta à entrada dos extratores na colheita pronta de produtos que até hoje não lhes exigiram nenhuns esforços de cultura. Antes de ser uma estrada de ferro será, de fato, uma enorme “estrada” de 120 léguas, quase igual à soma das que se exploram. E como as *Heveas brasiliensis*, ao revés das *castilloas* elásticas geradoras do caucho, se caracterizam pela distribuição uniforme nas florestas, não é aventurosa a proporção que nos dê, de pronto, calcada em números rigorosos, o valor imediato da linha planeada – que se construirá, inevitavelmente, em futuro mais ou menos próximo, submetida à diretriz que lhe marcamos.

Porque à importância que lhe é própria agregam-se as decorrentes do seu traçado articulando-se a outros.

Assim, desde que se ultime a Madeira-Mamoré, esta a atrairá, irresistivelmente, para o levante, realizando-se o fenômeno vulgaríssimo de uma captura de comunicações. Então ela transporá o Acre indo buscar o Madeira na confluência do Abunã, ou em Vila Bela, extinguindo, de golpe, todos os inconvenientes de três navegações contorneantes e longas. Ao mesmo tempo, no outro extremo, dilatando-se para oeste, perlongando o Moa e indo transmontar os cerros abatidos de Contamana, alcançará o Ucayali, deslocando para Santo Antônio do Madeira parte da importância comercial de Iquitos. Então, a transacriana modestíssima, de

caráter quase local, feita para combater uma disposição hidrográfica, e transmudará em estrada internacional, de extraordinários destinos.

•••

Considere-se, a correr, outro lado, menos atraente, deste assunto.

O valor estratégico é supletivo obrigatório dos melhores requisitos que possua qualquer sistema de comunicações em zonas fronteiriças. Mede-se, avalia-se e estuda-se friamente, tecnicamente, sem intuitos agressivos, que não seriam apenas condenáveis: seriam francamente ridículos no nosso tempo e na América.

Assim apresentemo-lo em linhas despidas e secas, com a só eloquência das que se gizam no resolver-se um problema de geometria elementar.

Considerem-se no mapa os traçados do Purus, do Juruá e do Javari, e os do Madre-de-Dios e do Ucayali. São contrariantes. Os primeiros, nos seus rumos a bem dizer uniformes e por igual intervalados, delineiam-se como distensos valos divisórios: subdividem a terra. Os últimos são desmedidos laços de união: abarcam-na. O Ucayali, a partir da confluência do Marañon, alonga-se, contorcido, de oito graus para o sul; inflete depois para leste, pelo Urubamba; e esgalhando-se no Mishagua e no Serjali vai quase anastomosar-se com os últimos manadeiros orientais do Madre-de-Dios. Este, a partir da confluência do Beni, que o leva ao Madeira, desata-se em extensíssima arqueadura cortando sete graus de longitude, para o ocidente; inflete, de leve, para o norte pelo *thalweg* do Manu; e, repartindo-se no Caspajali e no Shauinto, vai quase ao encontro das derradeiras vertentes ocidentais do Ucayali. De permeio uma tira de chão, com 5 milhas de largura: o istmo de Fiscarrald. Os dois rios abarcam quase toda a Amazônia numa área de cerca de 1.100.000km², formando a maior península da Terra.

A pintura hidrográfica é a de desconforme tenaz agarrando um pedaço de continente nas hastes que se encurvam, constrictoras, articuladas naquele istmo.

E figura-se-nos sobremodo desfavorável à defesa e garantia das nossas fronteiras naqueles lados.

Demonstremo-lo sem atavios.

Há a princípio uma ilusão oposta. Na hipótese de um conflito com os países vizinhos, acredita-se, à primeira vista, na valia incomparável daquelas três ou quatro estradas extensíssimas. Entrando pelo Purus, pelo Acre, pelo Juruá, ou ainda pelo Javari, podem mobilizar-se simultaneamente quatro corpos expedicionários em busca de outros tantos pontos longamente afastados numa faixa de operações de 700km, distendida de NE para SO; e aqueles cursos de água recordam as diretrizes estratégicas das “vias consulares” dos romanos. Caem de rijo, perpendiculares, golpeantemente, em cima da fronteira...

Anula-os, porém, a circunvalação desmesurada Madre-de-Dios-Ucayali.

Revela-se o simples contraste das posições geométricas.

De fato, ao perpendicularismo de nossos caminhos de acesso arremetentes em cheio com a orla limítrofe, que entalham – contrapõe-se o paralelismo dela com as duas enormes caudais que a envolvem, ou se lhe ajustam.

Daí esse corolário: os pontos obrigados daquelas lindes remotas, que para nós se erigem em objetivos longínquos no termo da navegação dos rios – serão para os adversários os próprios pontos determinantes de suas linhas de operações. Para garantirmos um número limitado de posições, precisamos de igual número de unidades combatentes e de outras tantas viagens; eles, com algumas lanchas ligeiras e de calado exíguo, defendem todas as entradas.

No caso de um recontro feliz, a nossa vitória resumir-se-á na conquista do campo do combate; para eles será o alastramento do triunfo. Vencidos em qualquer daqueles pontos isolados, sem

ligações transversais com os restantes, resta-nos o recurso único do recuo, deixando a entrada franca à invasão; o antagonista, batido e refluindo ao Pachieta, pelo Ucayali, ou ao Inambari pelo Madre-de-Dios, pode refazer-se em mobilizações vertiginosas.

São deduções seguras. Completa-as outra, preexcelente, enfeixando-as: excluída a hipótese de uma ofensiva temerária, buscando o território estranho, as forças expedicionárias, no Juruá, no Purus e no Acre, predestinam-se à imobilidade, depois de chegarem aos seus objetivos remotos: expectantes, sem poderem fiscalizar os estirões de matas que as separam; ao passo que o Ucayali e o Madre-de-Dios, de Nauta ao istmo de Fiscarrald e deste à embocadura do Beni, são caminhos desimpedidos para as rondas permanentes de uma fiscalização generalizada.

Não se comparam sequer recursos tão diversos. Os dois últimos nos são uma estrada militar incomparável – no ligar rapidamente todos os elementos de resistência e no facilitar as mais complexas mobilizações.

Ora, a linha férrea do Cruzeiro ao Acre balancear-lhe-á o valor.

Dirigida segundo a corda daquela enorme circunvalação, contrapesará a influência, erigindo-se com os mesmos requisitos.

Não precisamos demonstrar. A imagem geográfica é de si mesma bastante sugestiva.

Além disto, o que se deve ver naquela via férrea é, sobretudo, uma grande estrada internacional de aliança civilizadora, e de paz.

Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecemo-la aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas, e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando o maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino desafogado do conjunto. Mesmo nos recantos das especialidades realizam-se, ali, diferenciações inevitáveis: aos geólogos, iludidos a princípio pelas aparências de uma falsa uniformidade estrutural, ainda não lhes sobrou o tempo para definirem um só horizonte paleontológico; aos botânicos não lhes chegam as vidas, adicionadas desde Martius a Jacques Huber, para atravessá-las à sombra de todas as palmeiras... Lemo-los; instruímo-nos; edificamo-nos; apercebemo-nos de rigorosos ensinamentos quanto às infinitas faces, particularíssimas da terra; e, à medida que as distinguimos melhor, vai-se-nos turvando, mais e mais, o conspecto da fisionomia geral. Restam-nos muitos traços vigorosos e nítidos, mas largamente desunidos. Escapa-se, de todo a enormidade que só se pode medir, repartida: a amplitude,

30 Preâmbulo ao livro, do mesmo título, de Alberto Rangel, 1908.

que se tem de diminuir, para avaliar-se, a grandeza, que só se deixa ver, apequenando-se, através dos microscópios: e um infinito que se dosa, a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente, torturantemente...

Mas ao mesmo passo, convém-se em que esta marcha sobremaneira analítica, e de longo discurso remorado, é fatal. A inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la. O exemplo de Walter Bates atesta-o. O grande naturalista assistiu mais de um decênio na Amazônia, realizando descobertas memoráveis, que estearam o evolucionismo nascente; e, durante aquele período de aturado esforço, não saiu da estreita listra litorânea desatada entre Belém e Tefé. Dali, surpreendeu os Institutos da Europa; conquistou a admiração de Darwin; refundiu, ou recompôs, muitos capítulos das ciências naturais; e ao cabo de tão fecunda empresa poderia garantir que não esgotara sequer o recanto apertadíssimo em que se acolhera. Não vira a Amazônia. Daí o ter visto mais que os seus predecessores.

É natural. A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. Anula-a a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados adscripta à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro de seus aspectos imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a reduzir, subdividindo-a, estreitando e especializando, ao mesmo passo, os campos das observações, consoante a norma de W. Bates, seguida por Frederico Hartt, e pelos atuais naturalistas do Museu Paraense. Estes abalançam-se, hoje, ali, a uma tarefa predestinada a conquistas parciais tão longas que todas as pesquisas anteriores constituem um simples reconhecimento de três séculos.

É a guerra de mil anos contra o desconhecido. O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, em futuro remotíssimo, ao

arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa, onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios.

Mas então não haverá segredos na própria Natureza. A definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a história natural...

• • •

Imagine-se, entretanto, uma inteligência heroica, que se afoite a contemplar, de um lance e temerariamente, a Esfinge.

Titubeará na vertigem do deslumbramento. Mostra-no-lo este livro.

Linhas nervosas e rebeldes, riscadas ao arrepio das fórmulas ordinárias do escrever, revelam-nos, graficamente visíveis, as trilhas multitrívias e revoltas e encruzilhadas lançando-se a todos os rumos, volvendo de todas as bandas, em torcicolos, em desvios, em repentinos atalhos, em súbitas paradas, no arremesso de avanços impetuosos, ora, de improviso, em recuos, aqui pelo clivoso abrupto dos mais alarmantes paradoxos, além, desafogadamente retilíneas, pelo achanado e firme dos conhecimentos positivos de uma alma a divagar, intrépida e completamente perdida, entre resplendores.

O Inferno verde, a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desquer, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas, rijas, lisa e acepilhada de ousadias, a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana.

Porque é um livro bárbaro. Bárbaro, conforme o velho sentido clássico: estranho. Por isto mesmo, todo construído de verdades, figura-se um acervo de fantasias. Vibra-lhe em cada folha um doloroso realismo, e parece engehado por uma idealização afogueadíssima. Alberto Rangel tem a aparência perfeita de um

poeta, exuberante demais para a disciplina do metro, ou da rima, e é um engenheiro adito aos processos técnicos mais frios e calculados. A realidade surpreendedora entrou-lhe pelos olhos através da objetiva de um teodolito. Armaram-lhe os cenários fantásticos nas redes das trianguladas. O sonhador norteou a sua marcha, balizando-a, pelos rumos de uma bússola. Conchavavam-se-lhe os mais empolgantes lances e os azimutes corrigidos. E os seus poemas bravios escreveram-se nas derradeiras páginas das cadernetas dos levantamentos.

Inverteu, sem o querer, os cânones vulgaríssimos da arte. É um temperamento visto através de uma natureza nova. Não a alterou. Copiou-a, decalcando-a. Daí as surpresas que despertará. O crítico das cidades, que não compreender este livro, será o seu melhor crítico. Porque o que aí é fantástico e incompreensível, não é o autor, é a Amazônia...

A sua impressionabilidade artística tentou abranger o conjunto da terra e surpreender-lhe a vida maravilhosa. Deve assombrar-nos. Não lhe entendemos o exagerado panteísmo.

O escritor alarma-nos nas mais simples descrições naturais. O que se diz natureza morta, agita-se-lhe poderosíssima, sob a pena; e imaginamos que há fluxos galvânicos nas linhas onde se parte a passividade da matéria e as coisas duramente objetivas se revestem de uma anômala personalidade.

Matas a caminharem, vagarosamente, viajando nas planuras, ou estacando, cautas, à borda das barreiras a pique, a refletirem, na mesma desordem dos ramalhos estorcidos, a estupenda conflagração imóvel de uma luta perpétua e formidável; lagos que nascem, crescem, se articulam, se avolumam no expandir-se de uma existência tumultuária, e se retraem, definham, deperecem, sucumbem, extinguem-se e apodrecem feito extraordinários organismos, sujeitos às leis de uma fisiologia monstruosa; rios

pervagando nas solidões encharcadas, à maneira de caminhantes precavidos, temendo a inconsistência do terreno, seguindo

com a disposição cautelosa das antenas dos “furos”.

São a realidade, ainda não vista, a despontar com as formas de um incorrigível idealismo, no claro-escuro do desconhecido...

Um sábio no-la desvendaria, sem que nos sobressalteássemos, conduzindo-nos pelos infinitos degraus, amortecedores, das análises cautelosas. O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a, d’alto; tira-lhe, de golpe, os véus, desvendando-no na esplêndida nudez da sua virgindade portentosa.

Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênese.

Tem a instabilidade de uma formação estrutural acelerada. Um metafísico imaginaria, ali, um descuido singular da natureza, que após construir, em toda a parte, as infinitas modalidades dos aspectos naturais, se precipita, retardatária, a completar, de afogadilho, a sua tarefa, corrigindo, na paragem olvidada, apressadamente, um deslize. A evolução natural colhe-se no seu seio, em flagrante.

O raio da vida humana, que noutros lugares não basta a abranger as vicissitudes das transformações evolutivas da terra e tem de dilatar-se no tempo, revivendo, nas profecias retrospectivas, as extintas existências milenárias dos fósseis – ali abarca círculos inteiros de transmutações orogênicas expressivas. A geologia dinâmica não se deduz, vê-se; e a história geológica vai escrevendo-se, dia a dia, ante as vistas encantadas dos que saibam lê-la. Daí, as surpresas. Em toda a parte afeiçoamo-nos tanto ao equilíbrio das formas naturais, que já se apelou para uma tumultuária hipótese de cataclismos, a fim de se lhes explicarem as modificações subitâneas; na Amazônia, as mudanças extraordinárias e visíveis

ressaltam no simples jogo das forças físicas mais comuns. É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo...

Agita-se, vibra, arfa, tumultua, desvaira. As suas energias telúricas obedecem à tendência universal para o equilíbrio, precipitadamente. A sua fisionomia altera-se diante do espectador imóvel. Naquelas paisagens volúveis imaginam-se caprichos de misteriosas vontades.

E, ainda sob o aspecto secamente topográfico, não há fixá-la em linhas definitivas. De seis em seis meses, cada enchente, que passa, é uma esponja molhada sobre um desenho malfeito: apaga, modifica, ou transforma, os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas planuras desmedidas o pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontentável...

•••

Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. O livro é, todo ele, este contraste.

Assim, o assunto se engravesce. A atitude do escritor delinea-se, forçadamente, em singularíssimo destaque. O seu aspecto anômalo, de fantasia, acentua-se, no ajustar-se, linha por linha, às aparências terríveis da verdade.

Mas exculpemo-lo, aplaudindo-o. Alberto Rangel agarrou, num belo lance nervoso, o período crítico e fugitivo de uma situação, que nunca mais se reproduzirá na história.

Esta felicidade, compensa-lhe o rebarbativo dos assuntos.

No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo...

Não a descreveremos. Temos este livro. Ele enfeixa os sinais comemorativos das moléstias. E melhor do que o faríamos em maciços conceitos, vibram-lhe os comoventes lances de uma

deplorável agonia coletiva, em onze capítulos, que são onze miniaturas de Rembrandt, referidas de apavorante simbolismo.

Contemplando-as vereis como se sucedem e se revezam – entre as gentes pervagantes no solo, que lhes nega a própria estabilidade física, escapando-se-lhes nas “terras-caídas” e nas inundações – todos os anseios, cindidos de proditórias esperanças, que as trabalham, e as aviventam, sacrificando-as.

“Maibi” é a imagem da Amazônia mutilada pelas miríades de golpes das machadinhas homicidas dos seringueiros. Na “Hospitalidade”, o homem decaído volve, em segundos, por um milagre de atavismo, à tona da humanidade, antes de mergulhar de uma vez na sombra, dia a dia mais espessa, da sua decrepitude moral irremediável.

“Teima da vida” é a comunidade monstruosa, sem órgãos perfeitos, recém-nascida e moribunda, vegetando por um prodígio da natureza mitrificadora, cujos dons ela monopolizou em detrimento de raças mais robustas, que noutros territórios sucumbem, combatidas, esmagadas pelos antagonismos.

Nos demais o mesmo traço pessimista e lúgubre. É compreensível.

Na terra extraordinária conchavam-se, por vezes, os elementos físicos mais simples e os mais graves da ordem moral, para exprimir a mesma fatalidade. Lede, por exemplo: a “Obstinação”.

A tragédia decorre sem peripécias, a desfechar logo, fulminantemente. Um potentado ambiciona as terras de um caboclo desprotegido. Toma-lha, parcerando-se à justiça. O caboclo obstina-se; e vence num lance de loucura a tremenda iniquidade: para ficar na sua terra, e para sempre, enterra-se vivo e morre. É simples, inverossímil; mais é um aspecto da organização social da Amazônia. A grei selvagem copia, na sua agitação feroz, a luta inconsciente, pela vida, que se lhe mostra na ordem biológica inferior.

O homem mata o homem como o parasita aniquila a árvore. A *Hilae* encantadora, de Humboldt, dá-lhe esta lição medonha:

O apuizeiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao indivíduo sacrificado estendendo por sobre ele um milhar de tentáculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuizeiro não se enumeram. Cada célula microscópica, na estrutura de seu tecido, se amolda numa boca sedenta. E é uma luta sem um murmúrio. Começa pela adaptação ao galho atacado de um fio lenhoso, vindo não se sabe donde. Depois, esse filete vintumesce e avolumado, se põe: por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança constringente, para malhetar a presa, a que se substitui completamente. Como um sudário, o apuizeiro envolve um cadáver; o cadáver apodrece, o sudário reverdesce imortal.

O abieiro teria vida por pouco. Adivinhava-se um esforço de desespero no mísero enleado, decidido a romper o laço da distrição, mas o maniatado parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que um arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-ia despedaçar os tentáculos e arrancá-los. Bastaria, porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capiláceo colado à árvore, para que; em renovos, o carrasco reacometesse a vítima, que não se salvaria. O pólipó é um polipeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não há reduzi-la a um indivíduo. É a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparável na república dos embriões sinérgicos. O que fica basta sempre a revivescência, reproduz-se fácil, na precipitação latente e irrefreável de procriar sempre.

A copa de pequenas folhas coriáceas e glabras do abieiro sumia-se quase na larga folharia da parasita monstruosa.

Representava, na verdade, esse duelo vegetal, um espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuizeiro social...

Um botânico descrever-nos-ia, certo, com maior nitidez, a maligna morácea, começando por inquirir-lhe, gravemente, o gênero (fícus fagifolia?... fícus pertusa?...). Porém não no-la pintaria tão viva, nos seus caracteres golpeantes. Por outro lado, um sociólogo não depararia conceitos a balancearem a eloquência sintética daquela imagem admirável.

• • •

Aquele extrato resume o estilo do livro.

Vê-se bem: é entrecortado, sacudido, inquieto, impaciente. Não se desafoga, distenso, em toda a amplitude das ondas sonoras da palavra, permitindo a máxima expansão aos pensamentos tranquilos. Constringe-se entre as pautas, cinde-se numa pontuação inopinada, estaca em súbitas reticências...

Na interferência acústica os pontos silenciosos explicam-se pelo próprio cruzamento dos sons. Há interferências mentais naqueles períodos breves, instantâneos, incompletos às vezes, feridos constantemente pelas próprias incidências das ideias, numerosas demais. Sente-se que o escritor está entre homens e coisas, uns e outras dúbios, mal aflorando às vistas pela primeira vez, laivados de mistérios. O pensamento faz-se-lhe, adrede, vibrátil, ou incompleto, a difundir-se de improviso no vago das reticências, por não se desviar demasiado das verdades positivas que se adivinham. As imagens substituem as fórmulas. Realmente, fora impossível subordinar a regras prefixas, efeitos de longos esforços culturais, as impressões que nos despertam a terra e as gentes, que mal se descortinam, agora, aos primeiros lampejos da civilização.

Além disto, Alberto Rangel é um assombrado diante daquelas cenas e cenários; e, num ímpeto ensofregado de sinceridade, não quis reprimir os seus espantos, ou retificar, com a mecânica frieza dos escreventes profissionais, a sua vertigem e as rebeldias da sua tristeza exasperada.

Fez bem; e fez um grande livro.

Vão respingar-lhe defeitos. Devem-se distinguir, porém, os do escritos dos do assunto.

Quem penetrou tão fundo o âmago mais obscuro da nossa gens primitiva e rude, não pode reaparecer à tona, sem vir coberto da vasa dos abismos...

Ademais, o nosso conceito crítico é de si mesmo instável e as suas atuais sentenças transitórias. Antes de o exercitar em trabalhos desta espécie, cuja aparência anômala lhes advém de uma profunda originalidade, cumpre-nos não esquecer o falso e o incharacterístico da nossa estrutura mental, onde, sobretudo, preponderam reagentes alheios ao gênio da nossa raça. Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política. Desde a construção das frases ao seriar das ideias, respeitamos em excesso os preceitos das culturas exóticas, que nos deslumbram – e formamos singulares estados de consciência, a priori, cegos aos quadros reais da nossa vida, por maneira que o próprio caráter desaparece-nos, folheado de outros atributos, que lhe truncam, ou amortecem, as arestas originárias.

O que se diz escritor, entre nós, não é um espírito a robustecer-se ante a sugestão vivificante dos materiais objetivos, que o rodeiam, senão a inteligência, que se desnatura numa dissimulação sistematizada. Institui-se uma sorte de mimetismo psíquico nessa covardia de nos forrarmos, pela semelhança externa, aos povos que nos intimidam e nos encantam. De modo que, versando as nossas coisas, nos salteia o preconceito de sermos o menos

brasileiro que nos for possível. E traduzimo-nos, eruditamente, em português, deslembrando-nos que o nosso orgulho máximo devera consistir em que ao português lhe custasse o traduzir-nos, lendo-nos na mesma língua.

De qualquer modo, é tempo de nos emanciparmos.

Nas ciências, mercê de seus reflexos filosóficos superiores estabelecendo a solidariedade e harmonia universais do espírito humano, compreende-se que dobreemos a todos os influxos estranhos.

Mas nenhum mestre, além das nossas fronteiras, nos alentará a impressão artística, ou poderá sequer interpretá-la. A frase impecável de Renan, que esculpiu a face convulsiva do gnóstico, não nos desenharia o caucheiro; a concisão lapidária de Herculano deperreceria, inexpressiva, na desordem majestosa do Amazonas.

Para os novos quadros e os novos dramas, que se nos antolham, um novo estilo, embora o não reputemos impecável nas suas inevitáveis ousadias.

É o que denuncia este livro.

Além disto, enobrece-o uma esplêndida sinceridade.

É uma grande voz, pairando, comovida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores ilusórias da esperança...

OS TRABALHOS DA COMISSÃO BRASILEIRA DE RECONHECIMENTO DO ALTO PURUS³¹

Que houve de mais importante na dificultosa viagem da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus?

– Responderei apenas à sua primeira pergunta, fazendo-o de modo a dar uma apagada resenha da nossa viagem – e assim procedo porque, avaliando as reservas que devem existir em trabalhos desta natureza – reservas que ao meu ver devem estender-se aos últimos pormenores técnicos – não desejo romper com uma utilíssima praxe.

Farei, portanto, uma breve narrativa, restringindo-se a assuntos que entendam o menos possível com os deveres profissionais.

Partindo de Manaus a 5 de abril aqui aportamos, de volta, a 23 do corrente: seis meses e meio. Para muitos isto foi um prodígio de celeridade, dada a quadra imprópria em que seguimos.

Mas o fato explica-se pela própria natureza da comissão. Íamos em trabalhos dessa engenharia expedita em que uma vasta série de observações e estudos colhidos no menor tempo possível compensem largamente o grau inferior de precisão nos resultados conseguidos. De fato, o que importava, sobretudo, era um juízo claro e pronto, de conjunto, das regiões atravessadas, uma síntese enfeixando-lhes os aspectos predominantes – relegando-se

31 Entrevista ao *Jornal do Commercio*, Manaus, 29 out. 1905.

naturalmente a indagações ulteriores, pormenorizadas e lentas, todas as outras faces, numerosíssimas, que nos patenteia qualquer paragem perlustrada, e que vão, numa complexidade crescente, do simples fato astronômico da determinação das coordenadas às manifestações variadíssimas da vida.

Realmente, para o engenheiro, num reconhecimento, a rocha, a flor, o surpreendido numa volta do caminho, um recanto de floresta, um pedaço de rio enovelado em corredeira ou desatado em estirões, e as mesmas estrelas que ele prende por um instante nas malhas dos retículos, tudo o que se lhe agita em roda deve impressioná-lo e interessá-lo, mas não o prende, não o manietta e não o remora.

Nós podíamos avançar aforradamente, e fizemo-lo visando ressarcir o tempo que se perdera em Manaus.

Entretanto, levamos ainda um mês para chegarmos à boca do Acre; e quinze dias depois, a 21 de maio, tivemos de estacar antes da confluência do Chandless, em virtude do lamentável naufrágio do batelão *Manuel Urbano*, onde iam os nossos gêneros. Retidos pelo doloroso incidente, que nos desaparelhava de recursos precisamente à entrada do deserto, e impunha a reorganização da comissão enfraquecida justamente na ocasião em que deviam multiplicar-se as suas energias para investir com o desconhecido – somente em começos de junho abalamos da boca do Chandless para a frente.

Íamos em canoas, e se considerardes que os seus tripulantes empunhavam pela primeira vez os varejões e os remos, se atenderdes que o rio, esgotado, impunha os máximos resguardos no se evitarem choques em paus e encalhes nos baixios, e se somardes todas as paradas obrigatórias nas estações em que avaliávamos as distâncias com a luneta de Lugeal – ajuizareis de todo o nosso desapontamento e quase desânimo resultantes de um confronto da nossa marcha ronceira de três a quatro milhas diárias e o desmedido da distância a percorrer.

Estas coisas, porém, foram melhorando em marcha: o soldado ou o trabalhador bisonho a pouco e pouco se transmudou no varejador desempenado, e a observação persistente do regime das águas esclareceu os proeiros rio se desviarem dos sucessivos obstáculos, de sorte que, duplicada a breve trecho a nossa marcha, fomos atingindo as principais escalas do roteiro.

A 3 de junho, chegamos a Novo Lugar, onde estacionara a comissão administrativa brasileira, tolhida pela vazante; a 21, estávamos em Cataí; a 29, em Curanjá. Compensáramos bem, nessa arrancada, parte do tempo que se perdera.

Partimos de Curanjá a 5 de julho, depois de breve demora para se regularem os nossos cronômetros, e zarpamos para a Forquilha longínqua do Purus.

Íamos para o misterioso. Não pode negar-se que até aquela data existia, entre nós e as nascentes do Purus, descido um desmesurado telão, escondedo-no-las. Ademais, no “caserio” de Curanjá, onde fomos bem acolhidos, avultavam, mais desanimadores, os informes relativos aos lugares que íamos atravessar.

Concluía-se que eram impenetráveis, somente acessíveis às ubis ligeiras dos caucheiros tripuladas pelos amauacas mansos. Multiplicavam-se os paus, as pedras e baixios que trancavam o rio. Repontavam os obstáculos novos das cachoeiras, no leito, e grandes tremendais às margens dos rios esgotados, e, cumulando tais empeços, ao cabo, o antagonismo formidável dos “campas” destemerosos. Citava-se o homicídio de um empregado da casa Arana, desta cidade, e apensos a este caso verídico, sem-número de outros vinham engravescer os desalentos, dando-nos a quase certeza de que não poderíamos ir muito longe. E como experimentado caucheiro de Curanjá nos marcara 17 dias para chegarmos a Forquilha, imaginamos efetuar esta travessia em 25, pelo menos.

Fizemo-la em 13. A diferença é expressiva e dispensa maior comentário no delatar o afogado da sulcada.

Contribuiu, certo, para isso a mudança do clima que rapidamente varia, tornando-se muito superior ao dos lugares a jusante.

A própria praga de carapanãs, piuns e mantabancas, que para baixo tortura por tanta maneira o viajante, ali desaparece; e numa constância admirável, sem repentinas transições de temperatura e sem a pesada umidade que para logo sentimos no mesmo reanimar-se das nossas disposições para o avançamento. Mas por outro lado, lá estavam, tangíveis, as grandes dificuldades contra as quais embateríamos, impotentes.

Duvidávamos da subida. No Rio Cujar, que conduz ao varadouro por assim dizer oficial, percorrido até hoje pelos que demandam Iquitos, pelo Ucaiale, aguardavam-nos, à parte dos bancos de areias e paus, 74 cachoeiras. Se as transpusessemos, chegaríamos ao Cavaljane, onde os entraves redobriariam ao lado dos mesmos empecilhos das quedas d'água... Depois viria a em penosíssima do Pucani, para afinal entrar-se no “varadouro”.

No Curiujá, idênticos obstáculos.

Sobre tudo isto, a ameaça dos *infieles*. Duas horas antes de alcançarmos aquele ponto, tínhamos visto, atirado no barranco esquerdo do rio, num claro, entre as frecheiras, o cadáver de uma mulher, uma amauaca. Fora, ao que lhe colhemos depois, trucidada pelos bárbaros, que rondavam por perto numa ameaça permanente e surda.

Vede bem: íamos como na complicada urdidura de um conto oriental; os trabalhos resciam-nos à medida que os vencíamos.

Assim partimos da Forquilha, confluência do Cujar e do Curiujá, para a frente.

E fomos à meia razão. Demandávamos paragens despovoadas e os víveres que levávamos, no máximo para 25 dias, reduziam-se à carne-seca, farinha que se acabou ao fim de 12 dias, um pouco de açúcar que, tenazmente poupado, durou 3, meio garrafão de arroz, uns restos de bolacha esfarinhada, que uma chuva repentina diluiu, e algumas latas de leite condensado.

Propositadamente apresento esta lista. É eloquente.

Prosseguimos a 24 – e vimos logo o fundamento das informações obtidas. Na parte inferior, antes do primeiro rápido, o Cujar, desenrolado em estirões, alargando-se não raro de modo desproporcionado às suas águas escassas, dificultou a passagem pelos longos e contínuos baixios, indo de uma a outra margem, sem o mais estreito canal que evitasse o exaustivo serviço do arrastamento das canoas. Um empenço novo, aparentemente desvalioso, aparecera na vegetação característica de suas margens, orladas de “buchiticas” (*Calliandra trinervia*), leguminosa admiravelmente artística, cujos ramos distendidos horizontalmente e repousando sobre as águas tomavam em largos tratos trechos de melhor aceso. Desta sorte, antes mesmo de galgarmos a parte encachoeirada, tivemos tresdobrada a luta que traváramos desde a confluência do Chandless e vimo-la engravescida pela impropriedade das nossas embarcações, mui diversas das ubás aligeiradas, únicas que se afeiçoam àquele rio.

Atingindo o primeiro rápido, vimos para logo, à parte os inconvenientes próprios à sua passagem, uma causa inevitável de demora na baldeação, por terra, prolongando os barrancos dos nossos cronômetros, já tão duramente batidos pela navegação anterior.

Transmontamo-lo; e dali por diante, numa intercadência invariável, numa sucessão intervalada de degraus, se nos antepuseram aquelas barreiras, vencidas não raro a pulso, lentamente arrastadas as canoas sobre as pedras, quando não exigiam o supletivo de sirga ou cabos de segurança, reagindo à violência tumultuária da correnteza.

A natureza do terreno mudara.

Revelavam-no as pedras que afloram por toda a banda, formando quase todo o leito do rio.

São evidentemente rochas sedimentárias, mas sob os dois aspectos que patenteiam, já finamente granuladas, já em grosseiros

conglomerados, recordam na consistência e rijeza os quartzitos e granitos. A combinação ou separação de ambos forma os vários tipos de quedas, que ora tombam, exabrupto, de um salto único, ora em repetidos socalcos, ou então em planos clivosos, eriçados de pontas ou atravancados de blocos dismantelados.

Assim varávamos os meios para vencê-las. Não os apresentarei para não dilatar esta resenha – assim como nada direi sobre sofrimentos, que se preveem, para fugir à triste contingência de fazer reclame de sacrifícios.

No dia 30 de julho, alcançamos a confluência do Cavaljane. Estávamos nas cabeceiras do Purus.

Proseguimos – chegando no dia 3 de agosto, às 12 e 55 minutos, à entrada do Pucani; e às 12 e 58 desembarcados, penetrávamos na estreita quebrada que leva ao varadouro. Note este intervalo. Não podíamos parar. Os nossos gêneros esgotavam-se e estávamos em pleno deserto...

O Pucani tortuoso, estreito de uns três metros e em geral raso, foi percorrido a pé, transpostos os profundos poços em que intermitentemente se afunda, pelos atalhos que lhe ladeiam os barrancos, dentro do mato. Sem guias, não nos transviamos por uma outra quebrada igual, que lhe afluí à esquerda, graças às latas vazias, de conservas e de pólvora, que íamos a espaços encontrando – de sorte que, às 3 e 15, ao chegarmos a um último poço, deparávamos, retilíneo, atrevidamente arremessado por uma vertente fortíssima – o sulco do varadouro...

Extremam-no quatro “tambos” de pexiúba, onde se acolhem os viajantes e se guardam as mercadorias. Em roda, por todos os lados, latas vazias, de conserva, garrafas, e uma velha ferragem espalhada, delatavam a escala forçada dos que por ali passam e um tráfego relativamente grande.

O varadouro, largo de um metro, abre-se adiante, para o sul. Empina logo em ladeira e muito mais íngreme do nosso lado,

descamba depois, mais suavemente, em três pequenos socalcos, para o vale do Ucaiale. Em alguns minutos estávamos no seu ponto culminante, e não conseguimos, absolutamente, observar o aneroide.

O sol descia para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da Terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes dilatados e trancando-os inteiramente – ao sul, ao norte e a leste – foi a imagem arrebatadora da nossa Pátria que nunca imaginei tão grande.

Fiquemos nesta altura...

A abertura de um seringal, no Purus, é tarefa inacessível ao mais solerte agrimensor, tão caprichosa e vária é a diabólica geometria requerida pela divisão dos diferentes lotes. De feito, relegado a um *minimum* extraordinário o valor próprio da terra, ante a valia exclusiva da árvore, ali se engenhou uma original medida agrária, a “estrada”, que por si só resume os mais variados aspectos da sociedade nova, à ventura abarracada à margem daqueles grandes rios.

A unidade não é o metro – é a seringueira; e como em geral 100 árvores, desigualmente intervaladas, constituem uma “estrada”, compreendem-se para todas as disparidades de forma e dimensões do singularíssimo padrão que é, não obstante, o único afeiçoado à natureza dos trabalhos.

Não há gizar-se um outro. Perdido na mata exuberante e farta, com o intento exclusivo de explorar a hevea apeteçada, o seringueiro compreende, de pronto, que a sua atividade se debaterá, inútil, na inextricável trama das folhagens, se não vingar norteá-la em roteiros seguros, normalizando-lhe o esforço e ritmando-lhe o trabalho tão aparentemente desordenado e rude. É-lhe, ademais, indispensável que os seus numerosos camaradas, fregueses ou aviados, destinados a agirem isoladamente, não se embaralhem, às tontas, iludidos pelos desvios da floresta.

32 *Kosmos*, ano III, nº 1. Rio de Janeiro, jan. 1906.

As “estradas” resolvem a questão. Mas o seu traçado é, de si mesmo, o primeiro problema imposto a quem quer que intente abrir um sítio de borracha.

Assim é que, erguida rapidamente a primeira vivenda do barracão, sempre à beira do rio principal, na barranca de uma terra firme a cavaleiro das águas – e feito um reconhecimento preliminar do latifúndio que o rodeia, o sitiante procura um sertanista experimentado a quem confia o encargo de dividir-lhe e avaliar-lhe a fazenda.

E o mateiro lança-se sem bússola no dédalo das galhadas, com a segurança de um instinto topográfico surpreendente e raro. Percorre em todos os sentidos o trecho de selva a explorar; nota-lhe os acidentes; apreende-lhe a fotografia complexa, que vai dos igapós alagados aos firmes sobranceiros às enchentes; traça-lhe os varadores futuros; avalia-lhe, rigorosamente, as “estradas”; e vai no mesmo lance, sem que lhe seja mister traduzir complicadas cadernetas, escolhendo à beira dos igarapés todos os pontos em que deverão erigir-se as pequenas barracas dos trabalhadores.

Feito este exame geral, apela para dois auxiliares indispensáveis – o toqueiro e o piqueiro; e erguendo num daqueles pontos predeterminados, com as longas palmas da jarina, um papiri, onde se abriguem transitoriamente, metem mãos à empreitada.

O processo é invariável. Segue o mateiro, e assinala o primeiro pé de seringa, que se lhe antolha ao sair do papiri. É a boca da estrada. Aí se lhe reúnem o toqueiro e o piqueiro – prosseguindo depois, isolado, o mateiro até encontrar a segunda árvore, de ordinário pouco distante, a uns cinquenta metros. Avisa então com um grito particular, ao toqueiro, que parte a alcançá-lo junto da nova madeira, enquanto o piqueiro, acompanhando-o mais de passo, vai tirando a facão a picada, que prefigura a “estrada”. O toqueiro auxilia-o por algum tempo, abrindo por sua vez um pique para o seu lado, enquanto um outro grito do mateiro não

o chame a reconhecer a terceira árvore; e assim em seguida até ao ponto mais distante, a volta da estrada. Daí, agindo do mesmo modo, retrogradando por outros desvios, vão de seringueira em seringueira, fechando a curva irregularíssima que termina no ponto de partida.

Ultima-se o serviço, que dura ordinariamente três dias, ficando a “estrada” em pique. Partindo do mesmo lugar, e adstritos ao mesmo sistema, abrem noutro rumo uma segunda estrada; e tantas, ao cabo, quantas comporte a natureza da floresta circundante, centralizadas todas pela mesma boca, junto do tejupar que localiza uma barraca. Busca então o mateiro um outro lugar, inteligentemente escolhido, e reproduz a mesma operação, até que, estradado todo o terreno, fique completamente repartido o seringal, como o revela este esboço, onde, presas pelos varadores ao barracão erguido à beira do rio, se veem as barracas e as estradas que as envolvem, contorcidas à maneira de tentáculos de um polvo desmesurado. É a imagem monstruosa e expressiva da sociedade torturada que moureja naquelas paragens. O cearense aventureiro ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa de brabo a manso, consoante a gíria dos seringais (o que significa o passar das miragens que o estonteavam para a apatia de um vencido ante a realidade inexorável), ergue a cabana de paxiúba à ourela mal destocada de um igarapé pinturesco, ou mais para o centro numa clareira, que a mata ameaçadora constringe, e longe do barracão senhoril, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto, pressente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que ele vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril.

A piwvre assombradora tem, como a sua miniatura pelágica, uma boca insaciável servida de numerosas voltas constritoras; e

só o larga quando, extintas todas as ilusões, esfolhadas uma a uma todas as esperanças, queda-se-lhe um dia, inerte, num daqueles tentáculos, o corpo repugnante de um esmaleitado, caindo no absoluto abandono.

Considerai a disposição das “estradas”.

É o diagrama da sociedade nos seringais, caracterizando-lhe um dos mais funestos atributos, o da dispersão obrigatória.

O homem é um solitário. Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta vastíssima área é folgadamente explorada por oito pessoas apenas. Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanência de uma exploração agitada, grandes desolamentos de deserto...

Um seringal médio de 300 estradas corresponde a cerca de vinte léguas quadradas; e toda essa província anônima comportará, no máximo, o esforço de 150 trabalhadores.

Ora, esta circunstância, este afrouxamento das atividades distendidas numa faina dispersiva, a par de outras anomalias, que mais adiante revelaremos, contribui sobremaneira para o estacionamento da sociedade que ali se agita no afogado das espessuras, esterilmente – sem destino, e sem tradições e sem esperanças —, num avançar ilusório em que volve monotonamente ao ponto de partida, como as “estradas” tristonhas dos seringais...





© 2012, Fundação Darcy Ribeiro
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro
Rua Almirante Alexandrino, 1991
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

Curadoria

Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral
Godofredo de Oliveira Neto
Antonio Edmilson Martins Rodrigues

Comitê Editorial

Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro
Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional
Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília
Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional
Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília

Produção

Editora Batel

Coordenação editorial

Carlos Barbosa

Projeto gráfico

Solange Trevisan zc

Diagramação

Solange Trevisan zc

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Tratamento de textos da coleção

Clara Diament

Edmilson Carneiro

Cerise Gurgel C. da Silveira

Carina Lessa

Léia Elias Coelho

Maria Edite Freire Rocha

Projeto de capa

Leonardo Viana

Assessoria de Comunicação Fundar

Laura Murta

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C972s

Cunha, Euclides da, 1866-1909

Seleta: textos sobre o Brasil / Euclides da Cunha. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 236 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 18).

ISBN 978-85-635-7431-2

1. Brasil – História. I. Fundação Darcy Ribeiro II. Título. III. Série.

CDD-981

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



Patrocínio:



Realização:

Ministério da
Cultura



Impressão e acabamento :





FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO

Instituidor

Darcy Ribeiro

Conselho Curador

Alberto Venâncio Filho

Antonio Risério

Daniel Corrêa Homem de Carvalho

Elizabeth Versiani Formaggini

Eric Nepomuceno

Fernando Otávio de Freitas Peregrino

Gisele Jacon de Araújo Moreira

Haroldo Costa

Haydée Ribeiro Coelho

Irene Figueira Ferraz

Isa Grinspum Ferraz

Leonel Kaz

Lucia Velloso Maurício

Luzia de Maria Rodrigues Reis

Maria de Nazareth Gama e Silva

Maria Elizabeth Brêa Monteiro

Maria José Latgé Kwamme

Maria Stella Faria de Amorim

Maria Vera Teixeira Brant

Mércio Pereira Gomes

Paulo de F. Ribeiro

Paulo Sergio Duarte

Sergio Pereira da Silva

Wilson Mirza

Yolanda Lima Lobo

Conselho Curador – In Memoriam

Antonio Callado

Carlos de Araujo Moreira Neto

Leonel de Moura Brizola

Moacir Werneck de Castro

Oscar Niemeyer

Tatiana Chagas Memória

Conselho Fiscal

Eduardo Chuahy

Lauro Mário Perdigão Schuch

Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro

Alexandre Gomes Nordskog

Diretoria Executiva

Paulo de F. Ribeiro – Presidente

Haroldo Costa – Vice-Presidente

Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira

Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural

Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica





